



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**IDENTIDADE ÉTNICA, ORIENTAÇÃO PARA OS
OUT-GROUPS, DISCRIMINAÇÃO
PERCEPCIONADA E AUTO-ESTIMA EM
ADOLESCENTES**

**INÊS ISABEL CUNHA PERDIGÃO MARQUES DA
COSTA**

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR FRANCISCO PEIXOTO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA DE LOURDES MATA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Educacional

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Francisco Peixoto, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional.

Agradecimentos

Depois de terminada esta fase tão importante para mim, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que me apoiaram ao longo deste percurso e que de alguma forma contribuíram para que conseguisse ultrapassar o que se afigurava, quase sempre, um obstáculo intransponível.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos dirigentes das duas escolas onde recolhi os dados para a realização deste trabalho, e também a todos os jovens que participaram neste projecto.

Agradeço à Professora Lourdes Mata pelos conhecimentos transmitidos durante as aulas de Seminário da Dissertação.

Um agradecimento muito especial ao Professor Francisco Peixoto, não só por me ter ensinado muito, mas principalmente pelo seu apoio incansável durante a realização deste trabalho.

Quero também agradecer ao Doutor António Neves por ter contribuído tanto para que conseguisse concretizar este meu objectivo.

Agradeço à minha família, em especial à minha tia Ana, à minha mãe, à minha avó Natália, ao meu avô Joel, pelo apoio incondicional, desde sempre.

Não posso deixar de agradecer à Francisca, ao Duarte e ao Manuel, por terem, todos os dias, uma surpresa que me faz rir muito.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial à Isabel, ao Patrick, à Cristina, ao Nuno e à Patrícia, por me terem apoiado tanto, e mesmo estando fartos de ouvir falar da “tese da Inês”, continuaram a acreditar que eu ia ser capaz, e para além de mo dizerem inúmeras vezes, fizeram-me sentir que ia correr tudo bem, e que estavam à minha espera para comemorarmos esta conquista.

Um Grande Obrigada a todos!

“Diversity is like an ice cream cone; one flavor isn’t good ...

If it was all one thing, then we wouldn’t have anything
to compare to and we wouldn’t have anything to learn by.

It can’t be like that.”

(Phinney, Jacoby, & Silva, 2007, p. 486)

Resumo

Esta investigação de carácter quantitativo-correlacional pretende analisar a relação entre os domínios da identidade étnica e a auto-estima, e entre esta última variável e a discriminação étnica percebida; analisam-se também as associações entre a exploração e a discriminação étnica percebida perpetrada pelos pares; e averiguam-se ainda as relações entre os domínios da identidade étnica e a orientação para os *out-groups* no grupo das etnias minoritárias. Estas relações são analisadas em 387 adolescentes de diferentes grupos étnicos, com uma média de idades de 13.75. Os dados foram recolhidos utilizando a *Escala de Autoconceito e Auto-estima* de Peixoto e Almeida (1999; Peixoto, 2003), a *Escala de Identidade Étnica* (Umaña-Taylor, Yazedjian, Bámaca-Gomez, 2004), e a *Escala de Discriminação Étnica Percebida*, construída para avaliar as percepções de discriminação étnica.

Os resultados mostram diferenças significativas nos níveis de identidade étnica global e na exploração, entre o grupo da etnia Portuguesa e o grupo das etnias minoritárias. Observaram-se correlações significativas e positivas entre a auto-estima e a exploração, e entre a auto-estima e a resolução, na totalidade da amostra. A afirmação e os níveis de auto-estima mostraram estabelecer uma associação significativa e positiva no grupo das etnias minoritárias. Constataram-se níveis de discriminação étnica global mais elevados neste último grupo. As dimensões da discriminação étnica percebida estabelecem uma relação significativa e negativa com a auto-estima na totalidade da amostra. São os adolescentes do grupo das etnias minoritárias que têm uma orientação mais positiva perante os *out-groups*, estando esta associada de modo significativo e positivo às três dimensões da identidade étnica.

Palavras-chave: Identidade étnica, auto-estima, discriminação étnica percebida, orientação para os *out-groups*.

Abstract

This quantitative investigation of correlational nature aims to examine the relation between ethnic identity domains and self-esteem, and between this last variable and the perceived ethnic discrimination; it will also be analyzed the associations between ethnic identity dimensions and perceived ethnic discrimination by peers; the relations between ethnic identity domains and *out-groups* orientation in the ethnic minority group are also investigated. These relationships are analyzed in 387 adolescents from different ethnic groups, with an average age of 13.75. The data were collected using the *Self-esteem and Self-concept Scale* from Peixoto e Almeida (1999; Peixoto, 2003), the *Ethnic Identity Scale* (Umaña-Taylor et al., 2004), and the *Perceived Ethnic Discrimination Scale*, an instrument built to evaluate the perceived ethnic discrimination.

The results reveal significant differences in the global ethnic identity and the exploration levels between the Portuguese ethnic group and the minority one. There were significant and positive correlations between self-esteem, exploration and resolution in the whole sample. There was also a significant and positive correlation between affirmation and self-esteem levels in the ethnic minority group. This last one reveals higher levels of perceived global discrimination. The two dimensions of perceived ethnic discrimination and the self-esteem were significantly and negatively correlated for the whole sample. The adolescents who belong to the ethnic minority group revealed a more positive orientation towards the members of the *out-groups*. This orientation is significantly and positively associated with the three dimensions of ethnic identity.

Keywords: Ethnic identity, self-esteem, perceived ethnic discrimination, *out-groups* orientation.

Índice

Introdução	1
1.Revisão de Literatura.....	3
1.1. Identidade étnica: Definição de conceitos	3
1.1.1. Raça e Etnia/Etnicidade.....	3
1.1.2. Identidade Étnica: o Conceito	4
1.1.3 Identidade Étnica e Identidade Racial: que relação?.....	6
1.2 O Desenvolvimento da Identidade Étnica durante a Adolescência	7
1.2.1 Identidade Étnica: Bases de Sustentação Teórica	7
1.2.2 Identidade étnica em adolescentes: grupos majoritários e grupos minoritários.....	13
1.3 Identidade Étnica, Discriminação Percepcionada e Bem-estar Psicológico em Adolescentes	15
1.3.1 Identidade Étnica e Auto-estima	15
1.3.2 Discriminação Étnica Percepcionada: o conceito	18
1.3.3 Discriminação Étnica Percepcionada e Bem-estar Psicológico	19
1.3.4 Identidade Étnica, Discriminação Percepcionada e Auto-estima: que relação?	20
1.4 Identidade étnica e orientação para os outros grupos	22
2. Problemática, Objectivos e Questões de Investigação	27
2.1 Problemática	27
2.2 Objectivos e Questões de Investigação.....	29
2.2.1 Diferenças nos Níveis de Identidade Étnica e suas Dimensões em função da Etnia de Pertença	29
2.2.2 Relações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-Estima	30
2.2.3 Diferenças entre as Etnias nos Níveis de Discriminação Étnica Percepcionada.....	31
2.2.4 Associações entre a Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-Estima	31
2.2.5 Relação entre as Percepções de Discriminação Étnica Perpetradas pelos Colegas e a Dimensão Exploração da Identidade Étnica.....	32
2.2.6 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Orientação para os <i>Out-Groups</i> e Dimensões da Identidade Étnica	32
3. Método.....	34
3.1 Delineamento do estudo.....	34
3.2 Participantes.....	34
3.3 Instrumentos.....	37
3.3.1 Descrição das Escalas, Cotação e Interpretação.....	37

3.3.2 Análise das Propriedades Psicométricas	42
3.4 Procedimentos de Recolha de Dados.....	46
3.5 Procedimentos de Análise de Dados.....	46
4. Análise de dados.....	48
4.1 Diferenças nos Níveis de Identidade Étnica e suas Dimensões em função da Etnia de Pertença.....	48
4.1.1 Diferenças nos Níveis Médios Globais de Identidade Étnica em função da Etnia de Pertença	48
4.1.2 Diferenças nas Dimensões da Identidade Étnica em função da Etnia de Pertença..	49
4.2 Relações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-Estima	51
4.2.1 Associações entre a Exploração, Resolução, Afirmação e a Auto-estima	51
4.3 Diferenças entre as Etnias nos Níveis de Discriminação Étnica Percepcionada	53
4.3.1 Diferenças entre as Etnias nas Percepções de Discriminação Étnica Global.....	53
4.3.2 Diferenças entre as Etnias nas Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada	53
4.4 Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto- Estima	55
4.5 Associações entre as Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada e as Dimensões da Identidade Étnica nas Diferentes Etnias.....	56
4.5.1 Relação entre as Percepções de Discriminação Étnica Perpetradas pelos Colegas e a Dimensão Exploração da Identidade Étnica.....	56
4.5.2 Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e as Dimensões da Identidade Étnica nas Diferentes Etnias	57
4.6 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Orientação para os <i>Out-groups</i> e Dimensões da Identidade Étnica	58
4.6.1 Atitudes perante os <i>Out-groups</i> e Etnia de Pertença.....	58
4.6.2 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Associações entre a Orientação para os <i>Out- groups</i> e as Dimensões da Identidade Étnica	59
5. Discussão.....	61
5.1 Diferenças nos Níveis de Identidade Étnica e suas Dimensões em função da Etnia de Pertença.....	61
5.2 Relações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-Estima	68
5.3 Diferenças entre as Etnias nos Níveis de Discriminação Étnica Percepcionada	73
5.4 Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto- Estima	74

5.5 Relação entre as Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada e as Dimensões da Identidade Étnica nas Diferentes Etnias	76
5.6 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Orientação para os <i>Out-groups</i> e Dimensões da Identidade Étnica	79
Referências bibliográficas	85

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição dos participantes pelo ano de escolaridade em cada escola.....	35
Tabela 2 – Distribuição dos participantes por género em cada escola.....	35
Tabela 3 – Distribuição dos participantes pelas escolas em função das duas etnias com maior representatividade.....	36
Tabela 4 – Distribuição dos participantes por etnias em cada escola.....	37
Tabela 5 – Análise Factorial com rotação Varimax para a Escala de Identidade Étnica e para a Escala de Orientação para os Outros Grupos.....	44
Tabela 6 – Análise Factorial com rotação Varimax para a Escala de Discriminação Étnica Percepcionada.....	46
Tabela 7 – Correlações de <i>Pearson</i> entre a Identidade Étnica, suas Dimensões e a Auto-estima nas Diferentes Etnias.....	52
Tabela 8 – Correlações de <i>Pearson</i> entre a Identidade Étnica, suas Dimensões e a Auto-estima nas Diferentes Etnias.....	52
Tabela 9 – Correlações de <i>Pearson</i> entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima.....	56
Tabela 10 – Correlações de <i>Pearson</i> entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Identidade Étnica, e suas Dimensões.....	57
Tabela 11 – Correlações de <i>Pearson</i> entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Identidade Étnica, e suas Dimensões.....	58
Tabela 12 Correlações de <i>Pearson</i> entre a Identidade Étnica, suas Dimensões e a Orientação para os Outros Grupos.....	60

Lista de Figuras

Figura 1. Valores Médios de Identidade Étnica Global nas Diferentes Etnias.....	49
Figura 2. Valores Médios obtidos nas Dimensões da Identidade Étnica pelas Diferentes Etnias.....	50
Figura 3. Valores Médios obtidos nas Dimensões da Identidade Étnica pelas Diferentes Etnias.....	51
Figura 4. Valores Médios obtidos nas Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada.....	54

Índice de Anexos

Anexo A –Dados Biográficos.....	95
Anexo B – Escala de Autoconceito e de Auto-estima.....	97
Anexo C – Escala de Identidade Étnica e Escala de Orientação para os Outros Grupos.....	102
Anexo D – Relatório de Pré-teste.....	107
Anexo E – Escala de Discriminação Percepcionada.....	109
Anexo F – Coeficiente de Consistência Interna da Sub-escala de Auto-estima.....	113
Anexo G – Análises Factoriais e Coeficientes de Consistência da Escala de Identidade Étnica e da Escala de Orientação para os Outros Grupos.....	115
Anexo H – Análises Factoriais e Coeficientes de Consistência Interna da Escala de Discriminação Percepcionada.....	126
Anexo I – Diferenças Inter-grupais nos níveis de Identidade Étnica Global – Teste <i>t-student</i> para amostras independentes.....	136
Anexo J – Diferenças Inter-grupais nos níveis de Identidade Étnica Global – ANOVAe Teste de <i>Tukey HSD</i>	138
Anexo K – Diferenças Inter-grupais nas Dimensões da Identidade Étnica – MANOVA e Teste de <i>Tukey HSD</i>	141
Anexo L – Associações entre as Dimensões da Identidade Étnica – Correlações de <i>Pearson</i>	148
Anexo M – Diferenças Inter-grupais nas Percepções de Discriminação Étnica Global – ANOVA.....	155
Anexo N – Diferenças Inter-grupais nas Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada – MANOVA.....	155
Anexo O – Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-Estima – Correlações de <i>Pearson</i>	158

Anexo P – Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e as Dimensões da Identidade Étnica.....	162
Anexo Q – Diferenças Inter-grupais na Orientação para os Outros Grupos – ANOVA.....	168
Anexo R – Diferenças na Orientação para os Outros Grupos em função da Escola – ANOVA.....	170
Anexo S – Associações entre a Orientação para os Outros Grupos e as Dimensões da Identidade Étnica – Correlações de <i>Pearson</i>	172

Introdução

Hoje em dia é possível encontrar nas salas de aula portuguesas, alunos de diversos *backgrounds* étnicos. Alguns desses alunos nasceram fora de Portugal, tendo chegado há pouco tempo ao país, constituindo os comumente designados imigrantes de primeira geração. Outros são filhos de imigrantes, que não obstante o facto de terem nascido em Portugal, por vezes não se integram plenamente na sociedade portuguesa, e têm igualmente pouco contacto com a cultura de origem dos seus pais. Segundo o Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo (GIASE), no ano lectivo de 2003/2004 encontravam-se inscritos nos estabelecimentos de ensino de Portugal continental (ensino Pré-escolar, Básico e Secundário) 81 470 alunos dos designados “grupos culturais/nacionalidade”. Este conceito engloba todos os alunos de nacionalidade estrangeira ou de nacionalidade portuguesa com ascendentes que pertençam a um determinado “grupo cultural/nacionalidade” que constitua uma minoria numérica em Portugal – estes dados incluem os membros da etnia cigana (Neto, 2010).

De acordo com Phinney (2004, 2010), os jovens que pertencem a etnias minoritárias têm geralmente contacto com a cultura do seu meio de origem étnico, em contexto familiar. Por outro lado, são confrontados com um sistema de significados veiculado pelo grupo étnico socialmente dominante, ao qual têm acesso principalmente através do contexto escolar. Acontece, porém, que, por vezes, estes dois contextos possuem sistemas de valores, crenças, expectativas, e atitudes divergentes, tendo os jovens que desenvolver competências que lhes permitam integrar e conviver com sistemas de referência distintos, de modo a alcançar um ajustamento psicossocial bem sucedido (Phinney, 2004, 2010). Assim, estes jovens movimentam-se, geralmente, em contextos sociais dissonantes, o que faz sobressair a sua etnicidade (Huang & Stormshak, 2011). A este respeito Coll, Crnic, Lamberty, Wasik, Jenkins e Garcia (1996) referem que os adolescentes de minorias étnicas enfrentam condições únicas não partilhadas pelos jovens da sociedade *mainstream*, nomeadamente situações de discriminação étnica. Nos últimos anos surgiram alguns estudos que mostram que a discriminação étnica percebida constitui um factor de risco ao bem-estar psicológico dos adolescentes (e.g. Wong, Eccles, e Sameroff, 2003; Romero & Roberts, 2003), encontrando-se associada a níveis mais baixos de auto-estima (e.g., Huynh & Fuligni, 2010; Lee, 2005; Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007). Ao contrário, têm surgido algumas evidências empíricas que indicam que a identidade étnica pode atenuar os possíveis efeitos negativos da percepção de situações de discriminação étnica no bem-estar psicológico

dos jovens (Eccles, Wong, & Peck, 2006; Greene, Way, & Pahl, 2006; Wong et al., 2003). Assim, a identidade étnica tem aparecido sistematicamente associada de modo significativo e positivo aos níveis de auto-estima dos adolescentes de minorias étnicas (e.g. Bracey, Bámaca, & Umaña-Taylor, 2004; Lee, 2005; Phinney, 1992; Phinney & Alipuria, 1990; Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor et al., 2004), registando-se também associações significativas e positivas entre estas variáveis no caso dos adolescentes que pertencem à maioria étnica, especialmente quando estes se encontram em contextos sociais em que constituem uma minoria étnica (Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1992; Umaña-Taylor & Shin, 2007).

A aquisição de uma identidade étnica segura parece contribuir igualmente para o surgimento de atitudes favoráveis ao contacto com os membros de outros grupos étnicos diferentes do próprio, particularmente no caso dos jovens que pertencem a etnias minoritárias (Phinney, Ferguson, & Tate, 1997; Phinney et al., 2007).

Assim, considerando a diversidade étnica existente nas escolas portuguesas, e tendo em conta que esta tende a aumentar, pretendemos com esta dissertação, contribuir para o aumento dos conhecimentos existentes acerca dos possíveis factores associados às relações interculturais susceptíveis de tornar este contacto positivo.

Com base numa revisão de literatura na área da identidade étnica, em que num primeiro momento, se apresentam os principais modelos teóricos que sustentam este conceito, bem como o modelo principal que permite enquadrar o seu desenvolvimento, apresentando-se posteriormente algumas evidências empíricas que mostram as relações existentes entre a identidade étnica e outras variáveis em estudo (ponto 1), prossegue-se com a formulação de objectivos e questões de investigação (ponto 2). Seguidamente é apresentada a metodologia de investigação adoptada, referindo-se o delineamento do estudo, os instrumentos utilizados, assim como o modo como foram recolhidos os dados, e também o modo como estes foram analisados (ponto 3). Na análise de dados são apresentados os resultados que decorrem das hipóteses enunciadas, e também alguns resultados adicionais (ponto 4). Por último, apresenta-se uma discussão dos resultados, em que se propõe uma análise mais detalhada destes últimos, avançando-se possíveis explicações para os dados obtidos (ponto 5). Nesta secção é ainda apresentada uma breve síntese onde se descrevem alguns contributos científicos desta investigação, bem como as suas limitações, juntamente com algumas ideias para a realização de estudos futuros.

1.Revisão de Literatura

1.1. Identidade étnica: Definição de conceitos

1.1.1. Raça e Etnia/Etnicidade

Ao efectuarmos uma revisão das investigações empíricas realizadas no contexto dos Estados Unidos (E.U.A) é possível verificar que os termos “raça” e “etnicidade” são diversas vezes utilizados como se remetessem para o mesmo constructo, sendo frequentemente agrupados no conceito de “*ethnicity*” – “etnia” ou “etnicidade”, em português –, mobilizado para fazer referência a grupos de pessoas que se distinguem pela sua raça ou cultura de origem, aspectos que adquirem maior ou menor importância em função do contexto (Phinney, 1996a; Trimble & Dickson, 2005). Alguns autores têm sublinhado que os conceitos de “raça” e de “etnicidade” remetem para constructos diferentes, sendo sustentados por perspectivas teóricas distintas, o que parece justificar a falta de concordância existente no que respeita às definições destes conceitos (Holcomb-McCoy, 2005; Quintana, 2007; Worrell & Gardner-Kitt, 2006).

O termo raça é usualmente utilizado para diferenciar grupos de pessoas, com base nas características físicas que estas apresentam, (Phinney, 1996a; Holcomb-McCoy, 2005; Helms, 1994, cit. por Umaña-Taylor & Shin, 2007), constituindo o resultado de uma categorização social baseada em certos aspectos que permitem distinguir e agrupar os indivíduos, com o intuito de manter uma hierarquia social e política (Helms, 1994, cit. por Umaña-Taylor & Shin, 2007).

Já o conceito de “etnicidade” ou “etnia” agrega um conjunto de aspectos relativos a uma determinada herança cultural e histórica, remetendo para um grupo de indivíduos que partilha valores, atitudes, comportamentos, uma língua, gastronomia, entre outras experiências associadas ao estatuto de grupo – cuja função na vida dos indivíduos vai depender da importância que estes lhes vão atribuir (Holcomb-McCoy, 2005; Phinney, 1996a; Spencer & Markstrom-Adams, 1990).

Não obstante a controvérsia ainda hoje existente acerca dos termos raça e etnicidade, bem como o que estes designam, o que parece importante é o modo como os indivíduos se percebem enquanto membros de um determinado grupo e o significado que atribuem a essa pertença, quer seja um grupo racial ou étnico, tal como a forma como essa pertença é encarada pelos membros de outros grupos, e as implicações que estes aspectos vão ter nas

suas vidas (Fuligni, Witkow, & Garcia, 2005; Phinney, 1996a; Quintana, 2007). Para se compreender o impacto que a etnicidade vai ter no funcionamento psicológico e social dos indivíduos, surge então a necessidade de conhecer o grau em que estes se identificam com o grupo a que pertencem, o que nos remete para o estudo da identidade étnica (Phinney, 1996a).

1.1.2. Identidade Étnica: o Conceito

Embora o conceito de identidade étnica seja algumas vezes utilizado para designar a mera pertença a um grupo étnico – sendo portanto confundido com a noção de *eticidade* – este constitui um constructo multifacetado que faz parte do *self* dos sujeitos, remetendo, de um modo geral, para a consciência que cada um deles tem de que pertence a um determinado grupo étnico, bem como para os sentimentos e atitudes associados a essa pertença (Holcomb-McCoy, 2005; Phinney, 1990, 1996a; Phinney, Cantu, & Kurtz, 1997a; Trimble & Dickson, 2005). É de assinalar que a função desempenhada pela identidade étnica no modo como os sujeitos estruturam a sua identidade pessoal global vai naturalmente depender da importância que estes vão atribuir aos aspectos étnicos. Estes revelam-se, geralmente, mais decisivos na construção da identidade pessoal de membros de grupos étnicos que estão em minoria numa determinada sociedade (Phinney, 1989, 1992, 1996a; Phinney & Alipuria, 1990). Na sequência desta posição, considera-se a existência de variações nos níveis inter e intra-grupais de identidade étnica, aspecto que parece ter importância contemplar quando queremos averiguar o impacto diferenciado da etnicidade na vida das pessoas (Phinney, 1996a).

É difícil encontrar uma definição consensual daquele termo, em grande parte devido às diferentes tradições epistemológicas que se encontram por detrás do estudo da identidade étnica (Phinney, 1990, 1996a; Trimble & Dickson, 2005; Umaña-Taylor, Diversi, & Fine, 2002). Phinney (1990) ao realizar uma revisão de vários artigos na área da identidade étnica encontra uma multiplicidade de definições deste constructo – por vezes algo discordantes –, embora grande parte desses artigos nem sequer explicitem uma definição do mesmo. Dentro das definições encontradas, é possível constatar a existência de dois grupos de autores que se centram em aspectos distintos da identidade étnica. Os primeiros, baseando-se na teoria da identidade social de Tajfel (1981, cit. por Phinney, 1990), consideram que a identidade étnica constitui um tipo de identidade social que remete para um ou mais grupos étnicos, e para o significado emocional dessa mesma pertença. Deste conjunto de autores, uns privilegiam a auto-identificação étnica, outros os sentimentos de pertença e compromisso, outros, as avaliações e atitudes face ao próprio grupo, outros ainda, os valores e atitudes partilhadas pelos membros desse grupo (Phinney, 1990). As definições do segundo grupo de autores

destacam sobretudo características culturais, tais como a partilha de uma linguagem comum, comportamentos, valores, entre outros (Phinney, 1990). Apesar de alguns destes aspectos que remetem para os “comportamentos étnicos” serem considerados elementos importantes da identidade étnica, estes têm sido estudados enquanto uma dimensão da aculturação dos indivíduos (Berry, Phinney, Sam, & Vedder, 2006; Neto, 2010).

A falta de clareza conceptual relativamente aos componentes da identidade étnica parece fundamentar-se, em parte, no modo como este constructo é operacionalizado nas várias investigações, e na diversidade de instrumentos utilizados para mensurar esta variável – construídos a partir de perspectivas teóricas distintas (Phinney, 1990; Phinney & Ong, 2007; Umaña-Taylor et al., 2002). Não obstante a existência de alguma discordância relativamente a determinados aspectos conceptuais da identidade étnica, o consenso entre os teóricos desta temática é maior no que se refere à premissa de que este tipo de identidade constitui um aspecto fundamental do autoconceito dos indivíduos e do seu funcionamento psicológico (Phinney, 1989, 1990, 1992; Phinney & Chavira, 1992a, 1992b). É também cada vez mais evidente que este conceito, longe de se reportar unicamente a um rótulo étnico que define os sujeitos, isto é, a uma auto-identificação, é constituído por múltiplas dimensões, que, de uma forma geral, remetem para a importância, sentimentos, e atitudes que os sujeitos desenvolvem a propósito do seu grupo étnico de pertença, juntamente com uma vontade de adquirir mais conhecimentos sobre esse grupo (Fuligni et al., 2005; Phinney, 1990, 1996a). O papel activo que o sujeito tem na construção da sua identidade étnica tem sido destacado por autores que perspectivam a sua evolução ao longo de um percurso de desenvolvimento em que as acções e experiências do indivíduo são essenciais (Phinney, 1989, 1990; Phinney & Ong, 2007). A identidade étnica constitui então um constructo dinâmico, que abarca as diferentes percepções e sentidos que os sujeitos vão atribuindo à própria etnicidade, em função das suas acções e das experiências proporcionadas pelo contexto espaço-temporal em que se encontram (Phinney, 2004; Phinney & Ong, 2007).

Segundo Worrell e Gardner-Kitt (2006) o campo da identidade étnica tem registado um interesse e desenvolvimento considerável nos últimos anos, em grande parte devido ao trabalho de Phinney e colaboradores, e à construção, por parte desta autora, de um instrumento válido que permite mensurar aspectos da identidade étnica que parecem ter significado e importância para os diversos grupos étnicos estudados, a *Multigroup Ethnic Identity Measure* (MEIM; Phinney, 1992). Ao considerar que o modo como os indivíduos se posicionam face à sua etnicidade vai sofrendo alterações de acordo com a interacção entre um

conjunto de factores característicos dos próprios sujeitos e factores contextuais, Phinney tem centrado a sua abordagem no processo de desenvolvimento da identidade étnica, tentando perceber o modo como os indivíduos adquirem uma compreensão da própria *etnicidade*, das implicações que esta tem nas suas vidas, e decidem a importância que esta vai ter no seu *self* (Ong, Fuller-Rowell, & Phinney, 2010). Segundo Phinney (1996a) “as implicações psicológicas da etnicidade sofrem alterações ao longo do ciclo de vida dos sujeitos, de acordo com as mudanças de identificação ao próprio grupo” (p.923).

1.1.3 Identidade Étnica e Identidade Racial: que relação?

Ao analisarmos os estudos empíricos e a literatura existente na área da identidade racial e da identidade étnica, dificilmente encontramos definições claras destes dois conceitos, havendo autores que os utilizam como se constituíssem sinónimos (e.g., Wong et al., 2003; Fisher, Wallace, & Fenton, 2000). Apesar da ideia de que estes dois conceitos, embora estejam relacionados, constituem aspectos diferentes, reunir geralmente consenso entre os investigadores destas áreas (Worrell & Gardner-Kitt, 2006), estes termos continuam a ser frequentemente utilizados como se remetessem para os mesmos aspectos, não sendo claro que esta distinção tenha significado para os indivíduos que não estudam estes conceitos (Worrell, 2007). As definições de identidade racial e identidade étnica são muito semelhantes, havendo alguns autores que consideram que estes constructos se sobrepõem, sendo apenas possível distinguir estes dois tipos de identidade social com base no grupo social para o qual remetem, se é um grupo racial ou um grupo étnico (Worrell & Gardner-Kitt, 2006). No âmbito desta questão da diferenciação entre estes termos, Phinney (1996b) refere que estes têm por detrás perspectivas teóricas e metodológicas diferentes. Ao fazer um levantamento dos principais modelos teóricos existentes na área da identidade racial e na área da identidade étnica, Worrell e Gardner-Kitt (2006) concluem que a teoria mais conhecida e com maior impacto ao nível da identidade étnica – a de Phinney (1989, 1992) – é genérica, conseguindo englobar diferentes grupos étnicos, contrariamente às perspectivas teóricas da identidade racial que se centram geralmente num grupo étnico específico. Deste modo, e de acordo com os autores, o conceito de identidade étnica é geralmente percepcionado como mais geral, incluindo frequentemente a identidade racial. Os dados de uma investigação realizada por Worrell e Gardner-Kitt (2006) mostram que a identidade racial e a identidade étnica constituem conceitos diferentes mas que se encontram associados.

1.2 O Desenvolvimento da Identidade Étnica durante a Adolescência

É principalmente durante o período da adolescência e início da idade adulta que os jovens procuraram definir-se a si próprios num conjunto de domínios importantes para si, tentando integrar as suas identificações infantis e actuais, construindo uma matriz de referência que vai guiar as suas escolhas ao longo da vida. Ao envolverem-se neste processo de construção da identidade, os adolescentes vão questionar e explorar várias alternativas possíveis em cada um das áreas das suas vidas – nomeadamente no estilo de vida que pretendem, na profissão, na ideologia política, entre outros aspectos –, o que posteriormente lhes permitirá tomar decisões informadas (Costa, 1991; Erikson, 1968; French, Seidman, Allen, & Aber, 2006). Este processo de construção identitária parece apresentar desafios adicionais aos jovens de minorias étnicas, pois estes pertencem, frequentemente, a grupos socialmente desvalorizados, que são alvo de comportamentos discriminatórios, e que possuem um sistema de crenças e valores diferentes da sociedade *mainstream* (French et al., 2006; Fuligni et al., 2005; Phinney, 1990, 2004, 2010; Phinney et al., 1997a; Spencer, & Markstrom-Adams, 1990). Partindo da teoria da identidade social, alguns teóricos têm advogado que a participação em culturas diferentes pode dificultar a construção da identidade dos membros dos grupos étnicos, precisamente devido à possível existência de uma discrepância entre valores, atitudes, e comportamentos (Phinney, 1990, 2010).

1.2.1 Identidade Étnica: Bases de Sustentação Teórica

Foi com base na teorização de identidade efectuada por Erikson (1968), no modo como Marcia (1966, 1980) operacionalizou essa teoria, e na teoria da identidade social (Tajfel, 1981; Tajfel & Turner, 1986, citados por Umaña-Taylor, 2011) que nas décadas de 70 e 80, começaram a surgir um conjunto de modelos teóricos com a intenção de enquadrar o processo de desenvolvimento da identidade étnica em membros de minorias étnicas e raciais (Ong et al., 2010; Worrell & Gardner-Kitt, 2006). As primeiras conceptualizações do modo como se desenvolve a identidade étnica centraram-se sobretudo em grupos étnicos ou raciais específicos, registando-se um grande número de trabalhos de investigação realizados com os sujeitos Afro-Americanos (Ong et al., 2010; Roberts, Phinney, Masse, Chen, Roberts, & Romero, 1999). Contrariamente a esta abordagem surgiu outra que tem procurado identificar os aspectos da identidade étnica que são comuns aos vários grupos étnicos (Roberts et al., 1999). Foi precisamente com este objectivo que Phinney (1990) efectuou uma meta-análise das várias investigações realizadas na área da identidade étnica, a partir da qual sinalizou a existência de um conjunto de dimensões que se assumem como transversais aos

vários grupos etnoculturais. Com base nesses dados e na informação que recolheu através da realização de entrevistas com jovens de diversos grupos étnicos (Phinney, 1989; Phinney & Tarver, 1988), a autora construiu a MEIM (Phinney, 1992) através da qual tentou agregar os aspectos nucleares da identidade étnica em três dimensões; uma delas remete para as atitudes dos indivíduos a propósito do seu grupo étnico de pertença, bem como para um sentido de pertença e uma ligação emocional positiva a esse mesmo grupo, que corresponde à “*affirmation and belonging*”, outra dimensão foi denominada de “*ethnic identity achievement*” (incluindo as dimensões exploração e resolução), avaliando o grau de confiança e segurança que um indivíduo possui relativamente à sua etnicidade; por último, foi ainda incluída uma dimensão que pretende mensurar o envolvimento dos indivíduos em eventos relacionados com as práticas etnoculturais do seu grupo de pertença, designada por “*ethnic behaviors*” (Phinney, 1992; Roberts et al., 1999).

A componente denominada “*afirmação e pertença*” étnica é sustentada pela teoria da identidade social de Tajfel e Turner (1986, cit. por Roberts et al., 1999), a partir da qual se sublinha a importância que o sentido de pertença a um determinado grupo, juntamente com as atitudes e sentimentos associados a essa mesma pertença, tem no autoconceito dos indivíduos. Esta teoria indica que a identidade se constrói a partir de um sentido individual de pertença a grupos específicos, e dos sentimentos associados a essa pertença (Tajfel, 1981, cit. por Umaña-Taylor et al., 2004). Ao preconizar que a auto-estima dos indivíduos se forma através do seu sentido de pertença a um determinado grupo, Tajfel (1986, cit. por Syed, Azmitia, & Phinney, 2007) advoga que os sujeitos que possuem sentimentos positivos a propósito dessa pertença grupal vão igualmente desenvolver uma auto-estima pessoal positiva. Assim, parece claro que a premissa que está por detrás do conceito de “*afirmação e pertença*” de Phinney (1992) é a de que, numa tentativa de obter uma auto-estima positiva, os indivíduos fazem o que está ao seu alcance para construir uma identidade social (neste caso, étnica) positiva. Assim sendo, uma das formas que encontram para atingir esse objectivo, é sem dúvida, criar uma imagem que favoreça os grupos sociais (grupos étnicos) dos quais fazem parte (Umaña-Taylor, 2011).

No que diz respeito à outra dimensão definida por Phinney (1992), a “*identidade étnica adquirida*”, esta fundamenta-se sobretudo na teoria do desenvolvimento da identidade de Erikson (1968), de acordo com a qual a formação da identidade pessoal ocorre principalmente durante o período da adolescência, através de um processo de exploração – experimentação em vários domínios – que, idealmente conduz a investimentos e decisões –

resoluções ou compromissos – em aspectos identitários essenciais na vida das pessoas. O modelo de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968) pressupõe que em cada momento evolutivo há uma tarefa que os indivíduos devem resolver. A questão da construção da identidade surge no quinto estágio de desenvolvimento, durante o qual os adolescentes vão colocar os seus recursos ao serviço da definição de si próprios enquanto seres únicos e dotados de continuidade, tentando igualmente perceber o lugar que ocupam nos diversos contextos onde se movimentam. Para Erikson (1968), a identidade implica um processo de desenvolvimento que se inicia na infância, e que se desenvolve em grande parte durante o período da adolescência, através de um processo de “reflexão e observação”, sendo de esperar que o resultado deste percurso seja a aquisição de uma identidade.

A dimensão “*identidade étnica adquirida*” que Phinney incluiu na versão original da MEIM (1992) engloba os supra-referidos mecanismos de *exploração* e *compromisso/resolução*. O mecanismo designado por *exploração* constitui um processo durante o qual os indivíduos experimentam, questionam, procuram respostas, e aprendem sobre o seu grupo étnico. Este processo tem subjacente uma atitude pró-activa dos indivíduos que, ao pretenderem adquirir conhecimentos acerca da sua etnicidade, e compreender as implicações da participação no seu grupo, nomeadamente os aspectos positivos e negativos do grupo, desenvolvem um conjunto de acções destinadas a esse fim (Phinney et al., 2007; Phinney & Ong, 2007; Roberts, Phinney, Masse, Chen, Roberts, & Romero, 1999; Umaña-Taylor, Diversi, & Fine, 2002; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor, 2011). Este constitui um processo central na formação da identidade étnica que, ao contribuir para que os indivíduos adquiram um conjunto de conhecimentos sobre a sua etnicidade e formem uma perspectiva crítica acerca não só da própria etnicidade, como também da dos outros, permitirá construir identidades étnicas seguras, que por conseguinte, apresentam uma menor probabilidade de sofrer alterações em função de novas experiências (Phinney & Ong, 2007; Phinney et al., 2007). A exploração pode então levar os indivíduos a definir a importância que a sua etnicidade vai ter nas suas vidas (Phinney, 1990). Já o conceito de *compromisso/resolução* (“*commitment*”) aplicado à identidade étnica, implica a compreensão que os indivíduos vão desenvolvendo a propósito do seu grupo, tal como o grau em que adquiriram uma noção clara do significado que ser membro desse grupo tem para si próprios, e a contribuição que essa pertença tem nas suas vidas (Phinney, 1989; Phinney & Ong, 2007; Umaña-Taylor, 2011).

Para dar resposta à necessidade de ter um modelo conceptual, e um instrumento passível de ser utilizado com os vários grupos étnicos existentes, Phinney (1989) construiu um modelo de formação da identidade étnica fundamentado pela concepção de desenvolvimento identitário de Erikson (1968) e pelos quatro estatutos de identidade definidos por Marcia (1966, 1980), com base na presença ou ausência dos dois processos acima mencionados: a exploração e a resolução. A perspectiva de Phinney (1989), de que reafirmamos a importância, considera que a construção da identidade étnica se inicia durante o período da infância, sofrendo um aumento exponencial durante a adolescência, progredindo à medida que os indivíduos vão adquirindo mais informações acerca da sua etnicidade, e vão realizando investimentos ou compromissos, o que lhes vai permitir saber exactamente o que esta significa para si próprios e o papel que vai ter nas suas vidas. Este processo é passível de ser continuamente reformulado ao longo do ciclo de vida dos indivíduos (Phinney, 1996a; Syed et al., 2007).

Ao partir do trabalho de Marcia (1966, 1980) em que o autor sustenta a possível existência de quatro estatutos de identidade – identidade em difusão, identidade outorgada, identidade em moratória, e identidade construída – definidos através da maior ou menor presença de exploração de questões identitárias, e do compromisso/investimento/resolução com uma identidade pessoal, Phinney (1989), conceptualiza o percurso de desenvolvimento da identidade étnica ao longo de três estágios. A forma como cada indivíduo explora as questões relacionadas com a sua etnicidade, e o nível de clareza que possui acerca da sua etnicidade e do que esta significa para si, vão determinar o estágio em que os indivíduos se encontram (Phinney, 1989, 1992).

No primeiro estágio designado de “*unexamined*” estão englobados dois dos estatutos definidos por Marcia (1966, 1980): a identidade difusa e a identidade étnica outorgada. Os resultados do trabalho de Phinney (1989) não permitiram distinguir de modo fidedigno estes dois estatutos. Os sujeitos que apresentam uma identidade étnica em difusão geralmente não atribuem grande relevância à sua etnicidade, não tendo portanto reflectido sobre as implicações de pertencer a um determinado grupo étnico, caracterizando-se esta fase pela ausência ou diminuta presença de exploração, e pela ausência de resolução – sendo este último aspecto indicativo de uma falta de compreensão de assuntos relativos à etnicidade. Já o estágio de identidade étnica outorgada é definido novamente pela ausência ou fraca exploração, mas por um grau aparente de clareza e compreensão da própria etnicidade e das suas implicações, estando presente o mecanismo da *resolução/compromisso*, sem que os

indivíduos tenham passado anteriormente por um processo de *exploração*. Isto significa que estes jovens aceitam os valores e atitudes presentes no seu contexto – nomeadamente no seu contexto familiar, e comunidade local – sem os examinar, sendo por isso possível que estes desenvolvam uma identificação positiva ao grupo, mesmo não constituindo esta o resultado de um processo consciente de reflexão. Nesta fase “*unexamined*”, que é mais característica do início da adolescência, os jovens podem ter uma multiplicidade de sentimentos a propósito da própria etnicidade, inclusivamente sentimentos contraditórios (Phinney, 1989, 1996b; Phinney & Chavira, 1992a). O segundo estágio é caracterizado por um período de exploração, em que o indivíduo procura activamente obter conhecimentos sobre o seu grupo étnico, encontrando-se numa fase de moratória, que é acompanhada por alguma confusão sobre o significado da própria etnicidade (Phinney, 1989, 1996b; Phinney & Chavira, 1992a). Este processo parece ser despoletado pela presença e interacção de factores relativos ao desenvolvimento sócio-cognitivo, nomeadamente a aquisição do raciocínio formal e de tomada de perspectiva social – esta última contempla a capacidade de se conseguir colocar no lugar dos membros de outros grupos étnicos –, e de factores contextuais (Phinney, 1996b; Umaña-Taylor, Gonzales-Backen, & Guimond, 2009). Relativamente a estes últimos, considera-se que os contactos dos adolescentes com pessoas que possuem culturas de origem diferentes das suas, e as situações de discriminação étnica com que possivelmente estes jovens se deparam, podem levá-los a reflectir sobre a própria etnicidade. Este tipo de experiências parece fomentar nos jovens o desejo de conhecer e compreender a história, tradições e a situação actual do seu grupo (French et al., 2006; Phinney, 1996b). Por último, no estágio de identidade construída, os indivíduos possuem fortes sentimentos de segurança e confiança em si próprios enquanto membros do seu grupo étnico, compreendendo o significado e implicações que essa pertença tem nas suas vidas – resolução. Esta compreensão é alcançada através de um processo de exploração prévio (Phinney, 1989, 1996b; Phinney & Chavira, 1992a). Várias investigações têm, de facto, oferecido suporte à ideia de que a identidade étnica constitui um processo (Phinney, 1989, 1990; Phinney & Alipuria, 1990; Phinney & Chavira, 1992a; Phinney et al., 1997b; Phinney & Traver, 1988; Syed et al., 2007).

Umaña-Taylor e colaboradores (2004) desenvolveram a *Ethnic Identity Scale* (EIS) que se baseia num modelo de formação da identidade étnica análogo ao de Phinney (1989, 1992), porém, as autoras encontraram evidências empíricas que fundamentam a existência de mais estádios de desenvolvimento. As bases de sustentação teórica subjacentes à construção desta escala encontram-se igualmente na teoria de formação de identidade de Erikson (1968),

e na operacionalização desta efectuada por Marcia (1966, 1980) acima mencionadas, bem como na teoria da identidade social de Tajfel (1981, cit. por Umaña-Taylor et al., 2004), e ainda na perspectiva de Phinney (1989, 1992), também atrás apresentadas. Por um lado, encontraram os quatro estatutos de identidade propostos por Marcia (1966), realizando a distinção entre identidade étnica difusa e outorgada. Por outro lado, as autoras sugerem que os indivíduos podem alcançar uma identidade étnica construída (exploração e resolução), mesmo possuindo sentimentos (afirmação) negativos face à própria etnia, podendo inclusivamente desejar pertencer a um grupo diferente do seu. Deste modo, as autoras propõem a existência de oito tipos de identidade étnica: os quatro tipos de identidade étnica acima apresentados, mas divididos consoante a natureza dos sentimentos face à própria etnia sejam positivos ou negativos (Umaña-Taylor et al., 2004). Apesar das autoras (Umaña-Taylor et al., 2004), através de um procedimento de análise factorial, terem verificado que a dimensão “afirmação” constituía um factor distinto das dimensões exploração e compromisso, Phinney e Ong (2007) alertam-nos para a necessidade de interpretar estes dados com alguma cautela, pois os itens da sub-escala afirmação estavam todos formulados na negativa, colocando-se a hipótese de ter ocorrido um enviesamento dos resultados. Por outro lado, constatou-se um número muito reduzido de indivíduos com identidade étnica adquirida negativa (Phinney & Ong, 2007; Umaña-Taylor et al., 2004).

Umaña-Taylor e colaboradoras (2004) sublinham a existência de uma incoerência entre o modo como Phinney (1992) define a identidade étnica construída e o modo como esta é mensurada pela MEIM (1992), pois a identidade étnica tem sido geralmente mensurada através de um resultado compósito, que corresponde à soma dos valores obtidos nas dimensões da escala (e.g. Lee, 2003; Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1992; Umaña-Taylor, 2004). Isto significa que só os indivíduos cuja resolução/compromisso a propósito da sua etnia é acompanhada por sentimentos positivos perante a mesma, podem ter uma identidade étnica adquirida. Confunde-se, desta forma, a resolução/compromisso com a afirmação da própria identidade étnica. Contrariamente a esta perspectiva, as autoras mantêm-se fiéis ao modo como Erikson concebeu originalmente o compromisso/resolução – este processo implicava uma resolução sobre o modo como os componentes das diversas identidades se relacionam com o *self* geral dos indivíduos –, sendo possível que os indivíduos atinjam uma identidade construída, mesmo tendo sentimentos negativos a propósito da sua etnicidade – tendo, neste caso, uma identidade étnica adquirida negativa (Umaña-Taylor et al., 2004). A Escala da Identidade Étnica (EIS) de Umaña-Taylor e colaboradoras (2004)

apresenta então, três componentes distintos da formação da identidade étnica: a exploração, a resolução, e a afirmação. A dimensão exploração reporta-se ao processo atrás referenciado, durante o qual os indivíduos procuram obter mais conhecimentos sobre a sua etnia, com a diferença de que na versão original da MEIM, Phinney (1992) distingue “comportamentos étnicos” de “exploração”, enquanto Umaña-Taylor e colaboradores (2004) e também Roberts e colaboradores (1999) consideram que o envolvimento em práticas culturais típicas do grupo étnico de pertença constitui um elemento da dimensão exploração. Também o processo de resolução foi anteriormente descrito, pretendendo, de um modo geral, esta dimensão avaliar o grau em que os indivíduos entendem o que a sua etnia significa para eles, e estão conscientes das implicações que a sua etnicidade tem nas suas vidas (Umaña-Taylor et al., 2004). No que diz respeito à dimensão afirmação, esta remete para os sentimentos, positivos ou negativos, que os sujeitos desenvolvem a propósito da sua pertença étnica (Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2009).

1.2.2 Identidade étnica em adolescentes: grupos majoritários e grupos minoritários

São várias as indicações empíricas que mostram que indivíduos pertencentes a grupos étnicos minoritários apresentam níveis mais elevados de identidade étnica em comparação com os membros da maioria étnica numa determinada sociedade (e.g., Bracey et al., 2004; French et al., 2006; Fuligni et al., 2005; Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1989, 1992; Phinney & Alipuria, 1990; Phinney et al., 1997a; Phinney et al., 2007; Phinney & Tarver, 1988; Roberts et al., 1999; Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor et al., 2004; Verkuyten, 1995). Numa tentativa de explicar estes resultados, tem sido proposto que provavelmente os jovens de minorias étnicas sentem maior necessidade de explorar questões associadas à sua pertença étnica devido ao estatuto minoritário e, por vezes, desvalorizado que ocupam na sociedade em que vivem (Phinney, 1989, 1990, 1992). Por outro lado, como já mencionámos, também as situações de discriminação étnica que os membros destes grupos possivelmente experienciam parecem contribuir para o desejo de conhecer mais sobre as suas culturas de origem. Em conjunto, estes aspectos, ao tornarem a etnicidade destes indivíduos mais saliente, parecem contribuir para a formação de uma consciência étnica, para o envolvimento em processos de exploração e, para a consequente tomada de perspectiva étnica (French et al., 2006; Martinez & Dukes, 1997; Pahl, & Way, 2006; Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor & Shin, 2007).

É precisamente no contexto de culturas diferentes que se dá a formação da identidade étnica. Considerando esta realidade, parece natural que os jovens de minorias étnicas

adquiram de forma mais rápida a consciência da sua etnicidade e da dos outros, uma vez que, geralmente, se movimentam em contextos sociais que fazem sobressair o seu *background* étnico (Huang & Stormshak, 2011). Ao contrário, os jovens que pertencem à maioria étnica de uma sociedade parecem não sentir tanta necessidade de se envolver em processos de exploração da própria etnicidade, não tendo muitos deles sequer consciência de que também pertencem a um grupo étnico (Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1989, 1992), talvez por possuírem uma identidade étnica tão segura e dada à partida como “garantida”, adquirida. (Martinez & Dukes, 1997). De facto, preconiza-se que, uma vez que constituem numericamente a maioria étnica num determinado contexto, os membros de grupos dominantes não adquirem uma compreensão tão alargada dos aspectos étnicos, como os membros de minorias étnicas que se encontram num contexto etnicamente dissonante, no qual contactam com vários grupos étnicos diferentes do seu (Phinney, 1989; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Com efeito, a importância que os indivíduos atribuem à sua pertença étnica parece variar grandemente (Phinney, 1989, 1992; Phinney & Alipuria, 1990), havendo evidências que sugerem que esta é influenciada pelos contextos onde estes se movimentam (Huang & Stormshak, 2011; Martinez & Dukes, 1997; Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Assim, para os membros de grupos majoritários, a etnicidade pode constituir um aspecto importante na definição dos seus próprios *selves* individuais quando estes se encontram em contextos onde existem vários grupos étnicos (Verkuyten, 1995). Também Phinney (1992) reforça o efeito dos factores contextuais sobre os níveis de identidade étnica apresentados pelos sujeitos: “ (...) apesar da identidade étnica parecer adquirir particular relevância entre os jovens de minorias étnicas, a sua relevância para os jovens da maioria branca apresenta uma tendência para aumentar quando estes deixam de constituir uma maioria em contextos específicos” (p. 171).

Recentemente, vários investigadores (Phinney, 2004; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor et al., 2009) têm sublinhado a importância de averiguar o modo como se desenvolvem as diferentes dimensões da identidade étnica – *afirmação, exploração e resolução*. Os dados obtidos em alguns estudos têm mostrado que as dimensões da identidade étnica seguem trajectórias de desenvolvimento diferentes (French et al., 2006; Pahl e Way, 2006; Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor et al., 2009) e associam-se de modo distinto com diferentes variáveis (Greene et al., 2006; Lee, 2005; Phinney, 2004; Romero & Roberts, 1998).

Alguns estudos que analisaram as diferenças entre etnias, nos níveis de exploração e resolução, têm mostrado que, geralmente, os membros de minorias étnicas apresentam níveis mais elevados nestas duas dimensões da identidade étnica, quando comparados com os seus pares pertencentes à maioria branca (Almeida, 2008; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2007). Noutros estudos em que nem todas as dimensões da identidade étnica são analisadas de modo separado, constata-se a existência de níveis de exploração mais elevados nos jovens de minorias étnicas, comparativamente aos jovens da maioria étnica (Romero & Roberts, 1998). Relativamente à dimensão afirmação, tem-se registado a obtenção de valores médios semelhantes entre os membros de maiorias étnicas e minorias étnicas (French et al., 2006; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Em estudos cujas amostras são constituídas por jovens de vários grupos étnicos minoritários, é possível verificar que o grupo dos Afro-Americanos obtém valores de afirmação um pouco superiores aos da maioria étnica – i.e., Europeus Americanos – quando estão em contextos escolares em que constituem uma minoria (Umaña-Taylor & Shin, 2007), e também valores médios mais elevados de afirmação do que outras minorias étnicas (e.g., French et al., 2006; Rivas-Drake et al., 2008; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Por outro lado, é importante realçar que num estudo realizado em Portugal, Almeida (2008) verificou que os jovens que pertenciam à maioria étnica (i.e., à etnia portuguesa) revelaram valores médios de afirmação mais elevados do que os jovens que pertenciam às etnias minoritárias.

1.3 Identidade Étnica, Discriminação Percepcionada e Bem-estar Psicológico em Adolescentes

1.3.1 Identidade Étnica e Auto-estima

A auto-estima constitui uma apreciação global de carácter afectivo que remete para o grau em que os indivíduos se sentem bem consigo próprios (Peixoto, 2003). De acordo com Peixoto e Almeida (1999), este tipo de auto-apreciação é relativamente estável, remetendo para a avaliação que os sujeitos realizam de si próprios em termos globais, não tendo necessariamente de se reportar a contextos e situações específicas. A importância de estudar este tipo de auto-representação, de carácter afectivo decorre do surgimento de evidências empíricas que mostram a associação existente entre estas representações pessoais e alguns indicadores de ajustamento escolar (Phinney et al., 1997a; Zimmerman, Copelan, Shope, & Dielman, 1997), nomeadamente, o rendimento académico e as atitudes face à escola (Peixoto, 2003). De acordo com Peixoto (2003) existe uma multiplicidade de factores e contextos que concorrem para a construção das auto-representações.

Alguns autores incluem a auto-estima no autoconceito, considerando-a como a componente afectiva deste, constituindo as auto-percepções a componente cognitiva do autoconceito (Byrne, 1996; Osborne, 1996; Serra, 1988, citados por Peixoto, 2003). Outros autores, baseando-se na perspectiva de James (1980, cit. por Peixoto, 2003) perspectivam a relação entre a auto-estima e o autoconceito de um modo distinto. Segundo James (1980, cit. por Peixoto, 2003), a auto-estima pessoal resulta da relação entre a forma como o sujeito se percebe, e o que gostaria de ser. De acordo com esta última abordagem, considera-se que o sujeito pode atribuir uma importância diferente a cada uma das dimensões do autoconceito, sendo a auto-estima mais ou menos elevada consoante a competência que o sujeito reconhece em si, nas dimensões que dá mais ou menos importância.

Fazendo um paralelismo com a identidade étnica, alguns teóricos nesta área têm advogado que a existência de associações de maior ou menor intensidade entre a identidade étnica e indicadores de bem-estar psicológico em adolescentes, está relacionada com a importância que estes atribuem à própria etnicidade, ou seja, o quão central é este aspecto na definição de si próprios. Neste sentido, como já referimos, os membros de minorias étnicas atribuem geralmente maior importância à etnicidade, o que se reflecte, não só nos seus níveis mais elevados de identidade étnica, mas também em associações significativas e positivas entre esta última variável e a auto-estima (Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1992; Phinney & Chavira, 1992a, 1995). Assim, embora estas associações sejam tendencialmente significativas, entre os indivíduos de minorias étnicas, elas nem sempre o são entre os Europeus Americanos, como sucede em alguns estudos (e.g., Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2009) para a associação entre a exploração e a auto-estima. A auto-estima dos jovens que pertencem ao grupo socialmente dominante parece ser unicamente influenciada pela identidade étnica em situações em que estes sujeitos se encontram em micro-contextos em que constituem a minoria étnica (Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1990, 1992; Phinney et al., 1997a; Roberts et al., 1999; Umaña-Taylor & Shin, 2007).

Ao efectuarem uma revisão dos resultados de 184 investigações na área da identidade étnica, em que uns mostram a existência de correlações significativas e positivas entre a identidade étnica e a auto-estima, e outros, que a identidade étnica pode, em algumas circunstâncias, constituir um factor de risco à adaptação psicossocial dos jovens, Smith e Linda (2011) concluem que o primeiro tipo de trabalhos revela uma magnitude de correlação entre as variáveis em estudo bastante mais elevada do que o segundo tipo de estudos. Podemos então inferir que a identidade étnica apresenta uma associação mais forte com um

ajustamento psicológico positivo do que com trajetórias de desenvolvimento desfavoráveis. De facto, têm surgido vários estudos empíricos que relatam associações sistemáticas entre *scores* compósitos de identidade étnica e auto-estima em vários grupos étnicos (Bracey et al., 2004; Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1992; Phinney & Alipuria, 1990; Phinney et al., 1997a; Phinney & Chavira, 1992; Roberts et al., 1999; Umaña-Taylor, 2004). Porém, este tipo de trabalhos não permite perceber qual o contributo de cada um dos componentes da identidade étnica (Umaña-Taylor et al., 2004; Verykuten, 1995) no bem-estar psicológico dos indivíduos.

Os dados obtidos por outro grupo de trabalhos em que se procede à análise da relação entre os três componentes da identidade étnica e a auto-estima, têm indicado a existência de associações significativas e positivas entre as três dimensões da identidade étnica – afirmação, exploração, resolução – e os níveis de auto-estima de adolescentes de minorias étnicas (Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor, Vargas-Chanes, Garcia & Gonzales-Backen, 2008). Alguns estudos que dão primazia a algumas dimensões da identidade, têm permitido igualmente constatar a existência de correlações significativas e positivas entre a dimensão afirmação da identidade étnica e os níveis de auto-estima dos sujeitos (Huynh & Fuligni, 2010; Kiang, Yip, Gonzales-Backen, Fuligni, 2006; Lee, 2005; Rivas-Drake et al., 2008; Verkuyten, 1995); entre os níveis de exploração e a auto-estima (Umaña-Taylor & Updegraff, 2007); e entre a resolução e a auto-estima (Lee, 2005; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007); registam-se ainda estudos que utilizam a versão original da MEIM (Phinney, 1992), encontrando igualmente associações positivas e significativas entre a auto-estima e as duas dimensões consideradas – afirmação (que inclui a resolução/compromisso) e exploração (Greene et al., 2006; Pahl & Way, 2006; Romero & Roberts, 1998).

Um estudo de Umaña-Taylor e Shin (2007) realizado em dois contextos geográficos distintos, que apresentavam diferentes composições étnicas, mostra como as associações entre a auto-estima e as dimensões da identidade étnica podem variar em função da composição étnica dos contextos onde os indivíduos se encontram. Os dados obtidos nesta investigação revelam que quando os membros do grupo maioritário estão inseridos em contextos onde eles próprios constituem a minoria, a sua etnicidade adquire uma relevância maior na definição de si próprios, uma vez que estes se encontram em contextos dissonantes, sendo possível observar uma relação significativa e positiva entre a auto-estima e as três dimensões da identidade étnica – afirmação, exploração e resolução – no caso dos Europeus Americanos

(etnia majoritária). Também no estudo realizado por Almeida (2008) se registaram associações significativas e positivas entre a auto-estima e as dimensões exploração e resolução da identidade étnica para a etnia portuguesa, numa escola em que os jovens desta etnia constituíam a minoria étnica, mas também em alguns contextos escolares onde estes estavam claramente em maioria.

1.3.2 Discriminação Étnica Percepcionada: o conceito

O conceito de discriminação étnica pretende fazer referência à existência de um conjunto de acções injustas dirigidas a determinados indivíduos, unicamente com base na sua pertença a um dado grupo étnico, que se fundamenta na existência de preconceitos de natureza étnica, tendo subjacente uma ideia de superioridade de determinado grupos em relação a outros (Coll et al, 1996; Szalacha, Erkut, Coll, Fields, Alarcon, e Ceder, 2003). Estes comportamentos discriminatórios podem assumir várias formas, como a exclusão, agressão física, ou até formas de discriminação mais subtis e ambíguas (Brown & Bigler, 2005; Rosenbloom & Way, 2004).

Têm surgido alguns estudos que se centram nas percepções que os indivíduos têm de que são tratados de modo injusto por causa da sua pertença étnica, pela sociedade em geral (Lee, 2005; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007), nomeadamente em espaços públicos (Alfaro, Umaña-Taylor, Gonzales-Backen, Bámaca, & Zeiders, 2009; Brody, Chen, Murry, Ge, Simons, Gibbons, Gerrard & Cutrona, 2006; Fisher et al., 2000; Seaton, Caldwell, Sellers & Jackson, 2008; Sellers & Shelton, 2003). As investigações que se têm debruçado sobre as percepções de discriminação em contexto escolar centram-se sobretudo nas percepções de ser tratado de modo injusto por professores e por colegas da escola, unicamente devido ao grupo étnico ao qual os jovens pertencem (Delgado, Updegraff, Roosa & Umaña-Taylor, 2011; Eccles et al., 2006; Fisher et al, 2000; Greene et al., 2006; Grossman & Liang, 2008; Huynh & Fuligni, 2010; Rivas-Drake, et al., 2008; Rosenbloom & Way, 2004; Wong et al., 2003).

Alguns estudos empíricos de carácter longitudinal mais recentes têm demonstrado a existência de um aumento dos níveis de discriminação étnica percebida ao longo do período da adolescência (Fisher et al., 2000; Greene et al., 2006; Szalacha et al., 2003). Parece natural que se registre um aumento da percepção deste tipo de experiências durante esta etapa de desenvolvimento, pois a capacidade de atribuir a causa de um comportamento injusto a uma ideia estereotipada só é possível a partir do momento em que os indivíduos adquirem determinadas competências cognitivas – nomeadamente o raciocínio formal abstracto, e o

desenvolvimento da tomada de perspectiva social (Brown & Bigler, 2005; Greene et al., 2006). Por outro lado, é ainda sublinhada a importância de um conjunto de factores contextuais e características individuais que tornam possível ou facilitam a percepção de actos discriminatórios (Brown & Bigler, 2005).

Existem algumas evidências empíricas que mostram que os membros de minorias étnicas percebem ser vítimas deste tipo de situações com alguma frequência (Fisher et al., 2000; Rivas-Drake et al., 2008; Romero & Roberts, 1998), percebendo, estes indivíduos, de um modo geral, quer em número mais elevado, quer com maior frequência, este tipo de experiências (Fisher et al., 2000; Huynh & Fuligni, 2010; Romero & Roberts, 1998).

Alguns modelos teóricos têm apontado a discriminação étnica percebida como um factor de risco ao desenvolvimento saudável de crianças e jovens, na medida que esta parece aumentar a probabilidade do surgimento de percursos psicossociais desajustados, diminuindo por conseguinte, a probabilidade de emergirem trajetórias positivas de desenvolvimento (Brown & Bigler; Coll et al., 1996).

1.3.3 Discriminação Étnica Percebida e Bem-estar Psicológico

Em consonância com esses modelos teóricos, nos últimos anos tem surgido um número crescente de estudos que evidenciam a importância que a percepção de situações de discriminação étnica tem na vida dos indivíduos, particularmente dos que pertencem a minorias étnicas (Delgado et al., 2011; Huynh & Fuligni, 2010; Lee, 2003; Romero & Roberts, 2003; Stone & Han, 2005; Umaña-Taylor et al., 2008; Umaña-Taylor, Wong, Gonzales, & Dumka, *in press*; Wong et al. 2003). A investigação nesta área tem mostrado que as percepções de discriminação étnica se encontram associadas à manifestação de um maior número de sintomas de depressão (Brody et al., 2006; Greene et al., 2006; Grossman & Liang, 2008; Huynh & Fuligni, 2010; Romero & Roberts, 2003; Szalacha et al., 2003; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007; Wong et al., 2003), a níveis mais baixos de auto-estima (Huynh & Fuligni, 2010; Lee, 2005; Romero & Roberts, 2003; Seaton et al., 2008; Seaton, 2010; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007; Wong et al., 2003).

Os resultados de investigações que têm procurado analisar as percepções de discriminação em contexto escolar, indicam que durante a adolescência, a percepção de experiências de discriminação étnica perpetradas pelos colegas apresentam consequências psicológicas mais nefastas do que a discriminação perpetrada pelos adultos (Greene et al., 2006; Pahl & Way, 2006; Rivas-Drake et al., 2008; Rosenbloom & Way, 2004).

1.3.4 Identidade Étnica, Discriminação Percepcionada e Auto-estima: que relação?

Não obstante o que temos vindo a referir acerca do potencial impacto negativo da percepção de situações de discriminação étnica em indicadores de bem-estar psicológico de adolescentes de minorias étnicas, existem algumas evidências empíricas que indicam que geralmente estes jovens apresentam níveis de auto-estima semelhantes (Martínez & Dukes, 1997; Umaña-Taylor et al. 2004; Zimmerman et al., 1997) e, por vezes, até superiores aos jovens que pertencem à maioria étnica (Fisher et al., 2000; Phinney et al., 1997a; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Os resultados de algumas investigações têm demonstrado que é possível que os jovens de grupos étnicos minoritários aprendam a conviver com campos de referência cultural diferentes, sem que isso afecte o seu bem-estar psicológico (Berry et al., 2006; Lee, 2005; Phinney, Chavira, & Williamson, 1992). Perante este conjunto de evidências, tal como sugere Verkuyten (1995), parece possível que os níveis idênticos de auto-estima verificados nos adolescentes de minorias étnicas e da maioria étnica sejam sustentados por mecanismos diferenciados. A identidade étnica tem sido apontada como um dos factores susceptível de contribuir para o bem-estar psicológico dos adolescentes, particularmente dos que pertencem a grupos étnicos minoritários (Phinney, 1992; Umaña-Taylor, 2004). Porém, como vimos, em determinadas circunstâncias, registam-se igualmente associações positivas entre a identidade étnica e a auto-estima dos membros da etnia socialmente maioritária (Phinney, 1992; Phinney et al., 1997a; Roberts et al., 1999; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Neste contexto, é importante considerar o impacto que a composição étnica dos contextos onde os adolescentes se movimentam, particularmente do contexto escolar, pode ter, quer nos níveis de identidade étnica, quer nas possíveis associações existentes entre a auto-estima dos jovens e esses níveis de identidade étnica.

No que diz respeito à auto-estima, e de acordo com o modo como Rosenberg (1979, cit. por Umaña-Taylor et al., 2002) conceptualiza o seu desenvolvimento, esta é construída no contacto e comparação com os outros. Deste modo, parece possível admitir que em contextos escolares em que os membros de um dado grupo étnico minoritário constituam a maioria étnica, os seus níveis de auto-estima não sejam inferiores aos dos membros que constituem a maioria étnica na sociedade, uma vez que, neste caso, encontram-se num micro-contexto consonante, e o grupo social com o qual se comparam é constituído por jovens que fazem parte do seu grupo étnico (Umaña-Taylor et al., 2002). Por outro lado, partindo do pressuposto de que o desenvolvimento da identidade étnica e a importância que esta adquire no *self* dos indivíduos são influenciados pelos contextos sociais onde os jovens se encontram

(Phinney, 1989, 1992; Roberts et al., 1999; Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor et al., 2002; Umaña-Taylor & Shin, 2007), a identidade étnica dos indivíduos parece assumir uma relevância maior, estabelecendo uma associação com as auto-representações de carácter afectivo (i.e., a auto-estima) quando os indivíduos se encontram em contextos em que constituem a minoria étnica (Phinney, 1992; Phinney et al., 1997a; Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007).

Para além da composição étnica do contexto escolar, outro aspecto que parece ter relevância quando queremos analisar a saliência que a etnicidade assume para determinados indivíduos, é a percepção de discriminação étnica. Pahl e Way (2006), ao examinarem as trajectórias de desenvolvimento dos diferentes elementos da identidade étnica, verificaram que estas diferiam em função da etnia considerada. Assim, os jovens Afro-Americanos mantiveram os seus níveis de exploração étnica elevados ao longo dos 4 anos em que decorreu o estudo. Já no grupo dos Latinos verificou-se uma diminuição dos níveis de exploração da própria etnicidade ao longo do tempo. Em relação às diferentes tendências encontradas nas trajectórias de exploração étnica nos dois grupos, os autores referiram que, situações de discriminação étnica reais ou percebidas podem justificar a contínua exploração da própria etnia realizada pelos membros Afro-Americanos. Esta assumpção parece plausível na medida em que foram os níveis de exploração destes adolescentes que mostraram uma relação de maior intensidade com a percepção de discriminação por parte dos seus colegas, conseguindo estes últimos predizer o curso de desenvolvimento da exploração da identidade étnica ao longo do tempo (Pahl & Way, 2006). Outro estudo realizado por Romero e Roberts (1998) mostrou que níveis mais elevados de exploração apresentados pelos adolescentes de grupos étnicos distintos conseguiam predizer níveis mais elevados de percepção de discriminação étnica, registando-se uma correlação significativa e positiva entre estas duas variáveis. Não mostrando a dimensão afirmação (que inclui resolução) o mesmo efeito preditivo sobre os níveis de discriminação percebida.

De acordo com Phinney (1996b), quando confrontados com o estatuto desvalorizado do seu grupo étnico, e consequentemente com um conjunto de estereótipos sociais a propósito desse mesmo grupo, pode acontecer que os jovens internalizem essas imagens negativas, o que poderá afectar a sua auto-estima; por outro lado, a autora considera que é igualmente possível que os jovens interiorizem um conjunto de imagens favoráveis ao seu grupo, transmitidas em contexto familiar ou na comunidade local. O modo como os jovens se vão posicionar face a estas imagens negativas veiculadas pela sociedade em que vivem parece

influenciar os níveis de auto-estima que vão apresentar. Assim, segundo Crocker e Major (1989), em contextos em que o seu grupo é socialmente desvalorizado, os indivíduos podem adoptar um conjunto de estratégias de auto-protecção do *self* que impeçam que essa desvalorização tenha um impacto negativo nas suas auto-representações. Com efeito, parece que nem sempre os indivíduos que pertencem a grupos socialmente desprestigiados interiorizam as atitudes negativas veiculadas pela sociedade *mainstream* a propósito do seu grupo étnico (Phinney, Chavira, & Tate, 1992b). Neste âmbito, a identidade étnica parece ser de facto crucial ao bem-estar psicológico dos adolescentes, em especial dos que pertencem a minorias étnicas, devendo esta relação ser sempre equacionada em função dos contextos sociais onde os jovens se movimentam.

1.4 Identidade étnica e orientação para os outros grupos

Nas palavras de Phinney (1996b) o processo de construção da identidade étnica “conduz idealmente ao desenvolvimento de um sentido seguro e positivo de identidade enquanto membro de um grupo étnico ou racial, em conjunto com uma aceitação dos outros grupos. Ao explorar a própria identidade étnica e a etnicidade dos outros, os jovens podem compreender as implicações da etnicidade numa sociedade diversa” (p.143). Nesta definição está implícito o impacto positivo que o aumento da compreensão sobre a própria etnicidade vai ter nas relações com os membros de outros grupos étnicos diferentes do próprio. Na sua versão original da MEIM (Phinney, 1992), Phinney inclui uma escala de atitudes perante os outros grupos étnicos– a *Other-Group Orientation Scale* (OGO) –, através da qual pretende mensurar as “atitudes e interacções com grupos étnicos diferentes do grupo de pertença” (Phinney, 1992, p.161).

Ao preconizar que, tanto a identidade étnica, como as atitudes perante os *out-groups* vão sofrendo alterações ao longo dos percursos de desenvolvimento dos indivíduos, acentua-se a importância que a aquisição de um grau de maturidade maior no que respeita à identidade étnica vai ter no modo como se processam os contactos inter-grupos (Phinney et al., 2007). Esta ideia é confirmada pelos trabalhos de Quintana, Castaneda-English e Ybarra (1999) que, para além de demonstrarem que a identidade étnica se encontra associada à capacidade de se colocar na perspectiva dos membros de outros grupos étnicos diferentes do próprio (i.e., tomada de perspectiva étnica), indicam também que a tomada de perspectiva étnica estabelece uma relação significativa e positiva com as atitudes perante os membros dos *out-groups*. Nesta mesma linha de pensamento, Phinney e colaboradores (1997b) sustentam que a construção de uma identidade étnica segura conduz a uma confiança no próprio grupo e uma

maior abertura a outros grupos étnicos diferentes do seu. Os resultados de um trabalho empírico que realizaram com adolescentes de minorias étnicas vão ao encontro destas ideias, ao demonstrar que a identidade étnica se desenvolve com a idade, conseguindo prever atitudes positivas perante o *in-group*, que por sua vez, estimulam atitudes favoráveis perante os *out-groups*.

Neste contexto, salienta-se ainda o impacto que as diferentes estratégias de aculturação adoptadas pelos indivíduos imigrantes pode ter na função desempenhada pela identidade étnica nas relações inter-grupos (Phinney et al., 2007). O termo *aculturação* pretende englobar um conjunto de mudanças culturais e psicológicas que ocorrem no contacto com culturas diferentes da sua (Berry, 2003, cit. por Berry et al., 2006). Recentemente, as estratégias de aculturação têm sido perspectivadas a partir de dois referentes: o grau em que os indivíduos em aculturação pretendem manter contactos com a sua cultura de origem, e o grau em que pretendem conhecer e envolver-se na cultura do país de acolhimento. Os resultados de estudos mais actuais têm indicado que o perfil de integração, que é caracterizado por um contacto com ambas as culturas (a do grupo étnico de origem e a do grupo nacional), quando comparado com os outros três perfis de aculturação – assimilação, separação e marginalização – se encontra associado a melhores níveis de adaptação psicossocial (Berry et al., 2006). Considerando os resultados obtidos numa investigação realizada por Zagefka e Brown (2002), é a adopção de um perfil de aculturação marcado pela integração que mais contribui para relações inter-grupais positivas. Phinney e colaboradores (2007) propõem que a aquisição de uma identidade étnica segura reduz a percepção dos membros de outros grupos como uma possível ameaça à própria etnicidade, podendo portanto, despoletar o surgimento de atitudes favoráveis ao contacto inter-cultural. A função desempenhada pela identidade étnica nas relações inter-grupos parece divergir de acordo com o estatuto social de cada grupo étnico (Phinney et al., 2007; Romero & Roberts, 1998). Como vimos, uma identidade étnica segura constitui um aspecto importante para o sentido de *self* dos membros de minorias étnicas (Phinney, 1989, 1992; Phinney & Alipuria, 1990), parecendo fornecer uma base para o desenvolvimento de atitudes positivas perante os outros grupos (Phinney & Devich-Navarro, 1997; Phinney et al., 2007). Parece plausível que o alcançar de uma identidade segura aliada a uma menor percepção dos membros de outros grupos como ameaçadores, faça diminuir a necessidade de avaliar os *out-groups* de modo menos favorável que o *in-group* (Phinney et al., 2007), o que torna possível percepcioná-los de uma forma mais positiva, aumentando, por conseguinte, a vontade de interagir com os membros desses grupos. No âmbito da teoria da

identidade social preconiza-se que os membros de grupos que possuem um lugar de destaque na hierarquia social revelam atitudes mais positivas sobre os exogrupos, pois não sentem necessidade de competir pelos recursos escassos, nem têm de envolver-se em estratégias de negociação social da sua identidade de grupo (Tajfel & Turner, 1986, cit. por Romero & Roberts, 1998).

As investigações que procuram averiguar a possível relação existente entre a identidade étnica e as atitudes perante os *out-groups*, têm obtido resultados algo divergentes. Na supra-referenciada investigação realizada por Phinney e colaboradores (1997b) com adolescentes de três grupos étnicos minoritários distintos, verificou-se a inexistência de uma associação directa entre os níveis de identidade étnica (mensurados através de um resultado compósito) apresentados pelos sujeitos, e as atitudes perante os *out-groups*. Esta relação mostrou ser mediada pela avaliação que os sujeitos faziam do *in-group*, assim sendo, quanto mais favorável era esta avaliação, mais positivas eram as atitudes sobre os *out-groups*. Já através de um trabalho realizado por Romero e Roberts (1998), em sentido contrário às hipóteses enunciadas pelos autores, constatou-se a existência de uma associação positiva e estaticamente significativa entre a dimensão afirmação da identidade étnica (que inclui resolução) e as atitudes perante os outros grupos étnicos; e também entre a exploração da identidade étnica e a orientação para os *out-groups*. Neste trabalho, foram os Europeus-Americanos (grupo maioritário) que revelaram os valores médios mais baixos nas medidas de afirmação étnica e exploração da identidade étnica, apresentando contudo, as atitudes mais favoráveis perante os *out-groups*. Os valores médios das atitudes perante os *out-groups* revelaram-se bastante positivos nos quatro grupos étnicos. Um outro trabalho empírico efectuado por Gloria e Hird (1999) com uma amostra de estudantes universitários, utilizando a escala OGO de Phinney (1992), mostrou a inexistência de uma relação estatisticamente significativa entre a identidade étnica e as atitudes inter-grupais. Num estudo posterior realizado com estudantes universitários de diversos grupos étnicos, com idades compreendidas entre os 17 e os 25 anos, Phinney e colaboradores (2007) constataram a existência de correlações significativas, positivas e moderadas entre os *scores* médios de orientação para os outros grupos e as dimensões exploração e resolução para os Latinos e Asiático-Americanos, registando-se também uma relação positiva entre estas duas dimensões e as OGO para os Afro-Americanos, que contudo não atingiu a significância estatística, talvez pelo reduzido número de participantes deste grupo étnico. No caso dos Europeus-Americanos não se constatou qualquer relação entre os *scores* da orientação para os *out-groups* e os

valores obtidos nas duas sub-escalas de identidade étnica. De um modo geral, os dados deste estudo indicam a existência de atitudes bastante positivas entre os jovens destes quatro grupos, não se verificando diferenças estatisticamente significativas entre estes grupos étnicos significativas na orientação para os *out-groups* (Phinney et al., 2007). Num estudo de Lee (2005), também com estudantes universitários, que pertenciam a uma etnia minoritária, foi possível constatar a existência de uma correlação significativa e positiva entre a afirmação e a orientação para os outros grupos.

A discrepância entre os resultados das referidas investigações parece dever-se, por um lado, à diferente composição étnica das amostras dos diversos estudos, e à consequente importância que os membros de cada grupo atribuem à identidade étnica. A propósito, refira-se que o trabalho desenvolvido por Gloria e Hird (1999) centrou-se numa amostra constituída por 86% de indivíduos Europeus-Americanos (grupo maioritário), enquanto outros estudos tinham uma percentagem muito menor de indivíduos pertencentes a este grupo étnico (e.g., Phinney et al., 2007; Romero & Roberts, 1998); e noutros trabalhos a amostra era unicamente constituída por jovens de minorias étnicas (e.g., Lee, 2005; Phinney et al., 1997b). Por outro lado, parece possível que a divergência de resultados encontrados esteja igualmente relacionada com o modo como foram mensuradas as variáveis de interesse: identidade étnica e orientação para os *out-groups*. Assim, em alguns estudos é utilizado um *score* composto de identidade étnica (e.g., Phinney et al., 1997b); noutros não são mensuradas todas as dimensões da identidade étnica (e.g., Phinney et al., 2007); noutros ainda, nem todas as dimensões da identidade étnica não mensuradas em separado (e.g., Romero & Roberts, 1998); ao contrário, noutros trabalhos avaliam-se isoladamente os três componentes da identidade étnica (Lee, 2005); por último, contrariamente ao que sucede nos estudos supra-citados, na investigação de Phinney e colaboradores (1997b) a orientação para os *out-groups* não é avaliada através da OGO (Phinney, 1992).

Observando os dados obtidos nos estudos de Phinney e colaboradores (2007) e de Romero e Roberts (1998), verifica-se a existência de alguma concordância. Assim, os jovens da maioria étnica mostram evidências de ter uma identidade étnica menos desenvolvida. Com efeito, se no estudo de Romero e Roberts (1998) pontuam mais baixo nas duas dimensões consideradas, no de Phinney e colaboradores (2007), quando os autores agrupam os sujeitos em estágios de desenvolvimento de identidade étnica consoante o grau de exploração e resolução dos jovens, verifica-se que são os estudantes pertencentes à maioria étnica que estão menos representados no estatuto de identidade étnica adquirida, tendo maior proporção no

estatuto de difusão de identidade. Os dados obtidos no trabalho de Phinney e colaboradores (2007) parecem confirmar a ideia de que, apesar de os membros de todos os grupos em estudo apresentarem uma tendência para manifestar atitudes positivas em relação aos *out-groups*, os processos subjacentes ao desenvolvimento deste tipo de atitudes são diferentes consoante o estatuto social do seu grupo de pertença. De facto, verifica-se que, no grupo dos Europeus-Americanos a propensão para interagir de forma favorável com os membros dos *out-groups* parece ser relativamente independente da identidade étnica, uma vez que estes jovens apresentam valores diminutos nesta variável, e mesmo assim mostram atitudes bastante favoráveis perante os membros de grupos diferentes do seu grupo de pertença. Acresce ainda que, nos membros das minorias étnicas, os indivíduos do grupo majoritário incluídos nos perfis de identidade étnica em difusão e identidade étnica adquirida mostram níveis idênticos de atitudes perante os outros grupos, e a identidade étnica e a orientação para os *out-groups* não mostraram estar significativamente correlacionadas. Nos membros dos grupos minoritários os indivíduos com identidade étnica em difusão ou outorgada mostram atitudes menos favoráveis ao contacto com os membros de outros grupos étnicos, quando comparados com os indivíduos que se encontram no patamar da identidade étnica adquirida. Considerando estas últimas evidências, e sabendo que a ausência de exploração constitui o aspecto comum ao perfil de identidade étnica difusa e ao de identidade outorgada, e que este mecanismo está presente na identidade étnica construída, parece plausível afirmar que é a falta da exploração que faz com que os indivíduos que estão em identidade difusa ou outorgada tenham atitudes menos favoráveis perante os *out-groups*.

A conjugação dos resultados do supra-referido estudo de Phinney e colaboradores (2007) e dos dados de um estudo qualitativo realizado pelos mesmos autores sugere que, se o modo como os jovens perspectivam e pensam a diversidade cultural parece estar dependente do desenvolvimento da identidade étnica, os aspectos mais afectivos que remetem para os sentimentos que os indivíduos têm acerca do envolvimento com membros de outros grupos, parecem não depender directamente do desenvolvimento da identidade étnica (Phinney et al., 2007). Para além disto, como já mencionámos, os mecanismos que se encontram por detrás do desenvolvimento de atitudes positivas perante os membros dos outros grupos parecem diferir em função da etnicidade dos sujeitos.

2. Problemática, Objectivos e Questões de Investigação

2.1 Problemática

Numa perspectiva de contribuição para o aumento dos conhecimentos científicos existentes na área da identidade étnica, e de aplicação destes mesmos conhecimentos nos contextos educativos, a presente investigação pretende, de um modo geral, mostrar que a identidade étnica constitui um aspecto importante quer no desenvolvimento de relações interculturais positivas (Phinney, 1992, Phinney et al., 1997b; Phinney et al., 2007), quer no bem-estar psicológico dos adolescentes, especialmente dos jovens que pertencem a minorias étnicas (Phinney, 1989, 1990, 1992). Neste estudo, seguimos a perspectiva de Phinney (1989, 1992) e de Umaña-Taylor e colaboradores (2004, 2007, 2008) examinando a identidade étnica como um constructo multidimensional – composta pelas dimensões exploração, resolução e afirmação – averiguando a possibilidade de as diferentes dimensões da identidade étnica estabelecerem associações com as outras variáveis em estudo.

Considerando os resultados de alguns estudos que apontam a discriminação étnica percebida como um factor susceptível de ter um impacto negativo no bem-estar psicológico dos jovens, particularmente dos que pertencem a etnias minoritárias (e.g., Huynh & Fuligni, 2010; Lee, 2005; Romero & Roberts, 2003; Seaton et al., 2008; Seaton, 2010; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007; Wong et al., 2003), averiguamos a possibilidade destes jovens percepcionarem mais situações de discriminação étnica em comparação com o grupo da etnia portuguesa. A um nível teórico, tem sido sugerido que mesmo perante situações adversas – i.e., presença de percepção de discriminação étnica – é possível que os jovens de etnias minoritárias mantenham níveis de bem-estar psicológico idênticos aos dos jovens de etnias maioritárias (Phinney, 1989, 1990, 1992), havendo dados que suportam esta assumpção (Fisher et al., 2000). Esta capacidade de resiliência é geralmente atribuída a factores de ordem psicológica, social e cultural, que protegem os jovens dos potenciais efeitos nefastos de factores de risco. Recentemente, têm surgido estudos que indicam que alguns elementos da identidade étnica podem, de facto, actuar como facilitadores do surgimento de trajectórias psicossociais positivas (e.g., Sellers & Shelton, 2003; Umaña-Taylor, Wong, Gonzales & Dumka, *in press*; Wong et al., 2003). Assim, as dimensões da identidade étnica encontram-se geralmente associadas de modo positivo à auto-estima dos jovens (e.g., Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007; Umaña-Taylor et al., 2008), estabelecendo, regra geral, esta última variável, uma correlação negativa com a discriminação étnica percebida (Huynh & Fuligni, 2010; Lee, 2005; Romero & Roberts, 1998; Wong et al., 2003).

Relativamente às atitudes perante outros grupos étnicos diferentes do grupo étnico de pertença, estas têm sido apontadas como um factor susceptível de contribuir para relações interculturais positivas (Lee, 2003, 2005; Phinney, 1992; Phinney et al., 1997b; Phinney et al., 2007). Se os jovens da maioria étnica parecem ter uma propensão para interagir de modo positivo com os membros de outros grupos, já nos membros de minorias étnicas a identidade étnica parece desempenhar um papel fundamental no surgimento desse tipo de atitudes (Phinney et al., 2007). Deste modo, sublinha-se a existência de dados que mostram correlações significativas e positivas entre a exploração e a resolução da identidade étnica e a orientação para os *out-groups* no caso das etnias minoritárias (Phinney et al., 2007); existem também dados que mostram a existência de uma associação significativa e positiva entre a dimensão afirmação e as atitudes perante os *out-groups*, num grupo étnico minoritário (Lee, 2005).

Utilizando a revisão de literatura apresentada na secção anterior como base teórica e empírica para a formulação da problemática deste estudo, pretendemos, num primeiro momento, analisar possíveis diferenças nos níveis de identidade étnica, e em duas das suas dimensões, entre os adolescentes que pertencem à etnia portuguesa e os que pertencem às etnias minoritárias. Posteriormente, procederemos à análise das associações entre as três dimensões da identidade étnica – exploração, resolução e afirmação – e os níveis de auto-estima dos jovens. Mais tarde, examinaremos a possível existência de diferenças nos níveis médios de discriminação étnica percebida global, consoante a etnia de pertença. Ainda relativamente à percepção de situações de discriminação étnica, tentaremos perceber se esta variável se encontra relacionada de modo significativo com a nossa medida de bem-estar psicológico: a auto-estima. Outro aspecto que pretendemos analisar, é a possível existência de uma relação significativa entre a dimensão exploração da identidade étnica e a discriminação étnica percebida perpetrada pelos colegas, no caso dos adolescentes das etnias minoritárias. Seguidamente, propomo-nos averiguar a existência de atitudes positivas perante os outros grupos étnicos diferentes do próprio, quer na etnia portuguesa, quer nas etnias minoritárias. É ainda nossa intenção testar um conjunto de hipóteses que remetem para a existência de associações entre as dimensões da identidade étnica – exploração, resolução e afirmação – e a orientação para os *out-groups* no grupo das etnias minoritárias.

2.2 Objectivos e Questões de Investigação

2.2.1 Diferenças nos Níveis de Identidade Étnica e suas Dimensões em função da Etnia de Pertença

Um dos elementos cruciais desta investigação relaciona-se com a possível existência de diferenças nos níveis de identidade étnica global e também nas suas dimensões entre os alunos da etnia portuguesa e os alunos que pertencem às etnias minoritárias. Os resultados de algumas investigações anteriormente apresentadas, indicam que os jovens que pertencem a grupos étnicos minoritários apresentam níveis de identidade étnica global significativamente mais elevados do que os jovens da maioria étnica (e.g., Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1992; Roberts et al., 1999). Por outro lado, têm surgido outras investigações que mostram a existência de diferenças entre estes grupos de etnias, tanto na dimensão exploração, como na dimensão resolução da identidade étnica, sendo novamente as etnias minoritárias que apresentam sistematicamente valores mais elevados (Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2007). No caso da afirmação, não colocamos qualquer hipótese, pois os resultados dos estudos têm sido pouco conclusivos em relação a este aspecto. Assim, se em algumas investigações é possível constatar a existência de níveis médios de afirmação semelhantes entre o grupo da etnia majoritária e os grupos de etnias minoritárias (Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2007), os dados de um estudo realizado em Portugal, indicam que existem diferenças significativas na dimensão afirmação entre a etnia portuguesa e as etnias minoritárias, sendo o primeiro grupo que apresenta valores médios mais elevados (Almeida, 2008).

Na sequência da fundamentação empírica acima apresentada, elaboram-se um conjunto de hipóteses:

Hipótese 1: Os alunos das etnias minoritárias apresentarão níveis médios mais elevados de identidade étnica global, em comparação com os alunos que pertencem à etnia portuguesa.

Hipótese 2: Os alunos das etnias minoritárias revelarão níveis mais elevados de exploração, comparativamente aos alunos da etnia portuguesa.

Hipótese 3: Os alunos das etnias minoritárias apresentarão níveis mais elevados de resolução em comparação com os alunos da etnia portuguesa.

2.2.2 Relações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-Estima

Os estudos que analisam possíveis associações entre as três dimensões da identidade étnica e a auto-estima, têm indicado a existência de correlações estatisticamente significativas e positivas entre estas variáveis em adolescentes de minorias étnicas (Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007; Umaña-Taylor et al., 2008). No caso da etnia majoritária, é igualmente possível verificar associações significativas e positivas entre as três dimensões da identidade étnica e os níveis de auto-estima dos jovens destes grupos, particularmente quando estes se encontram em contextos escolares em que constituem uma minoria étnica (Umaña-Taylor & Shin, 2007). De modo análogo, num estudo de Almeida (2008), observaram-se correlações significativas e positivas entre a exploração e resolução da identidade étnica e a auto-estima no caso dos jovens que pertenciam à etnia portuguesa (etnia socialmente majoritária), numa escola em que estes constituíam a minoria étnica, mas também em alguns contextos escolares onde estes estavam claramente em maioria. Considerando que, à semelhança do estudo de Almeida (2008), também os participantes da presente investigação frequentam escolas que apresentam uma composição étnica bastante diversa, ainda que em ambas as escolas, a etnia portuguesa esteja claramente em maioria, parece possível que a exploração e resolução da identidade étnica se encontrem significativamente correlacionadas com os níveis de auto-estima dos jovens da etnia portuguesa. No caso dos jovens da etnia portuguesa, não é colocada qualquer hipótese relativamente à associação significativa entre a afirmação e auto-estima, pois não temos conhecimento da existência de dados que suportem a existência dessa relação. Neste âmbito, tendo como base as evidências empíricas supra-referidas, parece relevante perceber se existem associações entre os componentes da identidade étnica e a auto-estima, quer nas etnias minoritárias, quer na etnia portuguesa. Surgem então as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 4: A auto-estima e a exploração da própria etnia apresentarão uma associação significativa e positiva na totalidade da amostra.

Hipótese 5: A auto-estima e a resolução da própria etnia apresentarão uma correlação significativa e positiva na totalidade da amostra.

Hipótese 6: A auto-estima e a dimensão afirmação da identidade étnica encontrar-se-ão significativa e positivamente correlacionadas no grupo das etnias minoritárias.

2.2.3 Diferenças entre as Etnias nos Níveis de Discriminação Étnica Percepcionada

No que diz respeito à percepção de situações de discriminação étnica, investigações recentes demonstraram que os jovens que pertencem a minorias étnicas percebem, quer um número mais elevado deste tipo de experiências, quer com maior frequência (Fisher et al., 2000; Huynh & Fuligni, 2010; Romero & Roberts, 1998). Relativamente ao tipo de discriminação percebida, no estudo de Romero e Roberts (1998) são avaliadas as percepções de discriminação de um modo geral, sem fazer referência a um contexto específico, já nos estudos de Huynh & Fuligni (2010) e de Fisher e colaboradores (2000), as escalas avaliam percepções de discriminação pessoal perpetrada por colegas de escola e por adultos. No estudo de Fisher e colaboradores (2000) este último tipo de discriminação étnica percebida remete para o sentimento de ser tratado de modo injusto por professores. Com base nestas evidências, elaborámos outra hipótese de investigação:

Hipótese 7: Os alunos das etnias minoritárias manifestarão níveis mais elevados de discriminação percebida global, em comparação com os alunos da etnia majoritária.

2.2.4 Associações entre a Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-Estima

Tanto o estudo de Fisher e colaboradores (2000), como o de Huynh e Fuligni (2010), e também o de Greene e colaboradores (2006) mostraram a existência de associações estatisticamente significativas e negativas entre a percepção de discriminação étnica perpetrada por colegas da escola e os níveis de auto-estima pessoal (quer nos grupos étnicos minoritários, quer na maioria étnica); no estudo de Fisher e colaboradores (2000) verifica-se também uma associação significativa e negativa entre a percepção de discriminação étnica perpetrada pelos professores e os níveis de auto-estima, tanto no caso dos membros de etnias minoritárias, como na etnia majoritária. Tomando como referência estas evidências, formulamos mais duas hipóteses:

Hipótese 8: A percepção de discriminação étnica perpetrada pelos colegas e a auto-estima vão apresentar uma correlação significativa e negativa para a totalidade da amostra.

Hipótese 9: A percepção de discriminação étnica perpetrada pelos professores e a auto-estima vão estabelecer uma correlação significativa e negativa para a totalidade da amostra.

2.2.5 Relação entre as Percepções de Discriminação Étnica Perpetradas pelos Colegas e a Dimensão Exploração da Identidade Étnica

Partindo do pressuposto de que a percepção de discriminação étnica pode tornar a etnicidade dos jovens que pertencem a etnias minoritárias mais saliente, despoletando ou aumentando o desejo de querer adquirir mais conhecimentos sobre as suas etnias de pertença (Phinney, 1990; French et al., 2006), e da constatação de indicações empíricas que mostram a existência de uma correlação estatisticamente significativa e positiva entre a dimensão exploração da identidade étnica e a percepção de discriminação étnica, elaboramos outra hipótese (Pahl & Way, 2006; Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007). É ainda importante salientar que, durante o período da adolescência, a percepção de discriminação étnica perpetrada pelos colegas parece adquirir uma relevância maior nas auto-representações dos adolescentes, comparativamente à percepção de discriminação perpetrada pelos professores (Greene et al., 2006; Pahl & Way, 2006; Rivas-Drake et al., 2008; Rosenbloom & Way, 2004). Assim, em concordância com as evidências empíricas referidas, formulámos outra hipótese de investigação:

Hipótese 10: A discriminação étnica percebida perpetrada pelos colegas encontrar-se-á correlacionada de modo significativo e positivo com a exploração da identidade étnica, no caso das etnias minoritárias.

2.2.6 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Orientação para os *Out-Groups* e Dimensões da Identidade Étnica

Partindo da premissa de que, quer os membros de etnias minoritárias quer os membros de etnias maioritárias apresentam atitudes positivas perante os outros grupos étnicos, sendo esta premissa sustentada pelos dados obtidos nos estudos de Romero e Roberts (1998), e de Phinney e colaboradores (2007), propomos a existência de atitudes positivas em ambos os grupos (i.e., etnia portuguesa e etnias minoritárias). Esta predisposição para interagir de modo favorável com os membros dos *out-groups* parece ser sustentada por mecanismos diferenciados em função do estatuto social do grupo (Phinney et al., 2007). Isto significa que, enquanto os participantes da etnia portuguesa terão à partida atitudes positivas perante os *out-groups*, nos participantes que pertencem às etnias minoritárias, é a identidade étnica que vai facilitar o surgimento deste tipo de atitudes (Phinney et al., 2007).

Apesar dos resultados aparentemente algo discordantes obtidos nos estudos que analisam possíveis associações entre as dimensões da identidade e a orientação para os outros

grupos, considerando o conjunto de resultados desses estudos, é possível encontrar pontos comuns. Assim, baseando-nos nos resultados do estudo de Phinney e colaboradores (2007) e de Lee (2005) propomos que as três dimensões da identidade étnica vão estabelecer uma relação positiva com as atitudes perante os *out-groups*, no caso das etnias minoritárias. Não colocamos qualquer hipótese acerca da relação entre os componentes da identidade étnica e as atitudes perante os *out-groups* no caso da etnia portuguesa, pois não temos conhecimento de dados empíricos que fundamentem de modo inequívoco esta associação. Na sequência dos propósitos referidos surge outro conjunto de hipóteses:

Hipótese 11: Os alunos das etnias minoritárias e os alunos da etnia portuguesa apresentarão atitudes positivas perante os membros dos *out-groups*.

Hipótese 12: A exploração da identidade étnica e as atitudes perante os *out-groups* encontrar-se-ão associadas de modo significativo e positivo no caso das etnias minoritárias.

Hipótese 13: A resolução da identidade étnica e as atitudes perante os *out-groups* revelarão uma correlação significativa e positiva no caso das etnias minoritárias.

Hipótese 14: A dimensão afirmação da identidade étnica e a orientação para os *out-groups* apresentarão uma associação significativa e positiva no caso das etnias minoritárias.

Em seguida, proceder-se-á à descrição dos instrumentos e metodologias utilizados para responder aos objectivos e questões de investigação enunciados.

3. Método

3.1 Delineamento do estudo

O presente estudo é de carácter quantitativo-correlacional, segundo a tipologia apresentada por Almeida e Freire (2003), e pretende, por um lado, averiguar a existência de diferenças entre o grupo da etnia portuguesa e o grupo das etnias minoritárias nos níveis médios de identidade étnica (global e suas dimensões); analisam-se também a existência de possíveis correlações entre as dimensões da identidade étnica e a auto-estima; é igualmente examinada a existência de diferenças significativas entre etnias nos níveis de discriminação percebida global; pretende-se ainda averiguar a existência de associações entre as duas dimensões de discriminação étnica percebida e a auto-estima; outro dos objectivos é verificar se, no grupo das etnias minoritárias, a dimensão exploração da identidade étnica se encontra significativamente relacionada com a percepção de discriminação étnica perpetrada pelos colegas; por último, através de um conjunto de hipóteses, tentaremos perceber se os alunos que pertencem à etnia portuguesa e os alunos que pertencem ao grupo das etnias minoritárias apresentam uma orientação favorável para interagir com os membros dos *out-groups*, e também o modo como os diferentes componentes da identidade étnica se associam à orientação para os *out-groups* no grupo das etnias minoritárias.

3.2 Participantes

Em consonância com os objectivos do presente estudo empírico tentaram seleccionar-se zonas geográficas caracterizadas por uma elevada taxa de concentração de imigrantes, ou filhos de imigrantes. Foram contactadas 15 escolas, destas, apenas 4 aceitaram participar nesta investigação, contudo, devido a constrangimentos de horário, apenas foi possível recolher dados junto dos alunos de duas dessas escolas. Uma das escolas situa-se no concelho de Setúbal e a outra no concelho da Amadora.

A amostra foi escolhida por conveniência, uma vez que em cada escola se procedeu à recolha do maior número de inquéritos possível, considerando as imposições dos órgãos responsáveis pelas escolas, no que respeita a autorizações de encarregados de educação e à conveniência de horários. Participaram neste estudo 387 alunos do 3ºciclo, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, com uma média de idades de 13.75 ($SD = 1.21$). Na escola 1 foi possível aplicar os inquéritos a 180 alunos, distribuídos por 4 turmas de 7º ano, 3 turmas de 8º ano e 3 turmas de 9º ano. Na escola 2 participaram 207 alunos, de 4 turmas de 7º ano, 3 de 8º ano, e 3 de 9º ano. Através da Tabela 1 podemos verificar que o número de

participantes por escola em cada ano de escolaridade, apesar de apresentar algumas diferenças, está relativamente equilibrado. Considerando o total da amostra, realça-se a existência de um número maior de alunos a frequentar o 7º ano de escolaridade.

Tabela 1 – Distribuição dos participantes pelo ano de escolaridade em cada escola

		Ano de Escolaridade			Total
		7º	8º	9º	
Escola	1	65	46	69	180
	2	88	59	60	207
Total		153	105	129	387

Na tabela 2, a seguir apresentada, verifica-se que em ambas as escolas existe um número mais elevado de alunos do género feminino. Na totalidade da amostra 43.7% dos sujeitos são do género masculino, e 56.3% são do género feminino.

Tabela 2 – Distribuição dos participantes por género em cada escola

		Género		Total
		Feminino	Masculino	
Escola	1	96 (53.3%)	84 (46.7%)	180
	2	122 (58.9%)	85 (41.1%)	207
Total		218 (56.3%)	169 (43.7%)	387

Neste estudo, optou-se pelo 3º ciclo de escolaridade, pois de acordo com alguns autores, é fundamental desenvolver mais investigações que analisem as relações que se estabelecem entre a identidade étnica e outras variáveis consideradas relevantes, nomeadamente a discriminação percebida, durante o período inicial da adolescência (Rivas-Drake et al., 2008). Huang e Stormshak (2011) reforçam este aspecto, ao sublinharem a existência de um número reduzido de estudos empíricos que se centram na identidade étnica de jovens nos primeiros anos da adolescência. Seguindo esta linha de pensamento, acredita-se que é durante o início da adolescência que os jovens adquirem um conjunto abrangente de conhecimentos acerca da sua etnicidade (Phinney, 1989; Quintana, 1998). De acordo com alguns autores, este processo de aprendizagem é estimulado pelas várias mudanças sócio-cognitivas (Quintana et al., 1999; Umaña-Taylor et al., 2009) e contextuais que ocorrem nesta etapa de desenvolvimento (Coll et al., 1996; French et al., 2006).

A categorização dos participantes foi efectuada através de dois critérios principais: as nacionalidades dos pais e avós dos participantes, e a etnia (ou etnias) com que os jovens mais

se identificavam (esta última questão estava presente no início da Escala de Identidade Étnica). Constituíram-se dois grupos principais a partir da intersecção das nacionalidades dos pais e dos avós dos jovens com a etnia (ou etnias) a que estes últimos atribuíam mais importância. Ficámos então com dois grupos principais: etnia portuguesa e etnias minoritárias. Posteriormente, com base nos mesmos critérios, distribuímos os sujeitos incluídos no grupo das etnias minoritárias por três grupos, e mantivemos o grupo da etnia portuguesa. Isto permitiu-nos ficar com 4 grupos: etnia portuguesa, etnias africanas (PALOP), etnias luso-africanas, e outras etnias. Na tabela 3 podemos observar o número de participantes pertencente às duas etnias com maior representação numérica (etnia portuguesa e etnias minoritárias) presente em cada uma das escolas. A amostra total é constituída por 65.9% de alunos da etnia portuguesa, e 34.1% de alunos das etnias minoritárias. Os dados indicam ainda que nas duas escolas há uma maioria de alunos pertencentes à etnia portuguesa. Constatamos também que a escola 2 apresenta um número mais elevado de alunos das etnias minoritárias (37.6%), em comparação com a escola 1 (30.1%).

Tabela 3 – Distribuição dos participantes pelas duas escolas em função das duas etnias com maior representatividade numérica

		Escola		Total
		Escola 1	Escola 2	
Etnias	Etnia Portuguesa	121 (69.9%)	128 (62.4%)	249 (65.9%)
	Etnias Minoritárias	52 (30.1%)	77 (37.6%)	129 (34.1%)
Total		173 (100%)	205 (100%)	378 (100%)

A Tabela 4, a seguir apresentada, mostra o modo como os participantes se distribuem pelas quatro etnias nas duas escolas. Salienta-se que na escola 2 existe um número maior de alunos das etnias africanas (PALOP) e das etnias luso-africanas, comparativamente à escola 1.

Tabela 4 – Distribuição dos participantes por etnias em cada escola

		Escola		Total
		Escola 1	Escola 2	
Etnias	Etnia Portuguesa	121 (69.9%)	128 (62.4%)	249 (65.9%)
	Etnias Africanas (PALOP)	12 (6.9%)	29 (14.1%)	41 (10.8%)
	Etnias Luso-Africanas	16 (9.2%)	24 (11.7%)	40 (10.6%)
	Outras Etnias	24 (13.9%)	24 (11.7%)	48 (12.7%)
Total		173 (100%)	205 (100%)	378 (100%)

3.3 Instrumentos

Foi utilizado um conjunto de escalas composto por quatro partes: Parte 1 – Dados biográficos; Parte 2 – Escala de Autoconceito e Auto-Estima; Parte 3 – Escala de Identidade Étnica; Parte 4 – Escala de Discriminação Percepcionada. A Parte 1 foi sempre a primeira a ser preenchida pelos alunos, mas a ordem de preenchimento das Partes 2, 3 e 4 variou, utilizando-se o contrabalanceamento (Almeida & Freire, 2003) com o objectivo de controlar a introdução de diferenças nos resultados causados pelo efeito da ordem com que os instrumentos de avaliação eram aplicados, nomeadamente por variáveis relacionadas com o cansaço dos alunos aquando do preenchimento das escalas.

3.3.1 Descrição das Escalas, Cotação e Interpretação

Através da Parte 1 foram recolhidos alguns dados biográficos dos alunos para caracterizar a amostra – designadamente a idade, género, ano de escolaridade, nacionalidade, entre outros (Anexo A).

A parte 2 era composta pela Escala de Autoconceito e Auto-Estima de Peixoto e Almeida (1999; Peixoto, 2003) (Anexo B). A Escala de Autoconceito e Auto-Estima inclui 53 itens, distribuídos por 9 dimensões diferentes. Este instrumento contempla ainda uma sub-escala constituída por 6 itens, que permite avaliar a auto-estima. No final da escala estão ainda incluídos 18 itens – 2 para cada domínio específico do autoconceito, remetendo 10 dos itens para a atribuição de importância, e os restantes 8 para a não atribuição de importância à dimensão considerada (Peixoto, 2003). Neste estudo utilizámos apenas os dados relativos à auto-estima, pelo que nos vamos cingir à caracterização dessa sub-escala. A sub-escala de auto-estima pretende avaliar os sentimentos que os sujeitos têm a propósito da pessoa que são,

sendo como referimos, constituída por 6 itens (itens: 10, 20, 30, 40, 50 e 53) que se encontram agrupados com os itens do autoconceito. Cada um destes itens corresponde a uma afirmação, sendo pedido aos participantes que se posicionem face a essas mesma afirmação, escolhendo uma das quatro opções de resposta possíveis: “Exactamente como eu”, “Como eu”, “Diferente de mim” ou “Completamente diferente de mim” – exemplo de um item: “Alguns jovens, a maior parte das vezes, estão satisfeitos consigo próprios”. É importante referir que alguns destes itens estão enunciados na negativa, sendo portanto necessário inverter a sua cotação. Relativamente à cotação, esta pode variar de 1 a 4 para cada um dos itens, correspondendo o 1 à existência de baixos sentimentos de auto-valorização, e o 4 a fortes sentimentos de valorização pessoal. Através da cotação da sub-escala de auto-estima é possível ter acesso aos valores médios de auto-estima dos sujeitos (Peixoto, 2003).

A Parte 3 é composta pela Escala de Identidade Étnica de Umaña-Taylor e colaboradoras (2004) (Anexo C), que foi anteriormente traduzida livremente por Almeida (2008) e utilizada pela mesma autora numa amostra de 473 adolescentes que frequentavam igualmente o 3º ciclo do ensino Básico. Na altura foi efectuada uma análise factorial utilizando o método de rotação ortogonal *Varimax*, e extracção dos componentes principais, confirmando-se a existência das três dimensões da identidade étnica propostas por Umaña-Taylor e colaboradoras (2004). Os três factores permitiram explicar 56% da variância total da escala, tendo sido eliminados três itens (um da sub-escala afirmação e dois da sub-escala exploração, por apresentarem cargas factoriais inferiores a .50). Esta escala ficou então constituída por 14 itens. Os valores relativos ao grau de consistência interna revelaram-se elevados tanto para cada uma das dimensões da identidade étnica – exploração: .808; resolução: .856; afirmação: .834 –, como para a escala completa (.832) (Almeida, 2008). Os coeficientes de consistência interna de cada uma das sub-escalas da identidade étnica têm-se revelado elevados, em diversos trabalhos. Destacamos dois estudos de Umaña-Taylor e colaboradoras (2004), realizados com jovens de vários *backgrounds* étnicos. A amostra de um dos estudos era composta por jovens que frequentavam o ensino secundário, e a outra por jovens universitários, variando os valores dos coeficientes-alfa para as três sub-escalas entre .84 e .92.

No presente estudo, antes da escala de identidade étnica propriamente dita, foi apresentada uma definição de etnia, dando-se alguns exemplos de etnias – esta definição já se encontrava presente no instrumento originalmente construído por Umaña-Taylor e colaboradoras (2004), tendo sido efectuadas apenas algumas alterações para que esta se

adeque ao contexto português. A identidade étnica foi estudada através da análise das suas três dimensões (afirmação, exploração e resolução) e também dos valores médios globais obtidos pelos sujeitos nesta medida – i.e., identidade étnica global. Foram introduzidas algumas alterações à escala de identidade étnica utilizada por Almeida (2008). Atendendo ao facto de que todos os itens da sub-escala afirmação da identidade étnica utilizados no estudo de Almeida (2008) se encontram enunciados na forma negativa, o que pode, segundo Almeida (2008), ter contribuído para os elevados valores verificados nesta sub-escala (valores médios variam entre aproximadamente 3.20 e 3.75), que não permitiram discriminar os grupos de jovens considerados, procedeu-se à reformulação de alguns itens da referida sub-escala. Com efeito, parece plausível que os resultados obtidos no estudo de Almeida (2008) na dimensão afirmação da identidade étnica se devam, tal como a autora propôs, a um problema metodológico que levou os participantes a darem respostas extremamente positivas aos itens que reenviam para esta dimensão (Almeida, 2008). De facto, Phinney (1990, 1992) sugere que os instrumentos que incluem itens em que há uma rejeição evidente da etnia dos indivíduos apresentam uma reduzida variabilidade de respostas, podendo as respostas a estes itens ser influenciadas pela desejabilidade social. Reformularam-se então alguns itens da sub-escala afirmação que estavam na forma negativa. Foram ainda efectuadas alterações em alguns itens das outras duas sub-escalas, após a realização de um pré-teste (Anexo D).

A Escala de Identidade Étnica é constituída por 17 itens, dos quais seis compõem a dimensão de afirmação (itens: 1, 6, 9, 14, 20 e 23), sete são itens da dimensão exploração (itens: 2, 4, 5, 8, 12, 16 e 22), e por fim, quatro são itens da dimensão resolução (itens: 11, 15, 18 e 19). Cada item da escala corresponde a uma afirmação perante a qual os jovens têm de se posicionar, oscilando as opções de resposta numa escala com 4 pontos: 1 (“Não me descreve nada bem”) 2 (“Descreve-me um pouco”), 3 (“Descreve-me bem”), e 4 (“Descreve-me muito bem”). Na cotação é atribuído 1, 2, 3, ou 4 pontos a cada item, correspondendo 1 ponto aos níveis mais baixos de afirmação, exploração ou resolução, e os 4 pontos ao nível mais elevado de afirmação, exploração ou resolução. Podem obter-se valores médios para as três sub-escalas (afirmação, exploração e resolução), ou médias da identidade étnica global.

Na EIS (Umaña-Taylor et al., 2004) foram ainda incluídos 6 itens (itens: 3, 7, 10, 13, 17 e 21) de uma medida de atitudes intergrupais desenvolvida por Phinney (1992) que pretende mensurar o grau em que os indivíduos gostam de conviver com pessoas de outros grupos étnicos diferentes do seu: a denominada *Other-Group Orientation* (OGO; Phinney, 1992) (Anexo C). De acordo com Phinney (1992), apesar das atitudes e orientação para outros

grupos étnicos serem conceptualmente distintos da identidade étnica, podem interagir com esta variável. Os resultados de uma análise factorial exploratória realizada pela autora mostraram que, de facto, os itens da OGO (Phinney, 1992) se agrupam em torno de um único factor, independente dos itens que avaliam a identidade étnica. Esta escala tem mostrado um grau de consistência interna aceitável em estudos anteriores (e.g. Lee, 2005; Phinney, 1992; Phinney et al., 2007; Romero & Roberts, 1998). Foi utilizada a mesma escala de resposta da EIS (Umaña-Taylor et al., 2004), podendo a cotação de cada item variar de 1 a 4 pontos, correspondendo 1 ponto a atitudes mais negativas, e 4 pontos a atitudes mais favoráveis perante os *out-groups*. Deste modo, os valores mais elevados indicam atitudes positivas perante os outros grupos. Através da cotação podem ser calculados os valores médios das atitudes perante os outros grupos. Apresentam-se alguns exemplos de itens da OGO: “As vezes acho que seria melhor que as pessoas de diferentes etnias não tentassem juntar-se (código invertido)” ou “Costumo envolver-me em actividades com pessoas de outras etnias”. À semelhança da EIS (Umaña-Taylor et al., 2004), também a OGO (Phinney, 1992), contém alguns itens que se encontram formulados na negativa, devendo, por isso, ser cotados de forma inversa.

A parte 4 era composta por um instrumento que pretendia avaliar a percepção de ser injustamente tratado unicamente por pertencer a um determinado grupo étnico. Esta medida foi construída a partir da literatura existente na área da discriminação étnica percebida, particularmente com base no *Adolescent Discrimination Distress Index* (ADDI), instrumento desenvolvido por Fisher e colaboradores (2000), e numa outra medida de discriminação percebida desenvolvida por Neto (2010).

Ao efectuar-se uma revisão de literatura na área da discriminação étnica percebida, constatou-se que os resultados de alguns estudos apontam não só a importância de considerar o perpetrador da discriminação que é percebida pelos jovens, como também diferentes tipos de discriminação – mais aberta, subtil, ou relacional (e.g., Rosenbloom & Way, 2004). Perante algumas evidências empíricas que mostram a existência de diferenças no que respeita ao género em relação aos níveis de discriminação percebida, alguns investigadores têm levantado a hipótese da possibilidade da existência de uma diferenciação inter-géneros quanto ao tipo de discriminação percebida (Greene et al., 2006; Rosenbloom, & Way, 2004). Relativamente aos diferentes níveis de discriminação percebida apresentados em função do género, Umaña-Taylor e colaboradores (*in press*) sugerem a utilidade de desenvolver investigações que permitam perceber se os instrumentos

que avaliam este constructo estão adaptados ao tipo de discriminação que os jovens de ambos os géneros percebem. Considerando esta realidade, tentou construir-se um conjunto de itens que remetesse para diferentes formas de discriminação (discriminação mais subtil: “Sinto que quando tenho uma dúvida ou quero perguntar alguma coisa, alguns professores ignoram-me por causa do meu meio de origem étnico” ou ainda: “Os meus colegas convidam-me poucas vezes para sair com eles por causa da etnia a que pertenço”; discriminação mais aberta: “Sinto que alguns colegas meus me chamam nomes ou me insultam por causa do meu meio de origem étnico”). Na elaboração da escala teve-se também em atenção o facto de, contrariamente à maioria dos trabalhos nesta área – nomeadamente o estudo de Neto (2010), em que a escala de discriminação percebida foi unicamente aplicada aos jovens imigrantes – este instrumento ter sido concebido para aplicar tanto a jovens da maioria étnica, como a jovens das minorias étnicas. Assim, tentou encontrar-se um conjunto de situações em que possivelmente os jovens do grupo étnico maioritário se sentem discriminados. Isto porque, os resultados de alguns trabalhos empíricos mostram que é frequente encontrar diferenças inter-étnicas relativamente ao tipo de discriminação que estes percebem (e.g., Fisher et al. 2000; Greene et al., 2006).

A escala de discriminação étnica percebida construída foi designada “*Os Outros face à minha Etnia*” (Anexo E), tendo sido incluída uma parte da introdução, que se encontra presente na escala de discriminação percebida construída por Neto (2010), juntamente com as instruções de preenchimento da escala. Também este instrumento sofreu algumas alterações após a realização de um pré-teste (Anexo D). Esta escala é constituída por 20 itens, distribuídos por duas dimensões: uma que, através de 9 itens, avalia o sentimento de ter sido tratado de modo injusto por colegas da escola (itens: 2, 4, 6, 8, 10, 13, 15, 17 e 20) e outra, constituída por 11 itens, que avalia o sentimento de ter sido tratado de forma injusta por professores (itens: 1, 3, 5, 7, 9, 11, 12, 14, 16, 18, 19), unicamente por pertencer a um determinado grupo étnico. Cada item corresponde a uma afirmação que descreve uma situação de discriminação unicamente com base no grupo étnico de pertença, como por exemplo: “Fui gozado (a) ou ameaçado (a) pelos meus colegas por causa do meu meio de origem étnico.” – percepção de discriminação perpetrada pelos colegas; ou “Sinto que alguns professores me castigam mais a mim do que a alguns dos meus colegas, só por causa do grupo étnico a que pertenço.” – percepção de discriminação perpetrada pelos professores. É pedido aos jovens que se posicionem face a cada uma das afirmações, através de uma escala de resposta tipo-Likert, que varia de 5 (concordo totalmente) a 1 (discordo totalmente). A

atribuição de 5 pontos corresponde a uma elevada percepção de discriminação, enquanto o 1, corresponde a uma total ausência de percepção de discriminação. A partir da cotação podem calcular-se as médias da discriminação percebida total, tal como os valores médios das percepções de discriminação perpetrada quer por professores, quer por colegas.

3.3.2 Análise das Propriedades Psicométricas

Na Escala de Autoconceito e Auto-Estima de Peixoto e Almeida (1999; Peixoto, 2003) procedemos apenas à análise do grau de fidelidade para a sub-escala de auto-estima, uma vez que este instrumento já se encontra validado para a população portuguesa. Os coeficientes de consistência interna para a sub-escala de auto-estima mostraram ser aceitáveis (.77) (Anexo F).

Com o objectivo de analisar a estrutura factorial da EIS (Umaña-Taylor et al., 2004), efectuou-se uma análise factorial exploratória que incidiu sobre 23 itens, dos quais 17 pertencem à EIS. À semelhança de uma investigação realizada por Phinney (1992) que serviu para validar a MEIM (Phinney, 1992) e a OGO (Phinney, 1992), optámos por realizar a análise factorial exploratória dos itens da escala OGO em conjunto com os itens da EIS, precisamente para confirmarmos se as atitudes perante os *out-groups*, tal como mensuradas pela OGO constituem um factor independente da identidade étnica e respectivas dimensões. Foi então realizada uma análise factorial exploratória com o método de extracção de componentes principais seguida de rotação *Varimax* efectuada sobre os 23 itens da EIS (Umaña-Taylor et al., 2004) e da OGO (Phinney, 1992), considerando-se apenas os itens com cargas factoriais não inferiores a .50. Nesta primeira análise factorial (Anexo G) apareceram 4 factores, um deles ficou apenas constituído por 2 itens, um da escala OGO (item 3) e outro da sub-escala exploração (item 2). Com excepção deste último item, os restantes itens da exploração da identidade étnica agruparam-se em torno de um factor. Já os itens que reenviam para as dimensões afirmação e resolução da identidade étnica apareceram agregados num único factor. A este respeito, parece oportuno reforçar que um dos pressupostos iniciais da presente investigação era o de que a afirmação e a resolução da identidade étnica constituíam dimensões independentes, remetendo, por isso cada um destes elementos para um factor distinto. Esta assumpção sustenta-se empiricamente, como mencionámos anteriormente, nos resultados de um trabalho de investigação realizado por Umaña-Taylor e colaboradoras (2004). Porém, dispomos igualmente de evidências empíricas que apontam no mesmo sentido dos dados obtidos neste estudo. De facto, também Roberts e colaboradores (1999) ao analisarem a estrutura factorial da identidade étnica, tal como mensurada pela MEIM

(Phinney, 1992) encontraram uma solução factorial constituída por dois factores, sendo um deles, definido pelas dimensões afirmação e resolução/compromisso, e o outro pela exploração. Nesta primeira análise factorial, os itens da escala OGO associaram-se em torno de um factor, com excepção do item 3, e do item 10 – este último revelou uma saturação factorial inferior a .50 (Anexo G). Perante estes dados foram então eliminados 4 itens. Em primeiro lugar, excluiu-se o item 6 (“Sinto uma ligação forte à minha etnia”) da sub-escala afirmação, uma vez que o modo como este item se encontra formulado, não está de acordo com o referencial teórico de Umaña-Taylor e colaboradoras (2004), no qual se preconiza que a afirmação remete para sentimentos de valência positiva ou negativa a propósito da própria etnia. Com efeito, este item foi introduzido nesta escala, após a realização do pré-teste, não estando por isso presente na versão original das supra-referidas autoras. Este item está mais de acordo com o quadro teórico e operacionalização da identidade étnica de Phinney e colaboradores a partir do qual se considera que para além dos sentimentos positivos, a dimensão afirmação remete igualmente para um sentido de pertença ao grupo étnico. Os itens 2 e 3 também foram eliminados por não apresentarem coerência com a estrutura factorial apresentada, apontando-se como possível justificação para estes resultados, o facto destes se encontrarem ambos formulados na negativa, sendo possível que sejam difíceis de interpretar. Foi ainda excluído o item 10, por apresentar uma carga factorial inferior a .50.

Realizou-se uma nova análise factorial exploratória com os 19 itens restantes (Anexo G), tendo-se novamente verificado a existência de 4 factores. A exploração e atitudes perante os *out-groups* aparecem claramente a definir dois factores diferentes. Já a resolução e afirmação voltaram a estar associadas num primeiro factor, sendo contudo, possível verificar que dois dos itens desta última sub-escala saturam num factor distinto (4º factor), e outro item, também da afirmação, satura em simultâneo no 1º e no 4º factor. Nesta etapa eliminou-se apenas o item 23 (“Sinto-me bem relativamente à minha herança cultural e étnica”) da dimensão afirmação por se considerar que o modo como este estava enunciado era algo ambíguo, podendo dificultar a compreensão dos diferentes conceitos associados à afirmação e resolução.

A realização de uma nova análise Factorial exploratória (Anexo G) permitiu encontrar 4 factores com um grau maior de diferenciação. Assim, o primeiro factor ficou definido por itens da dimensão exploração; o factor 2 maioritariamente por itens da resolução, estando incluídos dois itens da afirmação que também saturam neste factor – um deles tem uma saturação maior no factor 4; o factor 3 agregou os 4 itens das atitudes perante os *out-groups*; e

finalmente o factor 4 é claramente definido pela afirmação (Tabela 5). A observação dos dados da última análise factorial efectuada contidos na Tabela 5 permite verificar que, de um modo geral, o grau de saturação dos itens com o correspondente factor é aceitável, apresentando a maioria dos itens cargas factoriais superiores a .55, sendo contudo de assinalar a existência de dois itens com níveis mais baixos de saturação. Os quatro factores encontrados permitem, em conjunto explicar 63,27% da variância total. Considerando apenas os três factores da identidade étnica, estes explicam 57,7% da variância. O primeiro factor encontrado é definido pela exploração, apresentando uma variância explicada de 34,54%, valor próprio = 6,27; o segundo factor é definido maioritariamente pelos itens da resolução, aparecendo apenas 1 item da afirmação, e explica 12,64% da variância total, valor próprio = 2,28; o terceiro factor diz unicamente respeito às atitudes perante os *out-groups*, explicando 10,52% da variância, valor próprio = 1,89; por último, a variância explicada pelo factor 4 é de 5,57%, valor próprio = 1,00, sendo maioritariamente definido pela afirmação.

Tabela 5 – Análise Factorial com rotação *Varimax* para os itens da Escala de Identidade Étnica e para a Escala de Orientação para os Outros Grupos (apresentam-se apenas os itens com cargas factoriais superiores a .50)

Item	Factor1	Factor2	Factor3	Factor4
IE4 Exploração (Experimentar coisas típicas da etnia)	.531			
IE5 Exploração (Assistir a eventos que ajudaram a conhecer melhor a própria etnia)	.809			
IE8 Exploração (Participar em actividades que permitem contactar com a minha etnia)	.736			
IE12 Exploração (Procurar informação sobre a etnia de pertença)	.666			
IE16 Exploração (Participar em actividades para adquirir conhecimentos sobre a etnia)	.814			
IE22 Exploração (Ler livros, revistas, jornais para conhecer a própria etnia)	.712			
IE11 Resolução (Estar seguro do significado da própria etnia)		.752		
IE14 Afirmação (Sentir-se contente por pertencer à etnia)		.561		.613
IE15 Resolução (Compreender o significado de pertencer à etnia)		.771		
IE18 Resolução (Conhecer a herança cultural e étnica e saber o significado)		.657		
IE19 Resolução (Saber o que sente em relação à própria etnia)		.781		
IE20 Afirmação (Sentir-se bem acerca da própria etnia)		.630		.500
IE7 OGO (Estar frequentemente com pessoas de outras etnias)			.796	
IE13 OGO (Gostar de conhecer e conviver com pessoas de outras etnias)			.780	
IE17 OGO (Gostar de estar com pessoas de outras etnias)			.821	
IE21 OGO (Envolver-se frequentemente em actividades com pessoas de outras etnias)			.772	
IE1 Afirmação (Ter sentimentos positivos em relação à própria etnia)				.586
IE9 Afirmação (Querer pertencer a outra etnia)				.855
Valor Próprio	6,27	2,28	1,89	1,003
% Variância Explicada	34,54%	12,64%	10,52%	5,57%

Legenda: OGO – “*Other Group Orientation*” (Orientação para os Outros Grupos)

Os resultados obtidos parecem apontar a existência de uma associação entre a afirmação e resolução da identidade étnica, o que vai ao encontro das premissas de Phinney e colaboradores. No entanto, através das análises factoriais realizadas constata-se que estas duas dimensões podem perfeitamente ser diferenciadas. A análise dos coeficientes de consistência interna obtidos para estas duas sub-escalas vem reforçar esta ideia. De facto, todas as dimensões da escala de identidade étnica revelam valores bastante positivos, sendo todos eles superiores a .70 (afirmação: .76; Resolução: .83; exploração: .84). Também os valores de Alfa de Cronbach para a Escala de Identidade global e para a Escala de Orientação para os Outros Grupos se revelam superiores a .70 (identidade étnica: .88; OGO: .81) (Anexo G). A versão final da Escala de Identidade Étnica ficou então constituída por 14 itens, distribuídos do seguinte modo pelas suas três dimensões: 6 itens de exploração, 4 itens de resolução, e 4 de afirmação. A OGO (Phinney, 1992) ficou constituída por 4 itens (Anexo G).

Em relação à Escala de Discriminação Percepcionada “*Nós e os Outros*” acima referenciada, procedeu-se igualmente a uma análise factorial exploratória através do procedimento de extracção de componentes principais com o método de rotação ortogonal *Varimax*, com o objectivo de verificar se este instrumento é constituído pelas duas dimensões previstas. Esta primeira análise (Anexo H) revelou a existência desses dois factores: o primeiro factor é formado por todos os itens que reenviam para percepções de discriminação étnica perpetradas pelos professores, havendo contudo, três itens (itens 8, 11 e 14) que não são coerentes com os outros itens desta escala, saturando simultaneamente nos dois factores; o segundo factor agrega um conjunto de percepções de discriminação étnica perpetradas pelos colegas. Eliminaram-se os 3 itens que saturavam em ambos os factores, e posteriormente realizou-se uma nova análise factorial. Os resultados desta segunda análise (Anexo H) mostraram claramente a existência dos dois factores, saturando cada conjunto de itens na respectiva dimensão. Esta escala ficou reduzida a 17 itens, 9 dos quais fazem parte da sub-escala “*discriminação percepcionada professores*”, e 8 da sub-escala “*discriminação percepcionada colegas*” (Tabela 6). Os dados contidos na Tabela 6 mostram, mais uma vez, um grau aceitável de saturação dos itens com o factor correspondente, apresentando todos os itens cargas factoriais superiores a .55. Os dois factores encontrados permitem explicar 69,8% da variância dos resultados. A variância explicada pelo factor 1 é de 62,18%, valor próprio = 10,57. Já o factor 2 explica 7,63% da variância, valor próprio = 1,30 (Anexo H).

Tabela 6 – Análise Factorial, com rotação *Varimax* sobre os itens da Escala de Discriminação Étnica Percepcionada (apresentam-se apenas os valores com cargas factoriais superiores a .50)

Item	Factor1	Factor2
EDP1_Prof	.795	
EDP3_Prof	.782	
EDP5_Prof	.709	
EDP7_Prof	.752	
EDP9_Prof	.751	
EDP12_Prof	.770	
EDP16_Prof	.740	
EDP18_Prof	.776	
EDP19_Prof	.713	
EDP2_Col		.705
EDP4_Col		.767
EDP6_Col		.741
EDP10_Col		.656
EDP13_Col		.765
EDP15_Col		.772
EDP17_Col		.719
EDP20_Col		.780
Valor Próprio	10.6	1.3
% Variância Explicada	62.18%	7.63%

Legenda: EDP_Prof – Discriminação Percepcionada Professores; EDP_Col – Discriminação Percepcionada Colegas

No que respeita aos níveis de consistência interna obtidos a partir do cálculo do Alfa de Cronbach, estes revelaram-se bastante bons (Escala de Discriminação Percepcionada Global: .96; sub-escala “*discriminação percebida professores*”: .95; sub-escala “*discriminação percebida colegas*”: .93 (Anexo H).

3.4 Procedimentos de Recolha de Dados

Os dados foram recolhidos nos meses de Abril e Maio de 2012, nas turmas de 3º ciclo da Escola 1 e da Escola 2 cujos professores, depois de apresentado o projecto de investigação, se disponibilizaram para participar. Em algumas turmas a aplicação das provas decorreu em apenas um tempo lectivo da disciplina de “Formação Cívica”, noutras, utilizaram-se dois tempos lectivos da referida disciplina. Apesar de todas as escalas conterem as instruções de preenchimento, antes de iniciar o seu preenchimento, foi explicado aos alunos o funcionamento de cada uma das escalas, esclarecendo-se também todas as dúvidas que iam surgiam antes e durante a aplicação das mesmas, garantindo-se também a confidencialidade dos dados.

3.5 Procedimentos de Análise de Dados

De acordo com os objectivos inicialmente estipulados realizou-se uma análise estatística dos dados, recorrendo ao SPSS (v. 20.0, SPSS Inc, Chicago, IL), tendo em consideração as características das variáveis em estudo, bem como a natureza deste último. Deste modo, optámos por realizar testes paramétricos, por estes serem, de um modo geral, estatisticamente mais potentes do que os testes não paramétricos, e por se adequarem às

características das variáveis desta investigação. Contudo, os testes paramétricos requerem igualmente a confirmação de alguns pressupostos, designadamente a normalidade das variáveis que se pretendem analisar, e a homogeneidade de variâncias entre os grupos amostrais. Contudo, as evidências de alguns estudos efectuados têm permitido demonstrar que os métodos de estatística paramétrica são bastante robustos à violação de alguns pressupostos, não sendo portanto, os seus resultados influenciados, ou então são apenas ligeiramente afectados, pela não verificação dos referidos pressupostos (Maroco, 2011).

As três primeiras hipóteses reenviam para a existência de possíveis diferenças intergrupais nos níveis médios de identidade étnica global (hipótese 1), e entre os níveis médios obtidos pelos sujeitos em duas dimensões da identidade étnica – exploração e resolução (hipótese 2 e 3, respectivamente). Para verificar se existiam diferenças significativas nos valores médios de identidade étnica global em função do grupo étnico dos alunos – i.e., etnia portuguesa e etnias minoritárias –, utilizámos o teste *t-student* para amostras independentes. Posteriormente, realizámos uma Análise Multivariada de Variância (MANOVA) para averiguar a existência de diferenças nos valores médios obtidos nas duas dimensões da identidade étnica entre os mesmos dois grupos (hipóteses 2 e 3). Para responder às hipóteses que dizem respeito às relações entre as dimensões da identidade étnica (exploração, resolução e afirmação) e a auto-estima (hipóteses 4, 5 e 6) utilizámos correlações de *Pearson*. Realizámos outra MANOVA para averiguar a existência de diferenças nos níveis médios de discriminação étnica percebida global entre os dois grupos principais (hipótese 7). Já para testar as hipóteses que dizem respeito às associações entre as dimensões da discriminação étnica percebida e a auto-estima utilizaram-se novamente correlações de *Pearson* (hipóteses 8 e 9). Este procedimento estatístico foi também utilizado para averiguar a existência de uma correlação significativa entre as percepções de discriminação perpetradas pelos colegas e a dimensão exploração da identidade étnica para o grupo das etnias minoritárias (hipótese 10). Por fim, fizemos alguns cálculos de estatística descritiva, designadamente médias e desvios-padrão para perceber se os alunos dos dois grupos principais apresentavam, de um modo geral, atitudes favoráveis à interacção com membros de outros grupos étnicos (hipótese 11); e também correlações de *Pearson* para averiguar a existência de associações estatisticamente significativas entre a orientação para os *out-groups* e as dimensões da identidade étnica nogrupo das etnias minoritárias (hipóteses 12, 13 e 14).

4. Análise de dados

Os dados analisados nesta secção reportam-se, genericamente, aos resultados obtidos pelos diferentes grupos de sujeitos nos instrumentos utilizados: Escala de Identidade Étnica; Sub-escala de Auto-Estima; Escala de Discriminação Étnica Percepcionada; e Escala de Orientação para os Outros Grupos. Essa análise é efectuada com base nas hipóteses levantadas a propósito do modo como as variáveis em estudo se relacionam.

As relações entre as variáveis são primeiramente analisadas nos dois grandes grupos étnicos (etnia portuguesa e etnias africanas), examinando-se a existência de diferenças entre estes grupos nessas mesmas variáveis. Por vezes, sempre que se considere pertinente, realiza-se também uma análise comparativa dessas relações nos outros quatro grupos (etnia portuguesa, etnias africanas (PALOP), etnias luso-africanas, e outras etnias. São igualmente apresentados alguns resultados, que não decorrem das hipóteses operacionalizadas, que se revelam importantes para obter um entendimento mais alargado do modo como as variáveis estudadas se relacionam. Ao longo deste capítulo, alguns dados considerados mais relevantes serão igualmente apresentados sob a forma de gráficos e tabelas, com o objectivo de facilitar a leitura dos dados. Os *outputs* obtidos no SPSS podem ser consultados nos anexos, encontrando-se organizados por ordem de referência no texto.

4.1 Diferenças nos Níveis de Identidade Étnica e suas Dimensões em função da Etnia de Pertença

Nesta primeira análise começámos por averiguar a existência de diferenças nos níveis médios globais de identidade étnica, e nos seus domínios, em função dos grupos étnicos em estudo – hipóteses 1, 2 e 3.

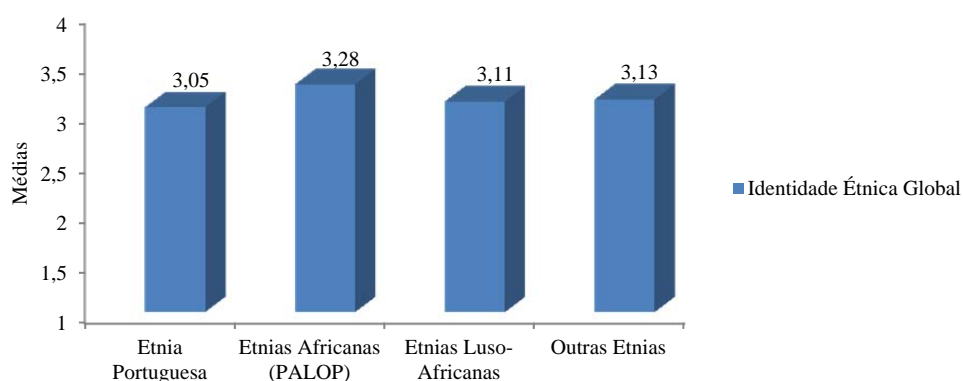
4.1.1 Diferenças nos Níveis Médios Globais de Identidade Étnica em função da Etnia de Pertença

Os resultados obtidos no teste *t-student* para amostras independentes (Anexo I) revelam diferenças estatisticamente significativas nos níveis médios de identidade étnica global entre a etnia portuguesa e as etnias minoritárias ($t(376) = 2.14, p = .033$), sendo o último grupo que apresenta valores médios de identidade étnica global mais elevados. Estas evidências estão de acordo com a hipótese inicialmente colocada (hipótese 1).

Realizámos ainda uma ANOVA (Anexo J) para averiguar a existência de diferenças entre os quatro grupos quanto aos níveis médios de identidade étnica global. Neste caso, como podemos observar na Figura 1, são as etnias africanas (PALOP) que apresentam os valores

médios mais elevados ($M = 3.28$; $SD = .460$), revelando a etnia portuguesa os valores mais baixos de identidade étnica global ($M = 3.05$; $SD = .530$). No entanto, regista-se apenas uma tendência para essas diferenças serem significativas, não chegando estas a atingir a significância estatística ($F(3,374) = 2.386$, $p = .069$). Apesar desta última evidência, realizámos uma análise *Post-hoc*, utilizando o teste de Tukey HSD (Anexo J) – pois as variâncias entre as amostras mostraram ser homogêneas (teste de Levene - Anexo J) – para averiguarmos se algum dos pares de etnias diferia significativamente relativamente à variável considerada. Através do teste de Tukey HSD verifica-se que a etnia portuguesa e as etnias africanas (PALOP) diferem significativamente nos níveis de identidade étnica global, ainda que os valores se situem no limiar da significância estatística (Tukey – $p = .048$) (Anexo J).

Figura 1 – Valores Médios de Identidade Étnica Global nas Diferentes Etnias

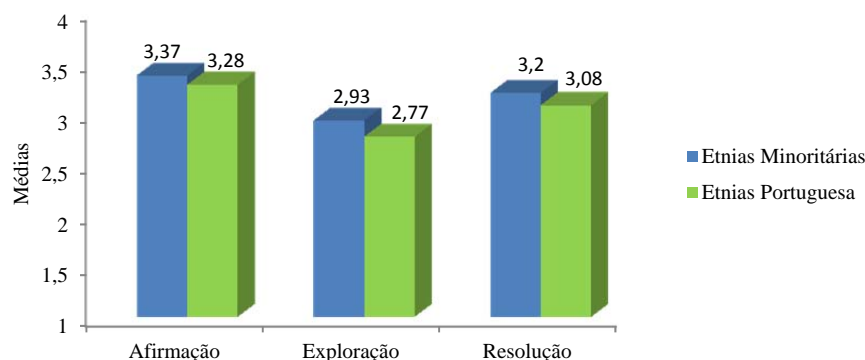


4.1.2 Diferenças nas Dimensões da Identidade Étnica em função da Etnia de Pertença

Relativamente às hipóteses 2 e 3 que postulam, respectivamente, a obtenção de valores médios significativamente mais elevados nas dimensões exploração e resolução por parte dos membros do grupo das etnias minoritárias, comparativamente ao grupo da etnia portuguesa, como se pode observar na Figura 2, são as etnias minoritárias que apresentam as médias mais elevadas em todas as dimensões da identidade étnica. Em termos globais não podemos afirmar que existem diferenças significativas entre estes dois grupos nas dimensões da identidade étnica ($Wilks' Lambda = .987$, $F(3,374) = 1.60$, $p = .188$). No entanto, verificámos a existência de diferenças significativas entre as etnias na dimensão exploração ($F(1,376) = 4.04$, $p = .045$) – situando-se estas no limiar da significância – confirmando-se portanto apenas a hipótese 2. Relativamente à hipótese 3, é possível afirmar apenas a existência de uma tendência para as duas referidas etnias apresentarem diferenças estatisticamente significativas na dimensão resolução ($F(1,376) = 3.01$, $p = .083$), o que não permite confirmar esta hipótese. Apesar de não termos colocado qualquer hipótese a este respeito, averiguámos também a existência de diferenças significativas entre os referidos grupos na dimensão afirmação. Os

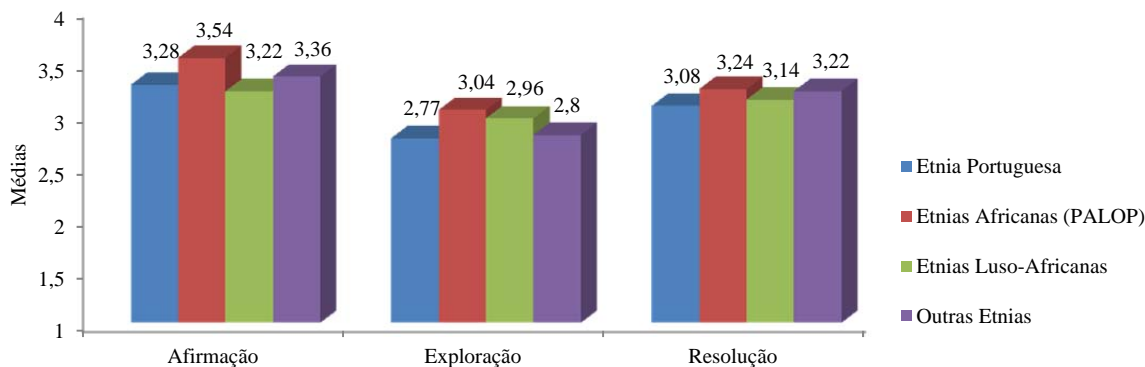
dados indicam a inexistência de diferenças significativas nesta dimensão ($F(1,376) = 2.13, p = .145$) (Anexo K).

Figura 2 – Valores Médios obtidos nas Dimensões da Identidade Étnica pelas Diferentes Etnias



Procedemos também à análise dos valores médios obtidos pelos três grupos de minorias nas dimensões da identidade étnica. Através da Figura 3 é possível verificar que é o grupo das etnias africanas (PALOP) que apresenta as médias mais elevadas em todos os domínios da identidade étnica. Ao realizarmos uma MANOVA constatámos, de um modo global, apenas a existência de uma tendência para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas dimensões de identidade étnica ($Wilks' \Lambda = .959, F(9,905) = 1.73, p = .078$). No entanto, os dados indicam a existência de diferenças com significância estatística na dimensão afirmação ($F(3,374) = 2.652, p = .048$), ainda que estas se situem no limiar da significância. Não obstante, é necessário ter alguma cautela na interpretação dos resultados relativamente à dimensão afirmação, pois apesar da variância entre os grupos ser homogénea, esta encontra-se muito próxima do limite da homogeneidade (Levene – $p = .053$). Observámos ainda uma tendência para a existência de diferenças significativas na dimensão exploração ($F(3,374) = 2.255, p = .082$). Na dimensão resolução não se verificam diferenças significativas entre os grupos de etnias ($F(3,374) = 1.185, p = .315$). As diferenças na dimensão afirmação verificam-se entre a etnia portuguesa e as etnias africanas (PALOP) (Tukey – $p = .049$). Regista-se igualmente uma tendência para o surgimento de diferenças significativas na dimensão afirmação, entre o grupo das etnias africanas (PALOP) e o grupo das etnias luso-africanas (Tukey – $p = .079$) (Anexo K).

Figura 3 – Valores Médios obtidos nas Dimensões da Identidade Étnica pelas Diferentes Etnias



4.2 Relações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-Estima

As hipóteses 4, 5 e 6 dizem respeito às possíveis associações entre um indicador de bem-estar psicológico, a auto-estima, e as dimensões da identidade étnica.

4.2.1 Associações entre a Exploração, Resolução, Afirmação e a Auto-estima

Na Tabela 7 podemos verificar que, para a totalidade da amostra, a auto-estima encontra-se significativa e positivamente associada à exploração e à resolução, o que permite corroborar as hipóteses 4 e 5, respectivamente. Para além disso, verifica-se também que a dimensão afirmação se encontra positivamente correlacionada com os níveis de auto-estima dos jovens, para a totalidade da amostra. Relativamente à hipótese 6 que pressupunha a existência de uma correlação significativa e positiva entre a afirmação e a auto-estima no grupo das etnias minoritárias, os dados obtidos permitem igualmente confirmar esta hipótese (Tabela 7) (Anexo L).

Considerando os dois grupos principais, verifica-se que os coeficientes de correlação entre a auto-estima e cada um dos três componentes da identidade étnica são mais elevados no caso das etnias minoritárias do que no grupo da etnia portuguesa. Neste último grupo, contrariamente ao que sucede para as etnias minoritárias, não se registou qualquer tipo de correlações significativas entre os níveis de auto-estima dos sujeitos e a exploração (Tabela 7).

Tabela 7 – Correlações de *Pearson* entre a Identidade Étnica, suas Dimensões e a Auto-estima nas Diferentes Etnias

		Afirmação	Resolução	Exploração	Identidade Étnica Global
Amostra Total	Auto-Estima	.287** (387)	.180** (387)	.108** (387)	.229** (387)
Etnia Portuguesa	Auto-Estima	.256** (249)	.164** (249)	.056 (249)	.191** (249)
Etnias Minoritárias	Auto-Estima	.342** (129)	.203* (129)	.190* (129)	.293** (129)

Legenda: Número de participantes entre parênteses; Nível de significância: (**) $p = .01$; (*) $p = .05$

Efectuámos correlações de *Pearson*, para averiguar a existência de correlações significativas entre as dimensões da identidade étnica e a auto-estima nos três grupos de etnias minoritárias (Tabela 8) (Anexo L). Assim, as evidências obtidas mostram que para o grupo das outras etnias não existe qualquer relação entre os níveis de auto-estima dos seus membros e as dimensões da identidade étnica; sublinha-se também que em nenhum dos grupos se verificam correlações estatisticamente significativas entre a auto-estima e a exploração; é entre os membros do grupo das etnias luso-africanas que se constata as correlações mais elevadas entre a auto-estima e a afirmação ($r = .481$, $p = .01$), seguidas das correlações entre as mesmas variáveis para o grupo das etnias africanas (PALOP) ($r = .331$, $p = .05$); são igualmente estes dois últimos grupos que apresentam associações significativas, positivas e moderadas entre a auto-estima e a resolução ($r = .397$, $p = .05$ para as etnias luso-africanas; $r = .353$, $p = 0.05$ para as etnias africanas). Também para a etnia portuguesa se constatou uma correlação significativa e positiva entre estas duas últimas variáveis, mas de menor intensidade do que nos referidos dois grupos ($r = .164$, $p = 0.01$) (Tabela 8).

Tabela 8 – Correlações de *Pearson* entre a Identidade Étnica, suas Dimensões e Auto-estima nas Diferentes Etnias

		Afirmação	Resolução	Exploração	Identidade Étnica Global
Etnia Portuguesa	Auto-Estima	.256** (249)	.164** (249)	.056 (249)	.191** (249)
Etnias Africanas (PALOP)	Auto-Estima	.331* (41)	.353* (41)	.218 (41)	.356* (41)
Etnias Luso-Africanas	Auto-Estima	.481** (40)	.397* (41)	.221 (40)	.469** (40)
Outras Etnias	Auto-Estima	.252 (48)	.025 (48)	.171 (48)	.168 (48)

Legenda: Número de participantes entre parênteses; Nível de significância: (**) $p = .01$; (*) $p = .05$

4.3 Diferenças entre as Etnias nos Níveis de Discriminação Étnica Percepcionada

Nesta secção procedemos à análise das hipóteses que dizem respeito ao grau em que estes jovens percebem que foram tratados de modo injusto unicamente devido à sua pertença étnica. Assim, na hipótese 7 postulámos que os jovens das etnias minoritárias perceberiam mais situações de discriminação étnica global do que os jovens da etnia portuguesa. Averiguámos a existência de diferenças significativas entre os dois grupos principais de etnias nas dimensões da identidade étnica.

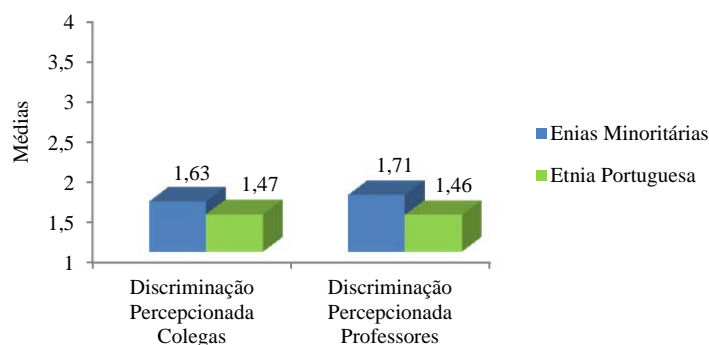
4.3.1 Diferenças entre as Etnias nas Percepções de Discriminação Étnica Global

Em relação aos níveis de percepção de discriminação étnica global, ao observarmos a Figura 4, constatamos que o grupo das etnias minoritárias obtém valores mais elevados nesta variável ($M = 1.67$, $SD = .761$), em comparação com o grupo da etnia portuguesa ($M = 1.46$, $SD = .657$). Não obstante, é necessário realçar que os valores médios de discriminação percebida global são bastante reduzidos para a totalidade da amostra ($M = 1.54$, $SD = .70$) e para cada uma das etnias, em particular. Em termos globais, os dados mostram a existência de diferenças significativas nos níveis de discriminação percebida global entre estes dois grupos ($Wilks' \Lambda = .973$, $F(3,374) = 3.467$, $p = .016$). De facto, estes grupos apresentam níveis médios de discriminação étnica global significativamente diferentes ($F(1,376) = 7.641$, $p = .006$), permitindo confirmar a hipótese 7, pois como vimos são os membros das etnias minoritárias que percebem níveis mais elevados de discriminação étnica global (Anexo M).

4.3.2 Diferenças entre as Etnias nas Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada

À semelhança dos valores médios da discriminação étnica percebida global, também os valores médios de percepções de discriminação étnica perpetradas pelos professores e de discriminação étnica percebida perpetrada pelos colegas, são bastante baixos para a totalidade da amostra, sendo aproximadamente 1.55 e 1.53, respectivamente. Ao analisarmos os dados relativos a cada um dos tipos de discriminação étnica percebida, verificámos que foram os membros do grupo das etnias minoritárias que obtiveram níveis médios mais elevados nessas duas dimensões, em comparação com os membros do grupo da etnia portuguesa. A maior diferença regista-se entre os níveis médios dos dois grupos na dimensão que remete para a percepção de discriminação étnica perpetrada pelos professores (Figura 4).

Figura 4 – Valores Médios obtidos Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada



Os resultados da MANOVA que efectuámos (Anexo N) mostram que, em termos globais, existem diferenças significativas entre o grupo da etnia portuguesa e o grupo das etnias minoritárias nas dimensões da discriminação étnica percebida ($Wilks' \Lambda = .973$, $F(3,374) = 3.467$, $p = .016$). De facto, estes dois grupos diferem significativamente tanto na dimensão que remete para os níveis de percepção de discriminação perpetrada pelos professores ($F(1,376) = 9.728$, $p = .002$), mas também nos níveis de percepção de discriminação étnica perpetrada pelos colegas ($F(1,376) = 4,146$, $p = .042$). Porém, é necessário interpretar os dados obtidos para a dimensão percepção de discriminação étnica perpetradas pelos professores com alguma cautela, pois através do Teste de Levene verificou-se que nesta dimensão as variâncias entre os dois grupos não são homogêneas (Levene – $p = .009$ Anexo N).

Ao realizarmos uma análise comparativa dos níveis de discriminação étnica percebida obtidos nas duas dimensões desta variável, verificámos que é o grupo da etnia portuguesa que percebe menos discriminação étnica perpetrada pelos professores, em comparação com os três grupos étnicos minoritários (etnia portuguesa: $M = 1.46$; $SD = .695$; etnias africanas (PALOP): $M = 1.70$; $SD = .747$); outras etnias: $M = 1,71$; $SD = .987$; etnias luso-africanas: $M = 1.72$, $SD = .705$). Também nos níveis de discriminação étnica percebida perpetrada pelos colegas se regista uma tendência semelhante, apresentando o grupo da etnia portuguesa os valores médios mais baixos nesta dimensão ($M = 1.47$; $SD = .688$), seguido do grupo das etnias africanas (PALOP) ($M = 1.59$; $SD = .736$), do grupo das outras etnias ($M = 1.61$; $SD = 1,61$; $SD = .896$), e por fim do grupo das etnias luso-africanas que mostram os valores mais elevados nesta dimensão ($M = 1,70$; $SD = .731$).

4.4 Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-Estima

Nesta secção procedemos à análise de possíveis associações entre as duas dimensões de discriminação étnica percebida e os níveis de auto-estima dos sujeitos, para a amostra total – hipóteses 8 e 9 (Anexo O).

Os níveis médios de auto-estima para a totalidade da amostra situam-se no valor de 2.91; $SD = .55$. Ao analisarmos os níveis de auto-estima apresentados pelos sujeitos dos dois grupos principais, constatámos que o grupo das etnias minoritárias apresenta um valor médio de auto-estima ligeiramente superior ao do grupo da etnia portuguesa (etnias minoritárias: $M = 2.92$; $SD = .54$; etnia portuguesa: $M = 2.91$; $SD = .57$). Observando as médias de auto-estima em cada um dos quatro grupos, verificamos que é o grupo das etnias africanas (PALOP) e o grupo das outras etnias que apresentam níveis médios de auto-estima mais elevados (etnias africanas (PALOP): $M = 2.97$; $SD = .467$; outras etnias: $M = 2.97$; $SD = .622$). O grupo das etnias luso-africanas mostra a média de auto-estima mais baixa de todos os grupos ($M = 2.82$; $SD = .50$).

No que diz respeito às relações entre as dimensões da discriminação percepcionada e os níveis de auto-estima dos sujeitos, verificámos que, quer as percepções de discriminação étnica perpetradas pelos colegas, quer as percepções de discriminação étnica perpetradas pelos professores, se encontram associadas de modo estatisticamente significativo e negativo à auto-estima, na totalidade da amostra, o que permite confirmar as hipóteses 8 e 9 ($r = -.261$, $p = .01$; $r = -.195$, $p = .01$), respectivamente. Considerámos relevante examinar o modo como as dimensões da discriminação étnica percepcionada se associam à auto-estima nos dois grupos principais, e também nos outros três grupos (Anexo O). No grupo das etnias minoritárias existe apenas uma correlação significativa e negativa entre a auto-estima e a discriminação étnica percepcionada perpetrada pelos colegas ($r = -.228$, $p = .01$), não estando neste grupo a auto-estima associada às percepções de discriminação perpetradas pelos professores ($r = -.123$). Na etnia portuguesa, registam-se associações significativas e negativas entre os níveis de auto-estima e as duas dimensões da discriminação percepcionada (discriminação percepcionada perpetrada por colegas: $r = -.291$, $p = .01$; perpetrada por professores: $r = -.249$, $p = .01$), sendo inclusivamente o valor do coeficiente de correlação entre a auto-estima e a discriminação percebida perpetrada pelos colegas ligeiramente mais elevado neste grupo do que no grupo das etnias minoritárias (Tabela 9). Ao compararmos o modo como as duas dimensões da discriminação étnica percebida se associam à auto-estima, nos quatro grupos, destacamos a existência de uma correlação significativa, negativa e

moderada entre as percepções de discriminação étnica perpetradas pelos colegas e a auto-estima no grupo das etnias africanas (PALOP). O valor desta correlação é superior ao valor de correlação observado entre estas variáveis na etnia portuguesa. Para os outros dois grupos de etnias minoritárias não se registam quaisquer associações significativas entre as referidas variáveis (Tabela 9).

Tabela 9 – Correlações de *Pearson* entre Discriminação Étnica Percepcionada, suas Dimensões e a Auto-Estima nas Diferentes Etnias

		EDP_Col	EDP_Prof	EDP_Glob
Etnia Portuguesa	Auto-Estima	-.291** (249)	-.249** (249)	-.283** (249)
Etnias Africanas (PALOP)	Auto-Estima	-.350* (41)	-.191 (41)	-.275 (41)
Etnias Luso-Africanas	Auto-Estima	-.193 (40)	-.068 (40)	-.134 (40)
Outras Etnias	Auto-Estima	-.172 (48)	-.116 (48)	-.154 (48)

Legenda: EDP_Prof – Discriminação Percepcionada Professores; EDP_Col – Discriminação Percepcionada Colegas

Número de participantes entre parênteses; Nível de significância: (**) $p = .01$; (*) $p = .05$

4.5 Associações entre as Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada e as Dimensões da Identidade Étnica nas Diferentes Etnias

Nesta secção procedemos à análise dos dados relativos à hipótese 10. Seguidamente, em função desses dados decidimos examinar o modo como as dimensões da discriminação percebida se associam às dimensões da identidade étnica, realizando correlações de *Pearson* (Anexo P).

4.5.1 Relação entre as Percepções de Discriminação Étnica Perpetradas pelos Colegas e a Dimensão Exploração da Identidade Étnica

Na hipótese 10 esperávamos que os níveis de discriminação étnica percebida perpetrada pelos colegas se encontrassem positivamente correlacionados com a exploração da própria etnicidade para o grupo das etnias minoritárias. Os dados obtidos infirmam esta hipótese, pois não se verifica uma correlação significativa entre estas variáveis. Os resultados para a etnia portuguesa seguem uma tendência semelhante, não se constatando a existência de uma relação estatisticamente significativa entre estas variáveis (Tabela 10). Perante estas evidências considerámos que talvez fosse pertinente averiguar a possível existência de associações entre as duas dimensões de discriminação étnica percebida e as outras duas dimensões da identidade étnica nos dois grupos principais, e posteriormente, examinar o

modo como as dimensões da discriminação étnica percebida se associam às três dimensões da identidade étnica nos três grupos de etnias minoritárias.

4.5.2 Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e as Dimensões da Identidade Étnica nas Diferentes Etnias

Através da Tabela 10 podemos constatar que nas etnias minoritárias a dimensão afirmação se encontra associada de forma significativa, negativa e moderada às duas dimensões da discriminação étnica percebida. Já a resolução estabelece apenas uma relação estatisticamente significativa e negativa com a discriminação étnica percebida perpetrada pelos colegas. Em relação ao grupo da etnia portuguesa, constatou-se que a afirmação se encontra associada de forma significativa e negativa à discriminação étnica percebida perpetrada pelos professores. A resolução e as duas dimensões da discriminação percebida encontram-se correlacionadas de forma inversa, atingindo a significância estatística (Tabela 10).

Tabela 10 – Correlações de *Pearson* entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Identidade Étnica, e suas Dimensões nas Diferentes Etnias

		Afirmação	Resolução	Exploração	Identidade Étnica Global
Etnia Portuguesa	EDP_Col	-.099 (249)	-.148* (249)	-.048 (249)	-.119 (249)
	EDP_Prof	-.150* (249)	-.239** (249)	-.090 (249)	-.193** (249)
Etnias Minoritárias	EDP_Col	-.320** (129)	-.221* (129)	-.166 (129)	-.281** (129)
	EDP_Prof	-.308** (129)	-.121 (129)	-.072 (129)	-.193* (129)

Legenda: EDP_Col – Discriminação Percepcionada Colegas; EDP_Prof – Discriminação Percepcionada Professores; EDP Global – Discriminação Percepcionada Global; Número de participantes entre parênteses; Nível de significância: (**) $p = .01$; (*) $p = .05$

Procedemos também à análise de possíveis relações existentes entre as dimensões da identidade étnica e a discriminação étnica percebida e suas dimensões para os três grupos de etnias minoritárias (Tabela 11). Nas etnias africanas (PALOP) constatámos a existência de correlações significativas, negativas e moderadas entre as duas dimensões da discriminação étnica percebida e a afirmação. Os resultados no caso da resolução são idênticos aos obtidos para a afirmação, obtendo-se novamente correlações estatisticamente significativas, negativas e moderadas com as duas dimensões de discriminação percebida. No que respeita à dimensão exploração, esta variável mostrou estar associada de modo significativo e negativo apenas às percepções de discriminação perpetradas pelos colegas. Relativamente às etnias luso-africanas, apenas se registaram correlações com significância estatística entre a dimensão afirmação e as duas dimensões de discriminação étnica percebida, tendo estas, uma

valência negativa. No grupo das outras etnias não foi possível observar qualquer tipo de relação significativa entre os domínios da identidade étnica e as dimensões de discriminação étnica percebida (Tabela 11).

Tabela 11 – Correlações de *Pearson* entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percebida e a Identidade Étnica, e suas Dimensões na Diferentes Etnias

		Afirmção	Resolução	Exploração	Identidade Étnica Global
Etnias Africanas (PALOP)	EDP_Col	-.566** (41)	-.443** (41)	-.310* (41)	-.516** (41)
	EDP_Prof	-.480** (41)	-.326* (41)	-.193 (41)	-.385* (41)
Etnias Luso-Africanas	EDP_Col	-.325* (40)	-.134 (40)	-.166 (40)	-.281** (40)
	EDP_Prof	-.411** (40)	-.132 (40)	-.072 (40)	-.193* (40)
Outras Etnias	EDP_Col	-.185 (48)	-.147 (48)	-.229 (48)	-.217 (48)
	EDP_Prof	-.194 (48)	-.020 (48)	-.138 (48)	-.133 (48)

Legenda: EDP_Col – Discriminação Percebida Colegas; EDP_Prof – Discriminação Percebida Professores; EDP Global – Discriminação Percebida Global; Número de participantes entre parênteses; Nível de significância: (**) $p = .01$; (*) $p = .05$

4.6 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Orientação para os *Out-groups* e Dimensões da Identidade Étnica

Nesta secção apresentam-se os resultados relativos às hipóteses 11, 12, 13 e 14. Num primeiro momento analisámos os níveis médios das atitudes perante os *out-groups* entre os membros das diferentes etnias. Posteriormente, averiguámos a existência de possíveis diferenças nos níveis médios de atitudes perante os *out-groups* em função da escola. Seguidamente, são apresentados os resultados que dizem respeito à relação entre as atitudes perante os outros grupos e as dimensões de identidade étnica.

4.6.1 Atitudes perante os *Out-groups* e Etnia de Pertença

Na hipótese 11 preconizava-se que, quer os jovens pertencentes às etnias minoritárias, quer os jovens do grupo étnico maioritário (i.e., etnia portuguesa) apresentariam atitudes favoráveis ao contacto com os membros dos *out-groups*. Considerando que a pontuação em cada um dos itens da Escala de Orientação para os Outros Grupos pode variar de 1 a 4 (indicando o 4 a existência de atitudes positivas), convencionámos que a obtenção de valores médios a partir do 3 seria um bom indicador de que os sujeitos têm atitudes positivas perante os *out-groups*. Ao observar as médias obtidas nesta variável, verificámos que em ambos os grupos estas foram bastante positivas (etnia portuguesa: $M = 3.23$; $SD = .639$; etnias minoritárias: $M = 3.37$; $SD = .627$), o que demonstra que os jovens, independentemente do grupo étnico ao qual pertencem, têm, de um modo geral, atitudes bastante favoráveis ao

contacto com pessoas que pertencem a grupos étnicos diferentes do seu. Estes resultados vão ao encontro da hipótese inicialmente formulada. Apesar de não termos colocado qualquer hipótese a este respeito, considerámos oportuno averiguar a possível existência de diferenças significativas entre os dois grupos referidos, no que respeita às suas atitudes perante os *out-groups*. Ao efectuarmos uma ANOVA (Anexo Q), constatámos que a etnia portuguesa e as etnias minoritárias diferem significativamente nos seus valores médios de atitudes perante os outros grupos ($F(1,376) = 4.521, p = .034$), sendo as etnias minoritárias que apresentam os valores médios mais elevados nesta variável.

Depois de constataremos que nos dois grupos de etnias existe uma predisposição para interagir de modo positivo com os membros de outros grupos étnicos diferentes do grupo de pertença, tentámos perceber se a existência deste tipo de atitudes favoráveis ao contacto intercultural poderia, de algum modo estar relacionada com o contexto escolar destes jovens. Ao compararmos os valores médios de atitudes perante os *out-groups* obtidos pelos alunos das duas escolas, verificámos que é na escola 2 que se regista o valor médio mais elevado nesta variável (escola 2: $M = 3.34; SD = .61$; escola 1: $M = 3.20; SD = .67$). Ao realizarmos uma ANOVA (Anexo R) constatámos que esta diferença é estatisticamente significativa ($F(1,385) = 4.433, p = .036$).

4.6.2 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Associações entre a Orientação para os *Out-groups* e as Dimensões da Identidade Étnica

Após a constatação de que os jovens dos diferentes grupos étnicos apresentam, de um modo geral, atitudes favoráveis à interacção com membros de grupos diferentes do seu grupo de pertença, e de que essas atitudes estabelecem uma relação com a escola que frequentam, analisámos possíveis associações entre as três dimensões da identidade étnica e as atitudes perante os outros grupos para o grupo das etnias minoritárias (Anexo S). Os resultados obtidos permitem confirmar as hipóteses 12, 13, e 14, pois para o grupo das etnias minoritárias verificaram-se correlações estatisticamente significativas e positivas, entre todas as dimensões da identidade étnica e as atitudes perante os outros grupos (Tabela 12).

Optámos por realizar correlações de *Pearson* para averiguar a possível existência de associações significativas entre as atitudes perante os *out-groups* e as dimensões da identidade étnica no grupo da etnia portuguesa, comparando-as com as relações verificadas para o grupo das etnias minoritárias (Anexo S). Observando a Tabela 12, constatamos que é o grupo das etnias minoritárias que apresenta as correlações mais fortes entre a orientação para outros

grupos e todos os componentes da identidade étnica, em comparação com o grupo da etnia portuguesa. Acresce ainda que, contrariamente ao que acontece no caso das etnias minoritárias, para a etnia portuguesa a afirmação e a orientação para outros grupos não revelam uma associação estatisticamente significativa. No grupo da etnia portuguesa constata-se correlações significativas, e de baixa intensidade entre a resolução e a orientação para os outros grupos, e entre esta última variável e a exploração. O grupo das etnias minoritárias apresenta correlações significativas, positivas e moderadas entre a orientação para os outros grupos e as três dimensões da identidade étnica. Porém, estas associações são mais fortes no caso da exploração e da resolução, do que na afirmação.

Tabela 12 – Correlações de *Pearson* entre a Identidade Étnica, suas Dimensões e a Orientação para os Outros Grupos

		Afirmação	Resolução	Exploração	Identidade Étnica Global
Amostra Total	Orientação <i>Out-groups</i>	.190** (387)	.262** (387)	.257** (387)	.291** (387)
Etnia Portuguesa	Orientação <i>Out-groups</i>	.123 (249)	.169** (249)	.195** (249)	.200** (249)
Etnias Minoritárias	Orientação <i>Out-Groups</i>	.305** (129)	.410** (129)	.334** (129)	.428** (129)

Legenda: Número de participantes entre parênteses; Nível de significância: (**) $p = .01$

Com o intuito de averiguar se existem diferenças significativas relativamente à magnitude da correlação entre as atitudes perante os *out-groups* e os três domínios da identidade étnica nos dois grupos principais, utilizámos o programa *Statistica* (v.10, STATISTICA StaSoft, Inc, 2011). Os dados obtidos indicam que, para uma hipótese unicaudal, existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo da etnia portuguesa e o grupo das etnias minoritárias na magnitude de correlação entre a orientação para os *out-groups* e a afirmação ($p = .0427$); e também na magnitude de correlação entre a orientação para os *out-groups* e a resolução ($p = .0082$). A intensidade da correlação que se estabelece entre a orientação para os *out-groups* e a exploração não revelou ser significativamente diferente nos dois grupos considerados ($p = .10$).

5. Discussão

Ao longo deste capítulo pretendemos integrar os resultados obtidos na presente investigação com a literatura existente acerca desta temática, propondo-se uma interpretação mais aprofundada dos dados. À semelhança da secção da análise dos dados, optámos por estruturar a discussão com base nas hipóteses de investigação inicialmente formuladas, às quais pretendemos dar resposta. Deste modo, num primeiro momento, apresentaremos os resultados mais relevantes, não só os que decorrem das hipóteses iniciais, mas também os que surgiram a partir de análises realizadas *a posteriori*, sendo efectuada uma reflexão e apontadas possíveis explicações para os mesmos. Posteriormente, é apresentada uma breve conclusão, seguida de alguns limites do estudo e de algumas sugestões para estudos futuros.

Como já referimos anteriormente, este estudo pretende averiguar a possibilidade da identidade étnica constituir um aspecto importante das auto-representações dos adolescentes, especialmente dos que pertencem a grupos étnicos que se encontram em minoria numa dada sociedade, e que como tal, poderá desempenhar um papel central no seu bem-estar psicológico. Contudo, a função que a identidade étnica vai ter na vida dos jovens deve sempre ser equacionada a partir dos contextos sociais onde estes se movimentam, podendo este aspecto adquirir um papel importante na vida de membros da etnia socialmente maioritária (Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1992; Umaña-Taylor et al., 2007). Outro pressuposto fundamental desta investigação é o de que a aquisição da identidade étnica nos jovens que pertencem a etnias minoritárias (que pressupõe a existência de níveis elevados de exploração e resolução), ao contribuir para uma compreensão não só da própria etnicidade, mas também da dos outros, vai promover o surgimento de uma orientação favorável à interacção com os membros de outros grupos étnicos (Phinney et al., 1997b; Phinney et al., 2007).

5.1 Diferenças nos Níveis de Identidade Étnica e suas Dimensões em função da Etnia de Pertença

Iniciamos esta discussão com a confirmação de uma das premissas essenciais deste estudo, patente na primeira hipótese formulada, que pressupunha que os jovens que pertenciam ao grupo das etnias minoritárias apresentariam níveis médios mais elevados de identidade étnica global. Em consonância com os resultados de outros estudos (e.g., Martinez & Dukes, 1997; Phinney, 1992; Phinney et al., 1997a; Roberts et al., 1999), foram os jovens que pertencem ao grupo das etnias minoritárias que obtiveram os valores mais elevados de identidade étnica global. Ao realizar-se uma análise comparativa dos níveis médios de identidade étnica global nos quatro grupos de etnias, verificámos que é o grupo da etnia

portuguesa que obtém os valores mais baixos de todos os grupos, e o grupo das etnias africanas (PALOP) que revela os níveis médios mais elevados nesta variável. Os níveis de identidade étnica global obtidos no estudo de Roberts e colaboradores (1999), no estudo de Phinney (1992), e também no estudo de Phinney e colaboradores (1997a) são idênticos aos registados no presente estudo, revelando os jovens Europeus Americanos (maioria étnica) os valores mais baixos nesta variável. Em consonância com o que referimos na revisão de literatura que efectuámos e de acordo com as ideias de Tajfel (1978, cit. por Roberts et al., 1999) parece ser possível afirmar que os alunos que pertencem a etnias minoritárias se movimentam em contextos que fazem sobressair o seu *background* étnico (Huang & Stormshak, 2011), não só por constituírem numericamente uma minoria na sociedade portuguesa, mas possivelmente também devido ao estatuto social desvalorizado dos grupos étnicos aos quais pertencem. Outro factor passível de tornar a etnicidade destes jovens mais saliente é a percepção de situações de discriminação étnica que abordaremos mais à frente. Em conjunto, estes factores parecem fazer com que os jovens que pertencem a grupos étnicos minoritários sintam uma maior necessidade de obter mais conhecimentos sobre a própria etnia, e de resolver o significado e implicações que esta vai ter nas suas vidas, em comparação com os jovens portugueses (French et al., 2006; Martinez & Dukes, 1997; Pahl & Way, 2006; Phinney, 1996a; Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Contudo, os jovens portugueses manifestaram níveis médios de identidade étnica global elevados. Considerando que a identidade étnica se constrói no contacto com o outro, e que a composição étnica dos contextos influencia o modo como os indivíduos pensam a própria etnicidade (Phinney, 1992; 1996b; Phinney et al, 1997a; Roberts et al., 1999; Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007), e sabendo que estes jovens contactam diariamente com colegas que pertencem a outros grupos étnicos, podemos pensar que a presença de diversidade cultural constitui um estímulo para estes explorarem a própria etnicidade, construindo uma imagem segura acerca do significado que pertencer à sua etnia tem para si próprios, e decidindo a importância que essa pertença vai ter nas suas vidas.

Relativamente às hipóteses 2 e 3 que postulavam, respectivamente, a obtenção de valores médios significativamente mais elevados nas dimensões exploração e resolução por parte dos alunos do grupo das etnias minoritárias, comparativamente aos alunos do grupo da etnia portuguesa, como vimos, apenas se registaram diferenças estatisticamente significativas entre estes grupos na dimensão exploração, sendo o primeiro grupo que manifesta os valores médios mais elevados nesta dimensão, o que permite confirmar a hipótese 2. No que respeita

à dimensão resolução, observa-se apenas uma tendência para a diferença entre os grupos étnicos ser significativa, infirmando-se portanto, a hipótese 3. Ao observarmos os valores médios obtidos pelos alunos pertencentes aos dois grupos étnicos em cada uma das dimensões da identidade étnica, verificamos que são sistematicamente os alunos do grupo das etnias minoritárias que revelam os valores mais elevados nas três dimensões. Estes dados vão ao encontro dos de outros estudos que indicam que os jovens que pertencem a grupos étnicos minoritários apresentam níveis mais elevados de resolução e exploração, quando comparados com os seus pares pertencentes à maioria social (Almeida, 2008; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2007). Os valores médios de exploração, resolução e afirmação obtidos pelos alunos do grupo das etnias minoritárias seguem um padrão semelhante ao verificado em estudos anteriores com jovens de grupos étnicos minoritários, em que os valores de afirmação são os mais elevados, seguidos dos valores de resolução, e posteriormente, dos níveis de exploração (Lee, 2005; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor et al., 2009). Importa salientar que, apesar desta similitude de dados, grande parte dos estudos que analisam os níveis obtidos por jovens de grupos étnicos minoritários nas três dimensões da identidade étnica em separado foram realizados com jovens do ensino secundário e universitário (e.g., Lee, 2005; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007). É importante considerar este aspecto, pois como sabemos indivíduos mais velhos encontram-se tendencialmente num patamar mais avançado de desenvolvimento da identidade étnica, o que se reflecte em níveis mais elevados de exploração e resolução (Phinney, 1989; Phinney & Chavira, 1992a). Os dados de alguns estudos que analisam a evolução das dimensões da identidade étnica de modo longitudinal, oferecem suporte à ideia de que os níveis de exploração da identidade étnica tendem a aumentar com a idade (French et al., 2006; Pahl & Way, 2006). Este aumento parece estar relacionado com o processo de desenvolvimento sócio-cognitivo dos adolescentes (French et al., 2006; Quintana, 1998; Umaña-Taylor et al., 2009) sendo também impulsionado pelas características dos contextos escolares e comunidade local dos jovens (French et al., 1999). No estudo de French e colaboradores (2006) foi nos adolescentes mais velhos que transitaram de um contexto escolar com uma composição étnica relativamente homogénea para uma escola secundária com bastante diversidade étnica que se verificou o aumento mais acentuado dos níveis de exploração da identidade étnica. Apesar de neste último estudo se ter verificado um aumento dos níveis de exploração da identidade étnica no grupo dos Europeus-Americanos, este foi particularmente acentuado no grupo dos Afro-Americanos. De facto, como já referimos, os adolescentes do grupo das etnias minoritárias parecem envolver-se mais neste processo de

exploração que permite conhecer os aspectos positivos e negativos da própria etnicidade, e compreender as implicações da participação no seu grupo, sendo este mecanismo fundamental na construção de identidades étnicas seguras (Phinney, 1989; 1992; Phinney et al., 2007; Phinney & Ong, 2007). Para além da possibilidade da percepção de situações de discriminação étnica ser capaz de estimular o envolvimento em processos de exploração, o estatuto de grupo numericamente minoritário num dado contexto parece ser, de facto, relevante no despoletar ou acentuar deste processo. Assim, no estudo de Umaña-Taylor e Shin (2007), os jovens Europeus-Americanos num contexto em que constituíam uma minoria étnica apresentaram níveis médios de exploração mais elevados do que no contexto onde estavam em maioria. O mesmo aconteceu para os jovens de todos os grupos étnicos minoritários do estudo – Asiático-Americanos, Latinos, e Afro-Americanos –, revelando todos, valores médios mais elevados de exploração quando se encontravam em contextos em que constituíam as minorias étnicas (ou seja, estavam duplamente em minoria, na sociedade em geral e nos contextos universitários). Apesar de no presente estudo termos constatado a existência de diferenças significativas entre os níveis de exploração da identidade étnica dos alunos da etnia portuguesa e os níveis de exploração do grupo das etnias minoritárias, o que está de acordo com as nossas previsões, não podemos deixar de sublinhar que os valores de exploração apresentados pela etnia portuguesa são mais elevados do que estávamos à espera, tendo em conta que este grupo constitui o grupo socialmente maioritário. À semelhança do que foi dito para a identidade étnica global, de novo se acentua que a composição étnica da comunidade local onde estes adolescentes vivem e se movimentam no seu dia-a-dia parece poder explicar estes resultados. Com efeito, ambas as escolas se situam em zonas geográficas com elevada concentração de imigrantes, contactando os jovens portugueses diariamente com pessoas de minorias étnicas. Talvez este facto explique os valores de exploração mais elevados do que o esperado no grupo da etnia portuguesa. No estudo de French e colaboradores (2006), os níveis de exploração da identidade étnica dos alunos da maioria étnica são idênticos aos obtidos nesta investigação, quando estes se encontram em contextos escolares com bastante diversidade étnica, variando entre 2.60 e 2.79. Relativamente aos níveis de exploração da identidade étnica verificados no grupo das etnias minoritárias, estes são um pouco baixos em comparação com os verificados noutros estudos realizados com adolescentes de minorias étnicas (e.g., Lee, 2005; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Contudo, podemos pensar que esta evidência está relacionada com a diferença na média de idades registada entre os participantes dos estudos. Os valores de exploração da identidade étnica obtidos em dois trabalhos de investigação diferentes realizados com adolescentes mais velhos

(média de idades de 16,3 e de 15,3) pertencentes a um grupo étnico minoritário são muito semelhantes aos valores de exploração obtidos pelo grupo das etnias minoritárias no presente estudo (Umaña-Taylor et al., 2007; Umaña-Taylor et al., 2008). De acordo com French e colaboradores (2006), espera-se que após um período de grande envolvimento em processos de exploração que geralmente ocorre por volta dos 15, 16 anos, estes processos registem um decréscimo à medida que os jovens adquirem uma segurança maior nas suas identidades. Outro aspecto que talvez possa contribuir para estes resultados é o facto de os itens da sub-escala exploração utilizados no presente estudo estarem todos formulados no pretérito perfeito (Exemplo: "Participei em actividades que me permitiram contactar com a minha etnia"), não contemplando a hipotética exploração actual que os jovens estejam a realizar. Assim, de modo análogo às alterações que Phinney e Ong (2007) realizaram para a MEIM (Phinney, 1992), talvez fosse interessante efectuar modificações semelhantes para os itens da sub-escala exploração da EIS (Umaña-Taylor et al., 2004) de modo a que possam ser incluídas tanto possíveis explorações anteriores que os indivíduos tenham efectuado, como explorações actuais. Os dados obtidos no estudo de Almeida (2008), realizado com alunos pertencentes a 4 escolas do concelho da Amadora em que os alunos apresentavam uma média de idades ligeiramente superior à do presente estudo, para a sub-escala exploração são inferiores aos obtidos no presente estudo. Este resultado é algo inesperado tendo em conta o que temos vindo a referir. Contudo, apesar de sabermos que os dados do estudo de Almeida (2008) foram recolhidos no concelho da Amadora, não sabemos exactamente em que escolas, nem em que zonas deste concelho, o que seria relevante. Ainda relativamente aos níveis de exploração obtidos pelos adolescentes na presente investigação, podemos supor que o facto de os jovens do presente estudo frequentarem escolas que se localizam na imediação de bairros sociais constituídos maioritariamente por população pertencente a minorias étnicas, particularmente oriundas dos PALOP, e que grande parte dos alunos de origem imigrante deste estudo pertence a famílias oriundas dos PALOP, pode ter influência nos níveis de exploração destes jovens. Assim, apesar dos jovens das etnias minoritárias se encontrarem em minoria na sociedade onde estão inseridos, eles vivem num contexto de bairro em que constituem a maioria, e têm acesso à cultura de origem dos pais nesse local, o que possivelmente lhes fornece suporte social, e os faz sentir mais seguros quanto à sua etnicidade – sendo este último aspecto visível nos elevados valores de resolução que estes jovens obtiveram –, não sentindo talvez tanta necessidade de explorar questões associadas à sua pertença étnica. Estas suposições vão ao encontro das ideias de Umaña-Taylor e colaboradores (2009), pois de acordo com estes autores, é possível que, quando os jovens de

um grupo socialmente minoritário se encontram em maioria na comunidade local onde vivem, não se envolvam tanto em processos de exploração da própria identidade étnica, uma vez que podem existir poucas experiências capazes de estimular esse envolvimento.

No que diz respeito à evidência que aponta a falta de diferenças significativas entre os níveis de resolução dos alunos da etnia portuguesa e dos alunos das etnias minoritárias, que vai em sentido contrário ao que inicialmente havíamos proposto, destacamos que os níveis de resolução observados no grupo das etnias minoritárias são idênticos aos obtidos em outros estudos também para jovens pertencentes a grupos minoritários (e.g., Lee, 2005; Umaña-Taylor et al., 2007; Umaña-Taylor et al., 2009). Relativamente aos jovens da etnia portuguesa, dispomos de poucos dados empíricos que analisem a resolução como uma dimensão de identidade étnica separada das outras dimensões. Destacamos a investigação de Umaña-Taylor e Shin (2007), em que se registam valores médios mais elevados de resolução no grupo dos jovens pertencentes à maioria social quando estes se encontram num contexto em que constituem uma minoria étnica ($M = 3.07$), do que quando estes constituem uma maioria étnica ($M = 2.65$). Já nos três grupos minoritários deste estudo, o efeito do contexto não parece ser tão determinante nos níveis de resolução de identidade étnica que os jovens apresentam. No estudo de Almeida (2008) registam-se valores de resolução mais baixos, tanto para a etnia portuguesa, como para as outras duas etnias minoritárias, não sendo disponibilizados os dados relativos às médias de resolução obtidas em cada uma das 4 escolas, o que seria pertinente considerar, particularmente pelo facto de a composição étnica de uma das escolas deste estudo ser maioritariamente constituída por alunos pertencentes a grupos étnicos minoritários. Como vimos, os níveis médios de resolução obtidos pelo grupo das etnias minoritárias são semelhantes aos obtidos por jovens de minorias étnicas noutras investigações. Assim, parece que são os níveis elevados de resolução manifestados pelos jovens da etnia portuguesa, os responsáveis pela inexistência de diferenças significativas entre os dois grupos nesta dimensão da identidade étnica. Mobilizamos novamente a influência de factores contextuais para explicar os valores elevados de resolução registados no grupo da etnia portuguesa. Com efeito, mesmo constituindo uma maioria na sociedade em geral, e no contexto escolar, em particular, os jovens da etnia portuguesa convivem diariamente com colegas de outras etnias, o que possivelmente os faz sentir, de alguma forma, pressionados a definirem-se enquanto membros de uma determinada etnia, por viverem num contexto multicultural. Para além deste aspecto, tal como Phinney (2004) sublinhou, os raros estudos longitudinais que analisam o percurso de desenvolvimento da resolução têm evidenciado

poucas alterações neste componente da identidade étnica ao longo do tempo (e.g., Umaña-Taylor et al., 2008), havendo uma prevalência de valores médios elevados nesta dimensão que é transversal aos grupos étnicos estudados. Alguns autores (e.g., Phinney, 1989, 1992; Phinney et al., 2007; Umaña-Taylor et al., 2004) têm igualmente reforçado a ideia de que os indivíduos podem apresentar valores elevados de resolução, sem terem explorado aspectos relativos à sua pertença étnica, apresentando, por conseguinte, uma identidade étnica outorgada. Esta constitui outra possível explicação para os níveis elevados de resolução observados no grupo da etnia portuguesa.

Relativamente aos níveis de afirmação apresentados pelos diferentes grupos de jovens da nossa amostra, verificámos que é o grupo das etnias minoritárias que apresenta valores médios mais elevados nesta dimensão, não atingindo esta diferença a significância estatística. De facto, é nesta dimensão que se regista a menor diferença entre os dois grupos, o que parece fornecer algum suporte aos resultados do estudo de Umaña-Taylor e Shin (2007) e de Umaña-Taylor e colaboradoras (2004) em que os alunos de minorias étnicas e os alunos da maioria étnica apresentam níveis muito semelhantes de afirmação. De acordo com Umaña-Taylor e colaboradores (2009), contrariamente ao que acontece no caso da exploração e da resolução, a componente afirmação, que reenvia para os sentimentos (positivos e/ou negativos) que os indivíduos têm a propósito da sua etnia, parece ser determinada por factores de socialização familiar. Talvez por isso os jovens que pertencem a grupos socialmente desvalorizados desenvolvam sentimentos positivos a propósito do seu grupo étnico, mesmo perante as hipotéticas imagens negativas veiculadas pela sociedade a respeito do seu grupo. No caso da etnia portuguesa, os membros deste grupo devem ter à partida sentimentos positivos face à sua etnia, pois estes constituem a etnia socialmente maioritária. Assim, parece possível que, tal como sugerido por Phinney (1996b), em situações em que estejam em minoria no contexto escolar, os adolescentes de minorias étnicas reforcem os seus laços de ligação emocional à comunidade local (do bairro onde vivem) que veicula uma imagem positiva do seu grupo étnico, obtendo portanto uma imagem favorável e sentimentos positivos acerca da sua etnicidade, que se opõem à imagem veiculada pela sociedade em geral. Os resultados de um estudo efectuado com jovens pertencentes a minorias étnicas, em que foi criada uma condição experimental em que era transmitida uma imagem negativa do grupo de pertença dos jovens, mostraram que o “autoconceito étnico” – definido pelos autores como “os sentimentos dos indivíduos acerca da pertença ao seu grupo étnico” (p.472), assemelhando-se mais a uma forma de auto-estima de grupo, que parece corresponder à dimensão afirmação – não era

negativamente influenciado pelas imagens negativas transmitidas na referida condição experimental. Apenas o modo como os sujeitos classificavam o seu grupo étnico mostrou ser influenciado por essa imagens negativas, e não o seu “autoconceito étnico” (Phinney, Chavira, & Tate, 1992b). Talvez o apoio fornecido pela comunidade local onde os jovens se encontram adquira mesmo um papel de destaque nos níveis de afirmação que estes jovens vão apresentar, pois se observarmos os dados obtidos nesta variável para os quatro grupos de etnias, verificamos que é o grupo das etnias africanas (PALOP) que possui o valor médio mais elevado na dimensão afirmação, e como já referimos, perto de ambas as escolas que os participantes deste estudo frequentam existem bairros sociais maioritariamente constituídos por pessoas oriundas dos PALOP. É igualmente este último grupo étnico que revela os níveis mais elevados de exploração e resolução. Possivelmente estes dados estão relacionados com o facto dos jovens que pertencem às etnias africanas apresentarem uma etnicidade mais saliente, devido à cor da sua pele, ser, de um modo geral, mais escura que os jovens de outras etnias. Com efeito, se observarmos os resultados de investigações efectuadas nos E.U.A, verificamos que são os jovens Afro-Americanos que apresentam os níveis de identidade étnica mais elevados, em comparação com os outros grupos étnicos – quer sejam maioritários ou minoritários (e.g., Phinney, 1992; Phinney et al., 1997a; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Ainda relativamente à dimensão afirmação, gostaríamos de referir que, de facto, os jovens dos vários grupos étnicos parecem ter sentimentos positivos acerca da sua etnia. Assim, de modo análogo ao que se verificou no estudo de Almeida (2008), também neste estudo, os valores de afirmação mostraram ser elevados em todos os grupos étnicos – não sendo contudo, as médias obtidas nesta dimensão tão elevadas quanto no estudo de Almeida (2008). Para além disso, na maior parte dos estudos empíricos também se registam valores bastante elevados nesta dimensão da identidade étnica (e.g., Lee, 2005; Pahl & Way, 2006; Rivas-Drake et al., 2008; Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor et al., 2008; Umaña-Taylor et al., *in press*).

5.2 Relações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-Estima

Partindo do pressuposto de que a identidade étnica constitui um aspecto importante do autoconceito dos jovens que se encontram em contextos multiculturais, que tem mostrado estar positivamente associado ao bem-estar psicológico, tanto de jovens de minorias étnicas (e.g., Lee, 2003, 2005; Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor et al., 2007; Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor et al., 2008), como de jovens que pertencem à maioria étnica, quando estes estão em contextos em que constituem a minoria étnica (e.g., Phinney, 1992;

Phinney et al., 1997a; Roberts et al., 1999; Umaña-Taylor & Shin, 2007) tentámos perceber se as dimensões exploração e a resolução se encontravam positivamente associadas à auto-estima considerando o total da amostra. Os dados obtidos confirmam as nossas hipóteses iniciais – hipótese 4 e 5, respectivamente –, registando-se correlações significativas entre as referidas duas dimensões da identidade étnica e a auto-estima. Observámos também este tipo de correlações entre a afirmação e a auto-estima, quer para a totalidade da amostra, quer para o grupo das etnias minoritárias. Isto significa que quanto mais os jovens procuraram adquirir conhecimentos sobre as suas etnias (exploração), quanto mais seguros estão do significado que a pertença étnica tem para si próprios, e das implicações que esta tem nas suas vidas (resolução), e também quanto mais positivos são os seus sentimentos face à sua etnia (afirmação), mais elevados são os seus níveis de auto-estima. Se observarmos as correlações obtidas entre as dimensões da identidade étnica e a auto-estima nos dois grupos de etnias, constatamos que a intensidade da associação entre essas variáveis não é muito forte, à semelhança do que acontece noutros estudos (e.g., Almeida, 2008; Lee, 2005; Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007; Umaña-Taylor et al., 2008; Umaña-Taylor et al., 2009). Por outro lado, ao analisarmos as correlações entre estas variáveis, verificámos que estas apresentam uma magnitude maior no grupo das etnias minoritárias, comparativamente ao grupo da etnia portuguesa. Outro aspecto importante é o facto da dimensão exploração da identidade étnica, contrariamente ao que acontece no grupo das etnias minoritárias, não revelar estar significativamente associada à auto-estima dos membros do grupo da etnia portuguesa, tal como acontece em estudos anteriores (e.g., Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2009). Podemos pensar que estes resultados estão relacionados com o facto dos jovens da maioria étnica terem uma identidade étnica tão segura e dada como garantida que faz com que não procurem adquirir mais conhecimentos sobre a sua etnia (Martinez & Dukes, 1997) – não sendo portanto, este aspecto importante nos sentimentos de auto-avaliação que desenvolvem. Resumindo, a identidade étnica estabelece uma relação significativa e positiva com os níveis de bem-estar psicológico dos indivíduos, revelando-se esta associação mais forte no caso dos jovens que pertencem a grupos étnicos minoritários. O carácter correlacional desta ligação, e o facto de estas variáveis terem sido mensuradas apenas num momento temporal, não permite perceber se são os níveis elevados de identidade étnica que vão contribuir para níveis de auto-estima mais elevados, sendo também possível que sejam os níveis elevados de auto-estima que contribuem para o desenvolvimento da identidade étnica. Os resultados de um estudo longitudinal realizado por Phinney e Chavira (1992a) sugerem a existência de uma relação bi-direccional entre estas variáveis.

Ao analisar o modo como as diferentes dimensões da identidade étnica se encontram associadas aos níveis de auto-estima dos jovens nos quatro grupos étnicos diferentes, destacamos a inexistência de uma relação significativa entre a exploração e a auto-estima em qualquer dos grupos de etnias minoritárias, tal como acontece no estudo de Lee (2005) em que também não se verifica uma associação significativa entre estas variáveis num grupo de jovens que pertence a um grupo étnico minoritário ($r = .19$). Contudo, é possível verificar que, ao contrário da magnitude de correlação entre estas variáveis no caso da etnia portuguesa ser praticamente nula, o mesmo não acontece nos três diferentes grupos de etnias minoritárias. Possivelmente a referida inexistência de uma correlação significativa entre estas variáveis nos grupos de etnias minoritárias está relacionada com a dimensão numérica de cada um destes grupos, que é relativamente pequena, ou até com o facto de, hipoteticamente, os níveis de exploração verificados não serem suficientes para contribuir para o estabelecimento de uma associação significativa com os níveis de auto-estima dos jovens. Em sentido contrário aos resultados da presente investigação, num estudo longitudinal de Umaña-Taylor e colaboradores (2009) foi possível constatar a existência de uma associação significativa e positiva sistemática entre a dimensão exploração e os níveis de auto-estima dos jovens do grupo minoritário. Acresce ainda que a exploração foi o único componente da identidade étnica que mostrou predizer aumentos nos níveis de auto-estima ao longo do tempo. Para além disto, estes jovens mostraram níveis elevados de resolução. Assim, podemos também considerar que é a aquisição da identidade étnica que mais contribui para o desenvolvimento de sentimentos positivos a propósito do próprio *self*, ao invés da exploração por si só. Por outro lado, Phinney (2004) refere que os resultados da maioria dos estudos existentes nesta área têm, de um modo geral, encontrado correlações significativas e positivas mais elevadas entre a resolução e a auto-estima do que entre a exploração e a auto-estima. Outra explicação para a inexistência de correlações significativas entre a exploração e os níveis de auto-estimas dos jovens dos três grupos de etnias minoritárias pode prender-se com o facto de que, tal como Syed, Walker, Lee, Umaña-Taylor, Zamboanga, Schwartz, Armenta e Huynh (2012) mostraram, a dimensão exploração da identidade étnica, tal como mensurada por dois instrumentos diferentes, a MEIM (Phinney, 1992; Roberts et al., 1999), e a EIS (Umaña-Taylor et al., 2004) ser constituída por duas dimensões distintas que se encontram positivamente associadas ($r = .65, p < .001$), e que estabelecem associações diferentes com a auto-estima. De facto os resultados desta investigação recente indicam que os itens da sub-escala exploração da MEIM (Phinney, 1992; Roberts et al., 1999) encontram-se agregados em torno de um factor que os autores designaram de “*ethnic identity search*”, uma vez que estes

avaliam sobretudo formas de exploração pouco concretas, como pensar ou falar com alguém sobre a própria etnia. Já os itens da EIS (Umaña-Taylor et al., 2004) mostraram constituir um factor diferente designado por “*ethnic identity participation*”, remetendo este conjunto de itens essencialmente para o envolvimento directo em actividades que permitem adquirir mais conhecimentos sobre a etnia de pertença, tais como participar em eventos culturais relacionados com a própria etnia (Syed et al., 2012). Ao realizar uma revisão dos resultados dos diferentes estudos empíricos que investigam as relações entre a identidade étnica e a auto-estima, utilizando uns a MEIM (Phinney, 1992; Roberts et al., 1999) para mensurar a identidade étnica e outros a EIS (Umaña-Taylor et al., 2004), os autores concluem que no caso dos estudos que utilizam a MEIM (Phinney, 1992; Roberts et al., 1999) as magnitudes das correlações entre a exploração da identidade étnica e a auto-estima apesar de positivas, são fracas, e por vezes, são até negativas. Já os dados dos estudos que utilizam a EIS (Umaña-Taylor et al., 2004) mostram a existência sistemática de correlações significativas e positivas entre a exploração e os níveis de auto-estima dos jovens (Syed et al., 2012). Como sabemos no presente estudo utilizámos a EIS (Umaña-Taylor et al., 2004), tendo os dados obtidos indicado que apesar das correlações entre a exploração e os níveis de auto-estima dos jovens pertencentes às minorias étnicas não atingirem a significância estatística, o sentido dessa correlação é positivo, de modo análogo ao que acontece nos estudos que utilizam a EIS. Apesar de não terem testado esta hipótese, os autores sugerem a possibilidade da existência de uma relação recíproca entre os dois tipos de exploração, o que parece plausível, pois o envolvimento directo em actividades que permitem adquirir mais conhecimentos sobre o grupo étnico de pertença poderá potenciar o surgimento de mais questões e pensamento acerca da própria pertença étnica, e vice-versa. Isto significa que os jovens que estão a explorar a própria etnicidade provavelmente envolvem-se em ambos os tipos de exploração (Syed et al., 2012). Partindo deste pressuposto, podemos considerar que a inexistência de correlações significativas entre a exploração e a auto-estima nos três grupos de etnias minoritárias seja causada por uma preponderância do processo de “*ethnic identity search*” sobre o processo “*ethnic identity participation*”. Neste contexto e perante os resultados do trabalho empírico de Syed e colaboradores (2012) salienta-se pertinência de efectuar investigações em que na escala de exploração sejam incluídos itens que remetam para os dois tipos de exploração, tentando perceber de que modo é que estes se associam a outras variáveis, nomeadamente a indicadores de bem-estar psicológico. Por outro lado, seria ainda importante perceber se existem diferenças no que diz respeito ao envolvimento nestas duas formas de exploração em função da idade dos adolescentes.

Prosseguindo a análise dos resultados que dizem respeito à relação entre as dimensões da identidade étnica e os níveis de auto-estima dos jovens, destacamos que foi no grupo das etnias luso-africanas que se registaram as magnitudes de correlação mais elevadas entre a afirmação e a resolução e os níveis de auto-estima, o que parece indicar que estes jovens, talvez por se sentirem fortemente ligados a duas culturas não tenham ainda adquirido uma noção clara do significado que a pertença ao próprio grupo étnico tem para si próprios – considerando os três grupos de minorias étnicas é neste grupo que se registam os valores mais baixos de resolução (Figura 2) –, o que possivelmente faz com que as suas auto-representações de carácter afectivo sejam mais positivas quando estes têm sentimentos positivos face à sua pertença étnica, e quando sentem que adquiriram alguma clareza relativamente ao significado que essa pertença tem para si próprios. Partindo dos dados de alguns estudos que têm apontado a dimensão afirmação como possível factor de protecção dos potenciais efeitos negativos da percepção de situações de discriminação (e.g., Greene et al., 2006; Romero & Roberts, 2003; Umanã-Taylor et al., *in press*; Wong et al., 2003), e tendo em conta que foram os jovens deste grupo étnico que revelaram os valores mais elevados de discriminação percebida (em ambas as dimensões), podemos pensar que estes adolescentes manifestam níveis positivos de auto-estima (apesar de serem os mais baixos de todos os grupos) precisamente por possuírem sentimentos positivos face à sua etnicidade. Por outro lado, merece ainda uma referência, o facto de a correlação entre a dimensão resolução e a auto-estima se situar próxima do zero no grupo das outras etnias, o que é algo inesperado. Contudo, talvez só a resolução que é precedida de exploração seja susceptível de contribuir para o bem-estar psicológico dos jovens, aparecendo noutros estudos, tal como no presente estudo ($r = .562$, $p = .01$, $n = 387$), a resolução e a exploração tendencialmente associadas (e.g., Umaña-Taylor et al., 2004; Umaña-Taylor et al., 2009). Se olharmos para os níveis de exploração do grupo das outras etnias (Figura 3) verificamos que dos três grupos de minorias étnicas é este o grupo que tem os valores mais baixos de exploração, o que parece ir ao encontro da nossa suposição. Para além destes aspectos, o grupo das outras etnias é constituído por jovens de origens culturais bastante diferentes, tais como Chineses, Turcos, Brasileiros, Romenos, entre outros, sendo possível que se registem diferentes tendências ao nível da identidade étnica nos vários sub-grupos de jovens que constituem este grupo, que se anulam reciprocamente. Este aspecto ganha maior relevância se atendermos aos resultados de alguns estudos que mostram que os níveis de identidade étnica e as associações que esta variável estabelece com a auto-estima, mesmo dentro dos grupos minoritários, são diferentes

consoante o grupo étnico considerado (e.g., Martinez & Dukes, 1997; Phinney et al., 1997a; Umaña-Taylor & Shin, 2007).

5.3 Diferenças entre as Etnias nos Níveis de Discriminação Étnica Percepcionada

Segundo Tajfel (1978, cit. por Roberts et al., 1999) é provável que os membros de grupos étnicos que se encontram em minoria numa dada sociedade, constituam potenciais alvos de comportamentos de índole discriminatória, especialmente devido ao baixo estatuto social e poder que têm nessa mesma sociedade. Os resultados obtidos mostram a existência de diferenças estatisticamente significativas entre estes dois grupos relativamente à referida variável, sendo o grupo das etnias minoritárias que apresenta os valores médios mais elevados. É também o grupo das etnias minoritárias que apresenta os valores mais elevados de discriminação percepcionada tanto perpetrada pelos professores como por colegas. Como referimos, estes resultados são concordantes com os de estudos anteriores (Fisher et al., 2000; Huynh & Fuligni, 2010; Romero & Roberts, 1998). Não obstante esta evidência, não podemos deixar de salientar que os valores médios de discriminação étnica (tanto global como as suas dimensões) são bastante reduzidos nos dois grupos (e também nos três grupos diferentes de etnias minoritárias), o que sugere que, embora os níveis médios de discriminação étnica global sejam mais elevados no grupo das etnias minoritárias, a julgar pelos resultados obtidos, os jovens deste estudo praticamente não percepcionam que são tratados de forma injusta por colegas e professores unicamente devido à sua pertença étnica. Também os resultados de outras investigações mostram que os jovens percepcionam níveis diminutos de discriminação étnica tanto perpetrados por colegas como perpetrados por professores (e.g., Greene, Way, & Pahl, 2006; Huynh & Fuligni, 2010; Pahl & Way, 2006). Talvez os jovens percepcionem níveis bastante baixos de discriminação étnica pelo facto deste tipo de situações ocorrer com pouca frequência, ou então por atribuírem, erroneamente, a causa de um comportamento injusto a outros motivos diferentes da sua pertença étnica. Contudo, tem sido sugerido que durante o período da adolescência os jovens já possuem as capacidades sócio-cognitivas necessárias à percepção deste tipo de situações (Bigler & Brown, 2005), o que parece invalidar esta última assumpção. Por outro lado, seria interessante utilizar o mesmo instrumento de discriminação étnica percepcionada utilizado no presente estudo, com uma escala de resposta diferente que remetesse para a frequência com que os jovens percepcionam que são discriminados, à semelhança do que acontece em várias investigações (e.g. Alfaro et al., 2011; Rivas-Drake et al., 2008; Umaña-Taylor et al., 2007). Podia também incluir-se uma escala que permitisse aos jovens dizer em que medida a

percepção de determinados comportamentos discriminatórios lhes causou mal-estar, de modo análogo ao que acontece noutros trabalhos empíricos (e.g., Fisher et al., 2000; Grossman & Liang, 2008). Acresce ainda que, geralmente, os jovens tendem a perceber níveis mais elevados de discriminação étnica dirigida ao grupo étnico ao qual pertencem, considerado como entidade colectiva, do que actos de discriminação étnica de carácter pessoal (Brown & Bigler, 2005). Por último salientamos também que, numa análise comparativa dos resultados médios de discriminação étnica tanto perpetrada pelos colegas como pelos professores, é sistematicamente o grupo da etnia portuguesa que apresenta os níveis médios mais baixos, e apesar da diferença entre os valores médios nos três grupos de etnias não ser muito marcada é o grupo das etnias luso-africanas que revela os valores mais elevados nas duas dimensões consideradas. Relativamente a este último aspecto poderá pensar-se que estes jovens percebem níveis mais elevados de discriminação étnica por possivelmente sentirem que não se integram plenamente em nenhum dos grupos étnicos, ou até por efectivamente serem mais frequentemente vítimas deste tipo de tratamento injusto unicamente com base na sua pertença étnica. Seria interessante, em estudos futuros, analisar o modo como os níveis de discriminação percebida se relacionam com algumas características destes jovens, designadamente características físicas – como por exemplo a cor da pele – e o impacto que os diferentes tipos de discriminação percebida vão ter em diferentes indicadores de ajustamento psicológico e social. Ao admitir que os actos de discriminação podem surgir com base em aspectos diferentes, Huynh e Fuligni (2010) sugerem que “é diferente ser discriminado enquanto membro de um grupo racial ou ser discriminado pela pertença a um grupo mais específico” (p.936). Deste modo, os autores alertam-nos para a necessidade de desenvolver investigações que permitam perceber se a discriminação que é percebida pelos jovens vai ter um impacto diferenciado nas suas trajectórias de desenvolvimento consoante se trate de um tipo de discriminação que remeta essencialmente para aspectos raciais – tais como as características físicas –, ou de um tipo de discriminação que envolva aspectos mais relacionados com a etnicidade – tais como a língua e as tradições culturais.

5.4 Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percebida e a Auto-Estima

Em consonância com alguns modelos teóricos que apontam a discriminação étnica percebida como um factor de risco ao bem-estar psicológico dos jovens, particularmente dos que pertencem a minorias étnicas (e.g., Brown & Bigler, 2005; Coll et al., 1996), e com os resultados de algumas investigações que mostram a existência de correlações significativas e negativas entre discriminação étnica percebida, quer perpetrada por colegas, quer por

adultos e os níveis de auto-estima dos jovens independentemente do seu grupo étnico de pertença (e.g., Huynh & Fuligni, 2010), também no presente estudo se verificaram correlações significativas e negativas entre as duas dimensões da discriminação étnica percebida e os níveis de auto-estima para a totalidade da amostra – confirmando-se as hipóteses 8 e 9. Deste modo, parece que, apesar de como referimos anteriormente, os jovens deste estudo perceberem um baixo número de situações de discriminação com base na sua pertença étnica, a percepção deste tipo de situações poderá ter um impacto negativo considerável no bem-estar psicológico dos adolescentes. Contudo, mais uma vez salientamos que, a natureza correlacional das associações entre a discriminação étnica percebida e a auto-estima, e o facto de estas variáveis terem sido mensuradas apenas num momento temporal, impede-nos de perceber qual destas variáveis influencia a outra. Parecendo inclusivamente possível, não só que os jovens que percebem mais situações de discriminação étnica tenham níveis de auto-estima mais baixos, mas também que os jovens com níveis de auto-estima mais baixos apresentem uma maior propensão para perceber este tipo de experiências, pois como alguns autores referem (e.g., Brown e Bigler, 2005; Umaña-Taylor et al., 2008), as características individuais dos sujeitos parecem influenciar as suas percepções de discriminação étnica. Salientamos ainda que a magnitude da correlação entre a discriminação étnica perpetrada pelos colegas e a auto-estima é, em todos os grupos étnicos, superior à magnitude da correlação entre a discriminação étnica perpetrada pelos professores e a auto-estima, talvez pelo facto de, como referimos na revisão da literatura efectuada, durante a adolescência, a percepção de situações de discriminação étnica perpetrada pelos colegas apresentar consequências mais nefastas no bem-estar psicológico dos jovens que a discriminação étnica perpetrada pelos adultos (Greene et al., 2006; Pahl & Way, 2006; Rivas-Drake et al., 2008; Rosenbloom & Way, 2004). Este estudo fornece ainda suporte aos resultados de outros estudos que mostram que apesar dos jovens de grupos étnicos minoritários perceberem níveis mais elevados de discriminação étnica, apresentam níveis de auto-estima idênticos (Martinez & Dukes, 1997; Umaña-Taylor et al., 2004; Zimmerman et al., 1997) e por vezes, até superiores aos dos jovens que pertencem ao grupo socialmente maioritário (e.g., Fisher e tal., 2000; Phinney et al., 1997a; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Assim, tal como Crocker e Major (1989) sugeriram, parece possível que ao sentirem que são tratados de modo injusto unicamente com base na sua pertença étnica, os jovens de minorias étnicas mobilizem um conjunto de estratégias que lhes permitam proteger as suas auto-representações. O surgimento destas estratégias pode estar relacionado com o desenvolvimento da identidade étnica, parecendo possível que à medida que os jovens

adquirem mais conhecimentos sobre a sua etnicidade, e se sentem seguros quanto ao significado que esta tem para si próprios, sejam capazes de se afastar de possíveis imagens negativas veiculadas pela sociedade *mainstream* a propósito do seu grupo étnico, salientando aspectos positivos do seu grupo, tendo portanto, segurança para discutir possíveis ideias estereotipadas que subjazem às situações de discriminação étnica (Umaña-Taylor et al., 2008). Com efeito, os resultados de um estudo de Phinney e Chavira (1995) mostram que a adopção de determinadas estratégias de *coping* para lidar com os estereótipos sociais se encontrava associada a níveis mais elevados de auto-estima. Para além disto, os resultados deste estudo mostraram ainda que a utilização de um estilo de *coping* agressivo se encontrava associado a níveis menos desenvolvidos de identidade étnica. Num estudo mais recente, Umaña-Taylor e colaboradores (2008) verificaram que a dimensão resolução da identidade étnica se encontrava positivamente associada à utilização de estratégias pró-activas para lidar com a discriminação étnica – tais como discutir a situação de discriminação com o perpetrador –, estando, por sua vez, a utilização deste tipo de estratégias associada a níveis mais elevados de auto-estima.

5.5 Relação entre as Dimensões de Discriminação Étnica Percepcionada e as Dimensões da Identidade Étnica nas Diferentes Etnias

Contrariamente ao que postulámos na hipótese 10, não se constatou a existência de uma correlação significativa e positiva entre a discriminação percepcionada perpetrada pelos colegas e a dimensão exploração da identidade étnica no grupo das etnias minoritárias. Como referimos anteriormente, baseámo-nos primordialmente nos resultados dos estudos de Pahl e Way (2006) e de Romero e Roberts (1998) que indicam a existência de uma associação desse tipo. De facto, a percepção de discriminação étnica tem sido apontada como um factor susceptível de tornar a etnicidade dos jovens de minorias étnicas mais saliente, o que por conseguinte, os levaria a envolverem-se em processos de exploração de questões associadas à própria pertença étnica (Pahl & Way, 2006; Romero & Roberts, 1998). Se olharmos para as correlações obtidas entre as referidas variáveis (que como referimos não atingiram a significância estatística) no grupo das etnias minoritárias verificamos que estas se encontram associadas em sentido oposto ao que postulámos. Numa investigação realizada por Lee (2005) também com jovens de um grupo étnico minoritário, à semelhança do que acontece no presente estudo, é possível constatar a existência de uma correlação negativa entre a discriminação étnica percepcionada e a exploração, não se revelando esta associação significativa. Considerando que os resultados dos supra referidos estudos parecem apontar em

sentidos diferentes no que diz respeito à correlação entre a exploração e a discriminação étnica percebida, fazemos novamente alusão às evidências empíricas do estudo de Syed e colaboradores (2012) que mostram que a dimensão exploração da identidade étnica é constituída por duas dimensões distintas. Neste âmbito, parece possível que os diferentes resultados obtidos nos vários estudos se devam, pelo menos em parte, aos instrumentos utilizados. Tanto o estudo de Pahl e Way (2006) como o estudo de Romero e Roberts (1998) mensuraram a identidade étnica através da MEIM (Phinney, 1992). Num estudo de Umaña-Taylor e Updegraff (2007), em que a identidade étnica é mensurada através da EIS (Umaña-Taylor et al., 2004) de modo análogo ao que acontece nos trabalhos de Pahl e Way (2006) e de Romero e Roberts (1998), a exploração aparece associada de modo significativo e positivo aos níveis de discriminação percebida de um grupo de adolescentes pertencentes a uma minoria étnica. Encontram-se igualmente várias diferenças ao nível dos instrumentos utilizados para mensurar a discriminação étnica percebida – variando grandemente o tipo de discriminação percebida, o perpetrador das acções injustas, o número de itens utilizados para mensurar esta variável, a escala de resposta utilizada, entre outros aspectos.

Os dados obtidos no grupo das etnias minoritárias no que diz respeito à relação entre as dimensões da identidade étnica e a percepção de discriminação étnica perpetradas pelos colegas parecem indicar que os jovens que apresentam níveis mais elevados de afirmação, exploração e resolução percebem menos situações de discriminação étnica deste tipo. É no grupo das etnias minoritárias que se registam as magnitudes de correlação mais elevadas. No grupo da etnia portuguesa apenas existe uma correlação significativa entre a resolução e a referida dimensão da discriminação étnica percebida. Este dado talvez esteja relacionado com o que o referimos a propósito dos valores elevados de resolução registados neste grupo. De facto, talvez por contactarem diariamente com colegas de outros grupos étnicos, estes jovens se sintam pressionados a construir uma noção clara do significado que a sua etnia tem para si próprios (ainda que adquiram uma identidade étnica outorgada), o que parece diminuir o sentimento de que são injustamente tratados por causa da sua etnicidade. Por outro lado, sublinhamos também o facto de a magnitude da correlação entre a dimensão resolução e a discriminação percebida perpetrada pelos professores ser mais elevada no grupo da etnia portuguesa, do que no grupo das etnias minoritárias. Para além disso, contrariamente ao primeiro grupo em que se registam correlações significativas entre as percepções de discriminação perpetradas pelos professores e a afirmação e a resolução, no grupo das etnias minoritárias apenas se observam este tipo de correlações entre a referida dimensão da

discriminação percebida perpetrada pelos professores e a afirmação. Tal como noutros estudos que mostram a existência de diferenças inter-étnicas no que respeita ao tipo de discriminação étnica percebida (Huynh & Fuligni., 2000; Greene et al., 2006), estes resultados parecem indicar que a percepção de discriminação étnica perpetrada pelos colegas adquire uma relevância maior na vida dos alunos que pertencem ao grupo das etnias minoritárias, o que parece ser corroborado pelo facto deste grupo apresentar uma magnitude de correlação mais elevada entre a dimensão étnica percebida perpetrada pelos colegas e a auto-estima, em comparação com a magnitude da correlação apresentada entre esta última variável e as percepções de discriminação perpetradas pelos professores. Há que ainda que considerar a diferença na dimensão numérica existente entre estes dois grupos, o que pode influenciar as magnitudes das correlações existentes entre as variáveis. Ao compararmos o modo como as dimensões da discriminação étnica percebida se associam às dimensões da identidade nos quatro grupos étnicos, salientamos que é nos grupos das etnias africanas (PALOP) que se registam as correlações de maior intensidade entre as supra-referidas variáveis. É unicamente neste grupo que se verifica a existência de uma correlação significativa entre a discriminação étnica percebida perpetrada pelos colegas e a exploração, tendo esta, um sentido negativo. Este resultado parece indicar que a obtenção de conhecimentos acerca da própria etnicidade vai fazer com que os jovens deste grupo percebam menos situações de discriminação. Ao verificar que, não obstante o facto de os os jovens deste grupo não apresentarem valores de exploração muito elevados, é neste que grupo que se registam os níveis mais elevados de exploração, parece possível que o contexto de bairro onde estes jovens vivem possibilite um contacto mais próximo com a sua cultura de origem. Talvez esta proximidade com a cultura de origem lhes transmita maior segurança na própria etnicidade (é este grupo que apresenta os valores mais elevados de resolução), o que possivelmente faz com que estes jovens desvalorizem possíveis situações de discriminação étnica. Nos outros dois grupos étnicos minoritários, a exploração e a discriminação étnica perpetrada pelos colegas encontram-se associadas de modo semelhante, não chegando talvez a atingir a significância estatística devido ao tamanho reduzido do grupo. Já no grupo da etnia portuguesa a associação entre estas variáveis mostra estar próxima do zero. Contrariamente ao que acontece no caso do grupo da etnia portuguesa, de um modo geral, nos três grupos étnicos minoritários registam-se correlações mais fortes entre as dimensões da identidade étnica e as percepções de discriminação perpetradas pelos colegas. Gostaríamos ainda de referir dois resultados algo inesperados, um no grupo das etnias luso-africanas, outro no grupo das outras etnias. Relativamente ao primeiro grupo, salientamos a existência de uma correlação negativa

próxima do zero entre a percepção de discriminação perpetrada pelos professores e a exploração, o que nos faz pensar que talvez a exploração sem a resolução não seja suficiente para diminuir a percepção que estes alunos têm de que são injustamente tratados pelos professores unicamente com base na sua pertença étnica; podemos igualmente pensar que estes jovens, no passado, se tenham envolvido numa procura activa de aquisição de conhecimentos acerca da própria – o que é visível nos seus níveis de exploração (Figura 3) – não dando continuidade a este processo, talvez por durante aquele primeiro período de exploração serem confrontados com algumas dúvidas relativas à pertença a ambas as culturas, o que possivelmente os fez regressar a um patamar menos desenvolvido de identidade étnica – como por exemplo, a identidade étnica outorgada. No que diz respeito ao grupo das outras etnias, considerando que este grupo obteve o segundo valor mais elevado de resolução da identidade étnica e os níveis mais baixos de exploração dos três grupos étnicos minoritários (Figura 3) podemos mais uma vez supor que os níveis de resolução sem níveis de elevados de exploração não contribuem para a redução da percepção de situações de discriminação perpetradas pelos professores.

5.6 Etnias Minoritárias e Etnia Portuguesa: Orientação para os *Out-groups* e Dimensões da Identidade Étnica

De acordo com as nossas previsões iniciais, e em concordância com os resultados de algumas investigações (e.g., Phinney, 1997a; Phinney et al., 2007; Romero & Roberts, 1998) os alunos que participaram neste estudo mostraram, independentemente do grupo étnico ao qual pertencem, ter uma propensão para interagir de modo positivo com membros de outros grupos étnicos diferentes do seu grupo de pertença – confirmando-se a hipótese 11. Não obstante, contrariamente aos resultados das três referidas investigações (e.g., Phinney et al., 2007; Romero & Roberts, 1998), foram os membros pertencentes ao grupo das etnias minoritárias que apresentaram as atitudes mais favoráveis à interacção com indivíduos de outros grupos étnicos, revelando esta diferença ser estatisticamente significativa. Esta evidência talvez esteja relacionada com o facto dos jovens se encontrarem em micro-contextos que apresentam bastante diversidade étnica, o que, como referimos anteriormente, possivelmente funciona como estímulo ao desenvolvimento da identidade étnica. Esta suposição parece ser suportada pela confirmação das hipóteses 12, 13 e 14, que postulavam a existência de correlações significativas, positivas e moderadas entre as três dimensões da identidade étnica e a orientação para os *out-groups*, no grupo das etnias minoritárias. Com efeito, parecem ser os níveis obtidos nas dimensões da identidade étnica, pelos jovens que

pertencem ao grupo das etnias minoritárias, os responsáveis pela existência destas diferenças significativas. Assim, verificámos que, para o grupo das etnias minoritárias, as correlações entre as três dimensões da identidade étnica e as atitudes perante os *out-groups* apresentam magnitudes de correlação mais elevadas no presente estudo, em comparação com os resultados obtidos em investigações anteriores, também com jovens de minorias étnicas (e.g., Lee, 2005; Phinney et al., 2007). Estas evidências vão ao encontro das ideias de Phinney e colaboradores (2007) e das nossas suposições iniciais, pois a identidade étnica parece facilitar o surgimento de atitudes inter-grupais positivas, particularmente nos jovens das etnias minoritárias. No entanto, também verificámos a existência de associações significativas entre a resolução e a exploração da identidade étnica e a orientação para os *out-groups* no grupo da etnia portuguesa – embora estas sejam de menor intensidade do que no grupo das etnias minoritárias –, contrariamente ao que acontece no estudo de Phinney e colaboradores (2007) em que não se registam quaisquer correlações significativas entre estas variáveis. Também esta evidência parece constituir o resultado da diversidade étnica presente nos contextos em que estes jovens se movimentam. Não obstante, a identidade étnica parece ser de facto mais importante ao desenvolvimento de atitudes positivas perante membros dos *out-groups* no grupo das etnias minoritárias, comparativamente com o grupo da etnia portuguesa, pois verificámos ainda que as relações entre a afirmação e a orientação para os *out-groups*, e entre esta última variável e a resolução apresentam magnitudes de correlação significativamente diferentes nos dois grupos, sendo, como referimos, o grupo das etnias minoritárias que apresenta as magnitudes de correlação mais elevadas entre estas variáveis. A intensidade da correlação que se estabelece entre a orientação para os *out-groups* e a exploração não revelou ser significativamente diferente talvez pela diferença na dimensão numérica dos dois grupos, ou pelo facto de os alunos do grupo das etnias minoritárias não se terem ainda envolvido suficientemente em processos de exploração da própria etnicidade. Sintetizando, as dimensões da identidade étnica, particularmente a exploração e a resolução, parecem contribuir para o desenvolvimento de uma predisposição favorável ao contacto com membros de *out-groups*, o que provavelmente fará aumentar as interações com pessoas que pertencem a outros grupos étnicos. O contacto entre pessoas que pertencem a grupos étnicos diferentes possivelmente potenciará mais processos de exploração e resolução da identidade étnica, o que por sua vez, ao possibilitar uma compreensão não só da própria etnicidade, mas também da dos outros, favorecerá o surgimento de uma orientação ainda mais favorável à interacção com pessoas de grupos étnicos diferentes do próprio. Deste modo, parece-nos que este constitui um processo cíclico, em que como propuseram Phinney e colaboradores (2007), a aquisição de uma

identidade étnica segura diminuirá a percepção dos membros dos outros grupos enquanto ameaça à própria identidade.

Outro resultado interessante que parece confirmar o importante papel desempenhado pela composição étnica dos contextos onde os adolescentes se movimentam, é a evidência de que, apesar dos jovens de ambas as escolas mostrarem uma propensão para interagir de modo favorável com membros de outros grupos étnicos, são os alunos da escola 2 que apresentam as atitudes mais positivas perante os *out-groups*, atingindo esta diferença a significância estatística. Se atendermos ao facto de que é precisamente a escola 2 que apresenta maior diversidade étnica, estes resultados parecem indicar que o contacto com jovens de outros grupos étnicos diferentes do próprio promove o desenvolvimento de uma orientação favorável à interacção com os membros de outros grupos. De facto, tal como Phinney e colaboradores sugerem, as atitudes negativas perante os membros de *out-groups* parecem basear-se sobretudo num desconhecimento dos outros, sendo possível o desenvolvimento de atitudes positivas sempre que se estimule o desenvolvimento da identidade étnica e se aproveita a curiosidade natural que os indivíduos têm face ao que é diferente (Phinney et al., 2007).

Em jeito de conclusão gostaríamos de referir que, tal como noutros estudos (e.g., Fuligni et al., 2005; French et al., 2006; Phinney, 1989; 1992; Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor et al., 2004), também nesta investigação, foi possível constatar que os jovens que pertencem a grupos étnicos minoritários, em comparação com os da maioria socialmente maioritária, possuem uma identidade étnica mais desenvolvida, talvez precisamente pelo estatuto numericamente minoritário do seu grupo, mas também possivelmente por estes pertencerem, frequentemente a grupos socialmente desvalorizados. Como vimos, estes aspectos parecem fazer sobressair a etnicidade destes adolescentes (French et al., 2006; Martinez & Dukes, 1997; Pahl & Way, 2006; Phinney, 1996a, Romero & Roberts, 1998; Umaña-Taylor & Shin, 2007). Os jovens de minorias étnicas parecem, de facto, atribuir maior relevância à própria etnicidade, parecendo que, a obtenção de mais conhecimentos sobre este domínio das suas identidades, associada à aquisição de uma segurança sobre a própria pertença étnica e ao significado que esta tem nas suas vidas, e a sentimentos positivos a propósito dessa pertença étnica, em conjunto, contribuem para o desenvolvimento de sentimentos de auto-valorização positivos. Contudo, como referimos, a natureza correlacional deste estudo não nos permite perceber se é a identidade étnica que vai influenciar a auto-estima, ou se, pelo contrário, são os adolescentes que têm uma imagem mais positiva sobre si próprios que apresentam uma propensão maior para explorar e resolver as suas etnicidades.

Sendo inclusivamente possível que, como dissemos, estas duas variáveis se influenciem mutuamente. Os resultados deste estudo, são concordantes com os de outros (e.g., Umaña-Taylor & Shin, 2007; Umaña-Taylor & Updegraff, 2007) ao mostrarem a existência de associações significativas e positivas entre a auto-estima e as três dimensões da identidade étnica, no grupo das etnias minoritárias. Destacamos que a magnitude de correlação mais elevada se regista entre a afirmação e a auto-estima, e que se verifica também uma correlação significativa e negativa entre esta última variável e a percepção de discriminação étnica perpetrada pelos colegas no grupo das etnias minoritárias. Neste contexto, relembramos que alguns estudos mais recentes têm mostrado que a dimensão afirmação da identidade étnica pode proteger os jovens dos efeitos negativos da discriminação étnica percebida, ao atenuar o seu impacto sobre alguns indicadores de ajustamento psicológico e escolar (Wong et al., 2003; Greene et al., 2006; Umaña-Taylor et al., *in press*). Tal como os dados destes últimos estudos e do presente estudo indicam, a existência de sentimentos positivos em relação à etnia de pertença parece ser relevante para a auto-estima dos sujeitos. Contudo, este componente da identidade étnica, por si só, não parece ser determinante na aquisição de competências que permitam lidar com situações de discriminação étnica (Umaña-Taylor et al., 2008; Umaña-Taylor et al., 2009). Tal como sugerem Umaña-Taylor e colaboradores (2008), a exploração da própria etnicidade e a consequente aquisição de mais conhecimentos relativamente a esse domínio das suas vidas, pode fazer com que os jovens se sintam mais seguros em relação à sua pertença étnica, o que por sua vez, é susceptível de contribuir para o desenvolvimento de um conjunto de habilidades que permitam lidar com factores de stress associados às relações interculturais, nomeadamente com situações de discriminação. De modo análogo ao desenvolvimento da identidade pessoal global, também a construção de uma identidade étnica segura só parece ser possível se os sujeitos se envolverem activamente num processo de exploração sobre a sua etnicidade (Phinney, 1989; 1992). Mais do que a resolução e a exploração em separado, parece ser a conjugação destes dois mecanismos que contribui quer para o bem-estar psicológico, quer para um contacto inter-cultural positivo. Seguindo esta linha de pensamento, parece possível que, ao compreenderem melhor a própria etnicidade (resolução precedida de exploração) os adolescentes não interiorizem as imagens negativas existentes acerca do seu grupo étnico, pois vão perceber que essas características não se encontram presentes em todos os membros do seu grupo, conseguindo-se distanciar desses aspectos, valorizando elementos positivos, podendo inclusivamente, como sugerem French e colaboradores (2006), a identidade étnica constituir uma forma de criatividade social. Talvez ao alcançar um entendimento mais alargado da própria etnicidade e também da

dos outros, consigam compreender que nem todos os membros do grupo socialmente dominante têm comportamentos discriminatórios, percebendo menos discriminação étnica. E ainda que percepcionem um grau elevado de discriminação étnica, possivelmente adoptam estratégias pró-activas para lidar de modo eficaz com essas situações, não deixando que estas afectem os seus sentimentos de valoração pessoal.

A identidade étnica parece contribuir igualmente para o surgimento de relações interculturais positivas, particularmente nos jovens das etnias minoritárias, ao estimular o desenvolvimento de uma orientação favorável ao contacto com os membros dos *out-groups*. Já Marcia (1980) havia destacado a importância de desenvolver uma estrutura identitária coesa e segura, como ponto de partida para o sujeito explorar o mundo que o rodeia, pois “uma estrutura de identidade bem desenvolvida (...) é flexível. Está aberta a mudanças na sociedade e a mudanças nas relações” (Marcia, 1980, p. 160). Sob este ponto de vista, podemos considerar que a identidade étnica pode constituir um suporte fundamental que, ao contribuir para que o sujeito consiga compreender e enquadrar as suas diferentes experiências enquanto membro do grupo étnico ao qual pertence, vai potenciar o surgimento de atitudes de maior abertura e flexibilidade perante os sujeitos dos *out-groups*, o que por sua vez, parece contribuir para a emergência de atitudes positivas face a esses mesmos grupos (Phinney, 2004; Phinney et al., 2007). Não obstante, os resultados deste estudo e de outros (e.g., French e tal., 2006; Pahl & Way, 2006; Phinney, 1992; Umaña-Taylor, 2004; Umaña-Taylor & Shin, 2007) alertam-nos para a necessidade de contemplar os factores contextuais sempre que queremos estudar a identidade étnica e o modo como esta se associa a outras variáveis. De facto, neste estudo, talvez pelo facto de se encontrarem em contextos com bastante diversidade étnica, também se registaram relações significativas entre os níveis de identidade étnica dos jovens da etnia portuguesa e outras variáveis, nomeadamente a orientação para os *out-groups*. A terminar, os resultados desta investigação mostram a importância de estudar as dimensões da identidade étnica em separado.

Relativamente às limitações deste estudo, salientamos o seu carácter correlacional, e o facto de as variáveis em estudo terem sido mensuradas num único momento temporal, o que nos impede de estabelecer relações causais. Outra limitação importante é o número de participantes, que embora seja considerável, depois de dividirmos os alunos pelos grupos – particularmente quando sub-dividimos o grupo das etnias minoritárias em três grupos de etnias –, ficamos com grupos muito pequenos, registando-se ainda uma diferença considerável na dimensão numérica do grupo da etnia portuguesa e do grupo das etnias minoritárias (sendo

esta diferença ainda mais acentuada quando comparamos o grupo da etnia portuguesa com cada um dos três grupos das etnias minoritárias). Este aspecto pode, como referimos, em alguns casos, ter contribuído para a não verificação de correlações estatisticamente significativas entre as variáveis. Destacamos ainda o facto de termos poucos jovens que tenham nascido fora de Portugal, o que nos impossibilitou de criar grupos de alunos com base na geração de imigração, como inicialmente pretendíamos, uma vez que a saliência da etnicidade parece variar em função da geração de imigração (Umaña-Taylor et al., 2009). Também o facto de termos agrupado alunos pertencentes a etnias diferentes num mesmo grupo (outras etnias) constitui uma limitação importante. A utilização exclusiva de instrumentos auto-referentes constitui outra limitação deste estudo, podendo colocar-se a questão da existência de um enviesamento dos resultados.

Como propostas para investigações futuras sugerimos, em primeiro lugar, a realização de estudos de carácter qualitativo com adolescentes de diversas faixas etárias com o objectivo de clarificar o processo de desenvolvimento da identidade étnica, o que permitirá, posteriormente, construir instrumentos que captem os aspectos nucleares desse percurso. Neste contexto, salienta-se também a realização de estudos longitudinais, que acompanhem as trajectórias de desenvolvimento da identidade étnica ao longo do período da adolescência e do início da idade adulta. Seria interessante realizar este tipo de estudos em períodos em que os jovens realizam importantes transições nas suas vidas, pois como vimos, estes aspectos parecem ter um impacto no desenvolvimento da identidade étnica (French e tal., 2006). Podíamos também agrupar os jovens com base nos seus níveis médios de identidade de étnica global, tal como acontece num estudo de Huang e Stormshak (2011). Para além disso, parece relevante construir esses grupos com base nos níveis obtidos pelos sujeitos nas diferentes dimensões da identidade étnica, averiguando o modo como estas diferentes grupos se relacionam com indicadores de ajustamento psicossocial. Por outro lado, tal como Quintana (2007) refere, é importante continuar a investigar possíveis variáveis que, associadas à identidade étnica, promovam o seu desenvolvimento. Tendo em conta que a importância que a etnicidade adquire na vida dos indivíduos está relacionada com os contextos sociais onde estes se encontram, sugerimos que se realizem investigações em contextos escolares em que a etnia socialmente maioritária esteja em minoria. Por último, salientamos a necessidade de continuar a investigar possíveis variáveis que se assumem como moderadores e/ou mediadores da relação entre a identidade étnica e indicadores de ajustamento psicossocial.

Referências bibliográficas

- Alfaro, E., Umaña-Taylor, A., Gonzales-Backen, M., Bámaca, M., & Zeiders, K. (2009). Latino adolescents' academic success: the role of discrimination, academic motivation, and gender. *Journal of Adolescence*, 32, 941-962. doi: 10.1016/j.adolescence.2008.08.007
- Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Almeida, A. (2008). Identidade étnica, auto-estima e autoconceito em adolescents. Tese de Mestrado não publicada. ISPA-IU, Lisboa.
- Berry, J., Phinney, J., Sam, D., & Vedder, P. (2006). Immigrant youth: acculturation, identity, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 55 (3), 303-332.
- Bracey, J., Bámaca, M., & Umaña-Taylor, A. (2004). Examining ethnic identity and self-esteem among biracial and monoracial adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33 (2), 123-132. doi: 0047-2891/04/0400-0123/0
- Brody, G., Chen, Y., Murry, V., Ge, X., Simons, R., Gibbons, F., Gerrard, M., & Cultrona, C. (2006). Perceived discrimination and the adjustment of African American youths: a five-year longitudinal analysis with contextual moderation effects. *Child Development*, 77 (5), 1170-1189. doi: 0009-3920/2006/7705-0005
- Brown, C., & Bigler, R. (2005). Children's perceptions of discrimination: a developmental model. *Child Development*, 76 (3), 533-553. doi: 0009-3920/2005/7603-0001
- Coll, C., Crnic, K., Lamberty, G., Wasik, B., Jenkins, R., & Garcia, H. (1996). An integrative model for the study of developmental competencies in minority children. *Child Development*, 67, 1891-1914.
- Costa, M. (1991). Desenvolvimento da identidade em contexto escolar. In B. P. Campos, *Educação e desenvolvimento pessoal e social* (pp. 143-173). Porto: Edições Afrontamento.
- Crocker, J., & Major, B. (1989). Social stigma and self-esteem: The self-protective properties of stigma. *Psychological Review*, 96, 603-630. doi: 10.1037/0033-295X.96.4.608

- Delgado, M., Updegraff, K., Roosa, M., & Umaña-Taylor (2011). Discrimination and Mexican-origin adolescents' adjustment: the moderating roles of adolescents' mothers, and fathers' cultural orientations values. *Journal of Youth Adolescence*, 40, 125-139. doi: 10.1007/s10964-009-9467-z
- Eccles, J., Wong, C., & Peck, S. (2006). Ethnicity as a social context for the development of African-American adolescents. *Journal of School Psychology*, 44, 407-426. doi:10.1016/j.jsp.2006.04.001
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Fisher, C., Wallace, S., & Fenton, R. (2000). Discrimination distress during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 29 (6), 679-695. doi: 10.1023/A:1026455906512
- French, S., Seidman, E., Allen, L., & Aber, J. (2006). The development of ethnic identity during adolescence. *Developmental Psychology*, 42 (1), 1-10. doi: 10.1037/0012-1649.42.1.1
- Fuligni, A., Witkow, M., & Garcia, C. (2005). Ethnic identity and the academic adjustment of adolescence from Mexican, Chinese, and European backgrounds. *Development Psychology*, 41 (5), 799-811. doi: 10.1037/0012-1649.41.5.799
- Greene, M., Way, N., & Pahl, K. (2006). Trajectories of perceived adult and peer discrimination among Black, Latino, and Asian American adolescents: patterns and psychological correlates. *Developmental Psychology*, 42 (2), 218-238. doi: 10.1037/0012-1649.42.2.218
- Grossman, J., & Liang, B. (2008). Discrimination distress among Chinese American adolescents. *Journal of Youth Adolescence*, 37, 1-11. doi: 10.1007/s10964-007-92151
- Holcomb-McCoy, C. (2005). Ethnic identity development in early adolescence: Implications and recommendations for middle school counsellors. *Professional School Counseling*, 9 (2), 1-12.
- Huang, C., & Stormshak, E. (2011). A longitudinal examination of early adolescence ethnic identity trajectories. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 17 (3), 261-270. doi: 10.1037/a0023882

- Huynh, V., & Fuligni, A. (2010). Discrimination hurts: the academic, psychological, and physical well-being of adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 20 (4), 916-941. doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00670.x
- Kiang, L., Yip, T., Gonzales-Backen, M., & Fuligni, A. (2006). Ethnic identity and the daily psychological well-being of adolescents from Mexican and Chinese backgrounds. *Child Development*, 1 (5), 1338-1350. doi: 0009-3920/2006/7705-0016
- Lee, R. (2003). Do ethnic identity and other-group orientation protect against discrimination for Asian-Americans? *Journal of Counseling Psychology*. 50 (2), 133-141. doi: 10.1037.0022-0167.50.2.133
- Lee, R. (2005). Resilience against discrimination: ethnic identity and other-group orientation as protective factors for Korean Americans. *Journal of Counseling Psychology*, 52 (1), 36-44. doi: 10.1037/0022-0167.52.1.36
- Marcia, J. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3 (5), 551-558. doi: 10.1037/40023281
- Marcia, J. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp.159-187). New York: Wiley.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Martinez, R., & Dukes, R. (1997). The effects of ethnic identity, ethnicity, and gender on adolescent well-being. *Journal of Youth and Adolescence*, 26 (5), 503-516. doi: 10.1023/A:1024525821078
- Neto, F. (2010). *Portugal Intercultural: aculturação e adaptação de jovens de origem imigrante*. Porto: Legis Editora.
- Ong, A., Fuller-Rowell, T., & Phinney, J. (2010). Measurement of ethnic identity: recurrent and emergent issues. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 10, 39-49. doi: 10.1080/15283481003676226
- Pahl, K., & Way, N. (2006). Longitudinal trajectories of ethnic identity among urban Black and Latino adolescents. *Child Development*, 77 (5), 1403-1415. doi: 0009-3920/2006/7705-0021

- Peixoto, F. (2003). Auto-estima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Peixoto, F. & Almeida, L. (1999). Escala de auto-conceito e auto-estima. In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caíres (Org.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (vol.VI) (pp. 632-640). Braga: APPORT.
- Phinney, J. (1989). Stages of ethnic identity in minority group adolescents. *The Journal of Early Adolescence*, 9, 34-49. doi: 10.1177/0272431689091004
- Phinney, J. (1990). Ethnic identity in adolescence and adulthood: A review of research. *Psychological Bulletin*, 108, 499-514.
- Phinney, J. (1992). The Multigroup Ethnic Measure. *Journal of Adolescent Research*, 7 (2), 156-176.
- Phinney, J. (1996a). When we talk about ethnic American groups, what do we mean? *American Psychologist*, 51(9), 918-927. doi: 10.1037//0003-066X.51.9.918
- Phinney, J. (1996b). Understanding ethnic diversity: the role of ethnic identity. *American Behavioral Scientist*, 40, 143-152. doi: 10.1177/0002764296040002005
- Phinney, J. (2004). *Ethnic identity: Development and contextual perspectives*. Comunicação apresentada no Congresso Culture & Diversity in Psychology and Education. Disponível em: <http://.nd.edu/~mri/ccd/2004/abstract/phinney.pdf>
- Phinney, J. (2010). Understanding development in cultural contexts: how do we deal with complexity? *Human Development*, 53, 33-38. doi: 10.1159/000268138
- Phinney, J., & Alipuria, L. (1990). Ethnic identity in college students from four ethnic groups. *Journal of Adolescence Research*, 7, 156-176. doi: 10.1016/0140-1971(90)90006-S
- Phinney, J., Cantu, C., & Kurtz, D. (1997a). Ethnic and American identity as predictors of self-esteem among African American, Latino, and White adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 26, 165-185. doi: 1023/A:1024500514834

- Phinney, J., & Chavira, V. (1992a). Ethnic identity and self-esteem: an exploratory longitudinal study. *Journal of Adolescence*, 15 (3), 271-281. doi: 10.1016/0140-1971(92)90030_9
- Phinney, J., & Chavira, V. (1995). Parental ethnic socialization and adolescent coping with problems related to ethnicity. *Journal of Research on Adolescence*, 5, 31-53. doi: 10.1207/s15327795jra0501_2
- Phinney, J., Chavira, V., & Tate, J. (1992b). The effect of ethnic threat on ethnic self-concept and own group ratings. *The Journal of Social Psychology*, 133 (4), 469-478. doi: 10.1080/002245451993.9712171
- Phinney, J., Chavira, V., & Williamson, L. (1992). Acculturation attitudes and self-esteem among high school and college students. *Youth Society*, 23 (3), 299-312. doi: 10.1177/0044118x92023003002
- Phinney, J. & Devich-Navarro, M. (1997). Variations in bicultural identification among African American and Mexican American adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 7 (1), 3-32. doi: 10.1207/s15327795jra0701_2
- Phinney, J., Ferguson, D., & Tate, J. (1997b). Intergroup attitudes among ethnic minority adolescents: a causal model. *Child Development*, 68 (5), 955-969. 10.2307/1132044
- Phinney, J., Jacoby, B., & Silva, C. (2007). Positive intergroup attitudes: the role of ethnic identity. *International Journal of Behavioral Development*, 31 (5), 478-490. doi: 10.1177/0165025407081466
- Phinney, J., & Ong, A. (2007). Conceptualization and Measurement of Ethnic Identity: Current Status and Future Directions. *Journal of Counseling Psychology*, 54(3), 271-281. doi: 10.1037/0022-0167.54.3.271
- Phinney, J. & Traver, S. (1988). Ethnic identity search and commitment in Black and White eighth graders. *Journal of Early Adolescence*, 8, 265-277. doi: 10.1177/0272431688083004
- Quintana, S. (1998). Children's developmental understanding of ethnicity and race. *Applied & Preventive Psychology*, 7, 27-45. doi: 10.1016/S0962-1849(98)80020-6

- Quintana, S. (2007). Racial and ethnic identity: development perspectives and research. *Journal of Counseling Psychology, 54* (3), 259-270. doi: 10.1037/0022-0167.54.3.259
- Quintana, S., Castaneda-English, P., & Ybarra, V. (1999). Role of perspective-taking abilities and ethnic socialization in development of adolescent ethnic identity. *Journal of Research on Adolescence, 9*, 161-184. doi: 10.1207/s15327795jr0902_3
- Rivas-Drake, D., Hughes, D., & Way, N. (2008). A closer look at peer discrimination, ethnic identity, and psychological well-being among urban Chinese American sixth graders. *Journal of Youth Adolescence, 37*, 12-21. doi: 10.1007/s10964-007-9227-x
- Roberts, R., Phinney, J., Mase, L., Chen, R., Roberts, C., & Romero, A. (1999). The structure of ethnic identity of young adolescents from diverse ethnocultural groups. *Journal of Early Adolescence, 19*, 301-322. doi: 10.1177/0272431699019003001
- Romero, A., & Roberts, R. (1998). Perception of discrimination and ethnocultural variables in a diverse group of adolescents. *Journal of Adolescence, 21*, 641-656. doi:10.1006/jado.1998.0185
- Romero, A., & Roberts (2003). Stress within a bicultural context for adolescents of Mexican descent. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology, 9* (2), 171-184. doi: 10.1037/1099-9809.2.171
- Rosenbloom, S., & Way, N. (2004). Experiences of discrimination among African American, Asian American, and Latino adolescents in an urban high school. *Youth & Society, 35* (4), 420-451. doi: 10.1177/0044118X03261479
- Seaton, E. (2010). The influence of cognitive development and perceived racial discrimination on the psychological well-being of African American youth. *Journal of Youth Adolescence, 39*, 694-703. doi: 10.1007/s10964-009-9438-4
- Sellers, R., & Shelton, N. (2003). The role of racial identity in perceived racial discrimination. *Journal of Personality and Social Psychology, 84* (5), 1079-1092. doi: 10.1037/0022-3514.84.5.1079
- Smith, T. & Silva, L. (2011). Ethnic identity and personal well-being of people of color: a meta-analysis. *Journal of Counseling Psychology, 58* (1), 42-60. doi: 10.1037/a0021528

- Spencer, M. & Markstrom-Adams, C. (1990). Identity processes among racial and ethnic minority children in America. *Child Development*, 61, 290-310. doi: 10.2307/1131095
- Stone, S., e Han, M. (2005). Perceived school environments, perceived discrimination, and school performance among children of Mexican immigrants. *Children and Youth Services Review*. 27, 51-66. doi: 10.180/15283480701326117
- Syed, M. Azmitia, M. & Phinney, J. (2007). Stability and change in ethnic identity among Latino emerging adults in two contexts. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 7 (2), 155-178.
- Syed, M., Walker, L., Lee, R., Umaña-Taylor, A., Zamboanga, B., Schwartz, S., Armenta, B., Huynh, Q. (2012). A Two-factor model of ethnic identity exploration: implications for identity coherence and well-being. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*. doi: 10.1037/a0030564
- Szalacha, L., Erkut, S., Coll, C., Alarcon, O., Field, J., & Ceder, I. (2003). Discrimination and Puerto Rican Children's and adolescents' mental health. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 9 (2), 141-155. doi: 10.1037/1099-9809.9.2.141
- Trimble, J., & Dickson, R. (2005). Ethnic identity. In C. B. Fisher & R. M. Lerner (Eds.), *Encyclopedia of Applied Development Science* (pp.415-420). Thousand Oaks: Sage. Disponível em: http://www.ac.wvu.edu/trimble/ethnicity_identity.htm.
- Umaña-Taylor, A. (2004). Ethnic identity and self-esteem: examining the role of social context. *Journal of Adolescence*, 27, 139-146. doi: 10.1016/j.adolescence.2003.11.006
- Umaña-Taylor, A. (2011). Ethnic identity. In Schwartz et al. (eds.), *Handbook of Identity Theory and Research* (pp.791-809). Springer Science+Business Media. doi: 10.1007/978-1-4419-7988-9_33
- Umaña-Taylor, A., Diversi, M., & Fine, M. (2002). Ethnic identity and self-esteem among Latino adolescents: Distinctions among the Latino populations. *Journal of Adolescence Research*, 17, 303-327. doi: 10.1177/0743558402173005
- Umaña-Taylor, A., Garcia, C., & Gonzales-Backen, M. (2008). A longitudinal examination of Latino adolescents' ethnic identity, coping with discrimination, and self-esteem. *Journal of Early Adolescence*, 28, 16-50. doi: 10.1177/0272431607308666

- Umaña-Taylor, A., Gonzales-Backen, M. & Guimond, A. (2009). Latino adolescents' ethnic identity: is there a development progression and does growth in ethnic identity predict growth in self-esteem? *Child Development*, 80 (2), 391-405. doi: 0009-3920/2009/8002-0007
- Umaña-Taylor, A., & Shin, N. (2007). An examination of ethnic identity and self-esteem with diverse populations: exploring variation by ethnicity and geography. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 13 (2), 178-186. doi: 10.1037/1099-9809.13.2.178
- Umaña-Taylor, A. & Updegraff, K. (2007). Latino adolescents' mental health: Exploring the interrelations among discrimination, ethnic identity, cultural orientation, self-esteem, and depressive symptoms. *Journal of Adolescence*, 30, 549-567. doi: 10.1016/j.adolescence.2006.08.002
- Umaña-Taylor, A., Wong, J., Gonzales, N., & Dumka, L., (*in press*). Ethnic identity and gender as moderators of the association between discrimination and academic adjustment among Mexican-origin adolescents. *Journal of Adolescence* 1-14. doi:10.1016/j.adolescence.2011.11.003
- Umaña-Taylor, A., Yazedjian, A., & Bámaca-Gómez, M. (2004). Developing the ethnic identity scale using eriksian and social identity perspectives. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 4 (1), 9-38. doi: 10.1207/s1532706XID0401_2
- Verkuyten, M. (1995). Self-esteem, self-concept stability, and aspects of ethnic identity among minority and majority youth in the Netherlands. *Journal of Youth and Adolescence*, 24 (2), 155-175. doi: 10.1007/BF01537147
- Wong, C., Eccles, J., & Sameroff, A. (2003). The influence of ethnic discrimination and ethnic identification on African American adolescents' school and socioemotional adjustment. *Journal of Personality*, 71 (6), 1197-1232. doi: 10.1111/1467-6494.7106012
- Worrell, F. (2007). Ethnic identity, academic achievement, and global self-concept in four groups of academically talented adolescents. *Gifted Child Quarterly*, 51 (1), 23-38. doi: 10.1177/0016986206296655

- Worrell, F., & Gardner-Kitt, D. (2006). The relationship between racial and ethnic identity in black adolescents: the cross racial identity scale and the multigroup ethnic identity measure. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 6 (4), 293-315. doi: 10.1207/s1532706x1d0604_1
- Zagefka, H., & Brown, R. (2002). The relationship between acculturation strategies, relative fit and intergroup relations: immigrant-majority relations in Germany. *European Journal of Social Psychology*, 32, 171-188. doi: 10.1002/ejsp.73
- Zimmerman, M., Copeland, L., Shope, J., & Dielman, T. (1997). A longitudinal study of self-esteem: implications for adolescent development. *Journal of Youth and Adolescence*, 26 (2), 117-141. 10.1023/A:1024596313925

ANEXOS

Anexo A

Dados Biográficos

Género: Masculino ☐ Feminino ☐

Ano de Escolaridade: _____

Local de nascimento: _____ Idade: _____

Língua falada em casa: _____

Profissão da mãe: _____ Até que ano estudou a tua mãe? _____

Profissão do pai: _____ Até que ano estudou o teu pai?: _____

Nacionalidade da mãe: _____ Nacionalidade do pai: _____

Nacionalidade da avó materna: _____ Nacionalidade do avô materno: _____

Nacionalidade da avó paterna: _____ Nacionalidade do avô paterno: _____

No terceiro período do ano lectivo passado, que notas tiveste? E este ano, no segundo período, que notas tiveste? Escreve as notas que tiveste.

Disciplina	Nota 3.º período (ano passado)	Disciplina	Nota do 2.º período (este ano)
Língua portuguesa		Língua Portuguesa	
Inglês		Inglês	
História		História	
Matemática		Matemática	
Ciências Naturais		Ciências Naturais	
Educação Física		Educação Física	

Já repetiste algum ano? Sim ☐ Não ☐ Se sim, quantas vezes? _____

Anexo B

Escala de Autoconceito e Auto-estima

COMO É QUE EU SOU?

		Exactamente como eu	Como eu	Dife- rente de mim	Comple- tamente diferente de mim
a)	Alguns jovens gostam de ir ao cinema nos tempos livres.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	Alguns jovens são rápidos a fazer o seu trabalho escolar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Alguns jovens acham muito difícil fazer amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Alguns jovens são muito bons a praticar qualquer tipo de desporto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Alguns jovens não se sentem muito satisfeitos com a sua aparência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Alguns jovens conseguem, facilmente, namorar com as pessoas por quem se apaixonam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Alguns jovens arranjam complicações pela forma como se comportam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Alguns jovens têm um amigo especial em quem podem confiar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Alguns jovens acham que têm dificuldade na expressão escrita e oral.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Alguns jovens têm dificuldades na resolução de exercícios matemáticos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Alguns jovens ficam muitas vezes desiludidos consigo próprios.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Alguns jovens não conseguem obter bons resultados nos testes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Alguns jovens têm muitos amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Alguns jovens, pensam que poderiam desempenhar bem qualquer actividade desportiva, que fizessem pela 1ª vez.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Alguns jovens gostariam que o seu corpo fosse diferente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Alguns jovens acham que as pessoas da sua idade se apaixonariam, por eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Alguns jovens fazem, geralmente, o que está certo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Alguns jovens têm um amigo especial com quem podem partilhar os seus segredos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Alguns jovens conseguem expressar-se muito bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Alguns jovens conseguem resolver problemas de Matemática muito rapidamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Alguns jovens não gostam do modo como estão a encaminhar a sua vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Alguns jovens têm dificuldade em responder às questões que os professores colocam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Alguns jovens, têm dificuldade em que os outros gostem deles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Exactamente como eu	Como eu	Diferente de mim	Completamente diferente de mim
23	Alguns jovens acham que são melhores a praticar desporto do que os outros jovens da sua idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	Alguns jovens gostariam que a sua aparência física fosse diferente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	Alguns jovens têm dificuldade em ser bem aceites pelas pessoas por quem se apaixonam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	Alguns jovens, frequentemente, arranjam problemas com aquilo que fazem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Alguns jovens não têm um amigo especial para partilhar coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	Alguns jovens têm grande facilidade em escrever.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	Alguns jovens acham que são bons alunos a Matemática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30	Alguns jovens, a maior parte das vezes, estão satisfeitos consigo próprios.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31	Alguns jovens percebem tudo o que os professores ensinam nas aulas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32	Alguns jovens são muito bem aceites pelos colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33	Alguns jovens não são muito bons em jogos ao ar livre.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34	Alguns jovens, acham que são bonitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35	Alguns jovens acham que são interessantes e divertidos nos seus encontros com elementos do sexo oposto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36	Alguns jovens, normalmente, comportam-se correctamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37	Alguns jovens têm um amigo especial a quem podem fazer confidências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38	Alguns jovens têm boas notas a Português.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39	Alguns jovens têm dificuldades na resolução de problemas matemáticos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40	Alguns jovens gostam do tipo de pessoa que são.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41	Alguns jovens não conseguem perceber as matérias escolares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42	Alguns jovens, acham que são bem aceites pelas pessoas da sua idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43	Alguns jovens sentem que não são muito atléticos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44	Alguns jovens, gostam mesmo do seu aspecto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45	Alguns jovens têm dificuldade em fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46	Alguns jovens, sentem-se muito bem com a maneira como se comportam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Exacta- mente como eu	Como eu	Dife- rente de mim	Comple- tamente diferente de mim
47	Alguns jovens, não têm um amigo especial para partilhar pensamentos e sentimentos muito pessoais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48	Alguns jovens acham que não são bons alunos a Português.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49	Alguns jovens acham que não têm boas notas a Matemática.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50	Alguns jovens estão satisfeitos com a sua maneira de ser.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
51	Alguns jovens têm dificuldade em conquistar as pessoas por quem se apaixonam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52	Alguns jovens não gostam da sua aparência física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53	Alguns jovens têm sentimentos negativos em relação a si próprios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Exactamente como eu	Como eu	Dife- rente de mim	Comple- tamente diferente de mim
1	Alguns jovens acham importante ser bom aluno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Alguns jovens pensam que não é importante ser bem aceite pelos colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Alguns jovens acham que é importante serem bons em desporto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Alguns jovens acham que a sua aparência física não tem muita importância.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Alguns jovens acham importante ser capaz de fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Alguns jovens acham que não é assim tão importante fazerem as coisas que estão certas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Alguns jovens não acham importante ter um amigo especial, com quem possam conversar dos seus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Português.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Matemática.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Alguns jovens não acham importante ter bons resultados na escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Alguns jovens acham importante que os colegas gostem deles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Alguns jovens acham que não é importante ser bom em actividades desportivas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Alguns jovens acham que o seu aspecto físico é importante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Alguns jovens não acham importante conseguir conquistar as pessoas por quem se apaixonam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Alguns jovens acham que é importante comportarem-se correctamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Alguns jovens acham que é importante ter um amigo especial em quem possam confiar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Português.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Matemática.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo C

Escala de Identidade Étnica e Escala de Orientação para os Outros Grupos

Eu e a minha etnia

“Em Portugal, existem pessoas de culturas diferentes, existindo muitas etnias. Uma etnia é um conjunto de tradições, crenças e comportamentos passados através das gerações. Alguns exemplos de etnias são: Espanhola, São-tomense, Timorense, Mexicana, Brasileira, Chinesa, Cubana, Romena, Cabo-verdiana, Espanhola, Guineense, Chinesa, Angolana, Italiana, Moçambicana, Ucraniana, entre outras. Algumas pessoas podem identificar-se com mais do que uma etnia.”

Escolhe entre as várias etnias que se apresentam a seguir, aquela (ou aquelas) à qual (ou às quais) consideras que pertences. Assinala com um **X** a (ou as) etnia (s) que pretendes seleccionar.

Negra	<input type="checkbox"/>	Cabo-verdiana	<input type="checkbox"/>	Asiática	<input type="checkbox"/>	Angolana	<input type="checkbox"/>
Africana	<input type="checkbox"/>	Brasileira	<input type="checkbox"/>	Luso-Angolana	<input type="checkbox"/>	Luso-Africana	<input type="checkbox"/>
Inglesa	<input type="checkbox"/>	Moçambicana	<input type="checkbox"/>	Guineense	<input type="checkbox"/>	Branca	<input type="checkbox"/>
Luso-cabo-verdiana	<input type="checkbox"/>	Portuguesa	<input type="checkbox"/>	Latina	<input type="checkbox"/>	Espanhola	<input type="checkbox"/>
Americana	<input type="checkbox"/>	Luso-brasileiro	<input type="checkbox"/>	Europeia	<input type="checkbox"/>	Paquistanesa	<input type="checkbox"/>
São-tomense	<input type="checkbox"/>	Japonesa	<input type="checkbox"/>	Luso-romena	<input type="checkbox"/>	Indiana	<input type="checkbox"/>
Luso-francesa	<input type="checkbox"/>	Ucraniana	<input type="checkbox"/>	Venezuelana	<input type="checkbox"/>	Luso-santomense	<input type="checkbox"/>
Alemã	<input type="checkbox"/>	Luso-espanhola	<input type="checkbox"/>	Romena	<input type="checkbox"/>	Chinesa	<input type="checkbox"/>
Luso-guineense	<input type="checkbox"/>	Timorense	<input type="checkbox"/>	Senegaleza	<input type="checkbox"/>	Moldava	<input type="checkbox"/>
Luso-moçambicana	<input type="checkbox"/>	Russa	<input type="checkbox"/>	Luso-timorense	<input type="checkbox"/>	Luso-indiana	<input type="checkbox"/>
Luso-paquistanesa	<input type="checkbox"/>	Luso-americano	<input type="checkbox"/>	Hispânica	<input type="checkbox"/>	Muçulmana	<input type="checkbox"/>

Se te identificares com alguma etnia que não aparece na lista acima apresentada, escreve, por favor, o nome dessa (s) etnia (s) aqui

_____.

Indica, por favor qual a (s) etnia (s) com que pensas que a tua mãe mais se identifica _____ . E o teu pai, qual a (s) etnia (s) com que pensas que mais se identifica? _____ .

Quando responderes às perguntas, pedimos-te que penses sempre na etnia com que mais te identificas. Por favor, escreve qual consideras ser essa etnia aqui _____ e responde às perguntas referindo-te à etnia que escolheste e escreveste acima.

Para cada frase da página seguinte, assinala com uma **X** em que grau a frase te descreve. Ou seja, se a frase não te descreve nada bem, se te descreve pouco, se te descreve bem ou se te descreve muito bem.

Peço-te que preenchas o questionário com muita atenção e cuidado. É garantida a confidencialidade dos dados.

Agradeço a tua colaboração neste estudo.

Não te esqueças que só deves pôr uma X por cada frase!

	Não me descreve nada bem	Descreve-me um pouco	Descreve-me bem	Descreve-me muito bem
1. Os meus sentimentos face à minha etnia são maioritariamente positivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não participei em actividades que me permitissem conhecer melhor a minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não costumo tentar ser amigo (a) de pessoas de outras etnias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Experimentei coisas que reflectem a minha etnia, tal como a comida típica, a música e os filmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Assisti a eventos que me ajudaram a conhecer melhor a minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Sinto uma ligação forte à minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Costumo estar com pessoas que pertencem a etnias diferentes da minha.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Participei em actividades que me permitiram contactar com a minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Quem me dera ser de outra etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Às vezes sinto que seria melhor que as pessoas de diferentes etnias não tentassem juntar-se.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Estou seguro (a) daquilo que a minha etnia significa para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Não me descreve nada bem	Descreve-me um pouco	Descreve-me bem	Descreve-me muito bem

	Não me descreve nada bem	Descreve-me um pouco	Descreve-me bem	Descreve-me muito bem
12. Aprendi acerca da minha etnia através de actividades como: ler, procurar na internet, ou estar a par dos acontecimentos do dia-a-dia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Gosto de conhecer e de conviver com pessoas que pertençam a etnias diferentes da minha.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Sinto-me contente por pertencer à minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Compreendo bem o que a pertença à minha etnia significa para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Participei em actividades que me ensinaram acerca da minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Gosto de estar com pessoas que pertençam a etnias diferentes da minha.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Tenho uma noção clara da minha herança cultural e étnica e do que isso significa para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sei o que sinto relativamente à minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Sinto-me bem acerca da minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Costumo envolver-me em actividades com pessoas de outras etnias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Li livros/revistas/jornais ou outros materiais que me permitiram conhecer melhor a minha etnia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Sinto-me bem relativamente à minha herança cultural e étnica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Não me descreve nada bem	Descreve-me um pouco	Descreve-me bem	Descreve-me muito bem

Anexo D

Relatório do Pré-teste

Escala de Identidade Étnica (Umaña-Taylor et al., 2004)

Após a realização de algumas alterações na formulação dos itens da Escala de Identidade Étnica (Umaña-Taylor et al., 2004), nomeadamente nos itens da sub-escala de afirmação, que como referimos, se encontravam todos formulados na negativa, realizámos uma reflexão falada da escala, junto de 10 jovens do 3º ciclo do ensino Básico, de diferentes origens étnicas – cabo-verdianos, angolanos e portugueses. Esta reflexão foi efectuada em grupo, os jovens sugeriram algumas alterações relativamente ao modo como os itens se encontravam formulados. O significado de cada um dos itens da escala foi discutido em grupo. Com base nas informações obtidas, reformularam-se alguns itens de modo a facilitar a compreensão dos mesmos.

Escala de Discriminação Étnica Percepcionada

Relativamente à Escala de Discriminação Étnica Percepcionada, começámos por questionar os adolescentes acerca de possíveis situações de discriminação étnica que tivessem vivenciado. Realizámos uma discussão colectiva, durante a qual tentámos perceber quais as situações de discriminação que estes jovens percepcionavam com maior frequência. Posteriormente, apresentámos aos jovens um conjunto de 32 itens que remetia para vivências de discriminação étnica, realizando-se uma discussão acerca destas experiências, tentando perceber quais as que apresentavam maior relevância na vida destes jovens. Deste modo, seleccionaram-se os 20 itens que constituem a Escala de Discriminação Étnica Percepcionada, a partir da lista dos 32 itens iniciais, e das sugestões dos jovens. Numa fase posterior, reunimos novamente com os mesmos adolescentes, pedindo-lhes que explicassem o significado dos 20 itens finais, o que nos permitiu realizar ainda algumas alterações no modo como os itens estavam enunciados, com o intuito de facilitar a compreensão dos mesmos.

Anexo E

Escala de Discriminação Étnica Percepcionada “*Os Outros face à minha Etnia*”

Os Outros face a minha Etnia

Quando pessoas de diferentes origens estão juntas, podemos por vezes sentir-nos tratados de modo injusto. As seguintes questões relacionam-se com este tipo de experiências. Para cada frase da página seguinte, assinala com uma X em que grau concordas com a frase. Ou seja, se estas totalmente de acordo (“*concordo totalmente*”), se estás de acordo (“*concordo*”), se não concordas nem discordas (“*nem concordo nem discordo*”), se não concordas (“*discordo*”) ou se não concordas mesmo nada com a afirmação (“*discordo totalmente*”).

Já sabes que não existem respostas certas nem erradas, apenas se pretende que digas aquilo que pensas e sentes relativamente a cada uma das afirmações que se seguem. As tuas respostas são confidenciais.

Não te esqueças que só deves pôr uma X por cada frase!

	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
1. Penso que tive uma nota mais baixa do que merecia só por causa do grupo étnico a que pertenço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Fui gozado (a) ou ameaçado (a) pelos meus colegas por causa do meu meio de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sinto que só por causa do meu grupo étnico, tenho de me esforçar mais do que os meus colegas, para que os professores gostem de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sinto que alguns colegas meus me chamam nomes ou me insultam por causa do meu meio de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto que alguns professores pensam que não consigo fazer os trabalhos da escola tão bem como outros jovens da minha idade, por causa do meu meio de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os meus colegas não me deixam participar nalguns jogos ou actividades só por causa do meu meio de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sinto que alguns professores me castigam mais a mim do que a alguns dos meus colegas, só por causa do grupo étnico a que pertenço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Os meus colegas convidam-me poucas vezes para sair com eles por causa da etnia a que pertenço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sinto que mesmo que me porte bem na sala de aula, os meus professores continuam a pensar que arranjo sempre confusões, só por causa do grupo étnico a que pertenço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Sinto que alguns colegas meus pensam que eu posso não ser bom nalgum desporto por causa do grupo étnico a que pertenço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente

	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
11. Sinto que só por causa do meu meio de origem étnico, os meus professores preocupam-se pouco comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sinto que os meus professores não querem saber se eu aprendo ou não, só por causa do grupo étnico a que pertença.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Sinto que os meus colegas me aceitam pouco como eu sou por causa do meu grupo de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Sinto que alguns professores pensam que sou menos inteligente do que na verdade sou, só por causa do meu grupo de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Nas aulas de educação física, os meus colegas escolhem-me poucas vezes para ficar na equipa deles, só por causa do meu grupo étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Alguns professores agem como se pensassem que sou desonesto só por causa do meu meio de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Quando temos de fazer um trabalho em grupo, sinto que os meus colegas escolhem-me poucas vezes para ficar no grupo deles, por causa da etnia a que pertença.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sinto que quando tenho uma dúvida ou quero perguntar alguma coisa, alguns professores ignoram-me por causa do meu meio de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Alguns professores chamam-me menos vezes do que aos meus colegas por causa do meu grupo de origem étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Sinto que os meus colegas comportam-se habitualmente de uma forma injusta ou negativa em relação ao meu grupo étnico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente

Anexo F

Coeficiente de Consistência Interna da Sub-escala de Auto-estima

Cálculo da Consistência Interna

(Alfa de Cronbach)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	382	98,7
	Excluded ^a	5	1,3
	Total	387	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,766	6

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EAC10_AE	14,98	7,834	,477	,742
EAC20_AE	14,45	8,684	,348	,772
EAC30_AE	14,63	8,045	,571	,718
EAC40_AE	14,41	7,881	,592	,712
EAC50_AE	14,35	8,292	,503	,734
EAC53_AE	14,67	7,246	,591	,709

Anexo G

Análises Factoriais e Coeficientes de Consistência Interna da
Escala de Identidade Étnica e da
Escala de Orientação para os
Outros Grupos

Escala de Identidade Étnica e Escala de Orientação para os Outros Grupos

1ª Análise Factorial

Communalities

	Initial	Extraction
IE1_Afirm	1,000	,353
IE2_Exp	1,000	,553
IE3_OGO	1,000	,459
IE4_Exp	1,000	,344
IE5_Exp	1,000	,631
IE6_Afirm	1,000	,605
IE7_OGO	1,000	,614
IE8_Exp	1,000	,647
IE9_Afirm	1,000	,522
IE10_OGO	1,000	,362
IE11_Res	1,000	,543
IE12_Exp	1,000	,511
IE13_OGO	1,000	,654
IE17_OGO	1,000	,684
IE14_Afirm	1,000	,703
IE15_Res	1,000	,611
IE16_Exp	1,000	,697
IE18_Res	1,000	,580
IE19_Res	1,000	,613
IE20_Afirm	1,000	,700
IE21_OGO	1,000	,590
IE22_Exp	1,000	,558
IE23_Afirm	1,000	,633

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

	Component			
	1	2	3	4
IE14_Afirm	,815			
IE20_Afirm	,801			
IE19_Res	,714			
IE15_Res	,705			
IE6_Afirm	,696			
IE11_Res	,692			
IE23_Afirm	,687			
IE18_Res	,569			
IE9_Afirm	,556			
IE1_Afirm	,553			
IE8_Exp		,729		
IE22_Exp		,711		
IE12_Exp		,667		
IE4_Exp		,520		
IE17_OGO			,811	
IE13_OGO			,784	
IE7_OGO			,774	
IE21_OGO			,755	
IE2_Exp				,718
IE3_OGO				,670
IE10_OGO				

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

Legenda: Afirm – Afirmação; Res – Resolução; Exp – Exploração; OGO – Orientação para os outros grupos

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	7,298	31,728	31,728	7,298	31,728	31,728	5,024	21,842	21,842
2	2,443	10,620	42,348	2,443	10,620	42,348	3,810	16,566	38,408
3	1,981	8,612	50,960	1,981	8,612	50,960	2,792	12,139	50,547
4	1,446	6,288	57,248	1,446	6,288	57,248	1,541	6,701	57,248
5	,974	4,237	61,485						
6	,961	4,177	65,662						
7	,779	3,387	69,049						
8	,748	3,250	72,299						
9	,721	3,134	75,433						
10	,652	2,835	78,268						
11	,603	2,621	80,889						
12	,520	2,259	83,148						
13	,481	2,090	85,238						
14	,450	1,957	87,195						
15	,434	1,889	89,084						
16	,415	1,804	90,888						
17	,395	1,719	92,607						
18	,346	1,504	94,111						
19	,332	1,442	95,552						
20	,319	1,385	96,937						
21	,276	1,199	98,136						
22	,233	1,014	99,150						
23	,196	,850	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Escala de Identidade Étnica e Escala de Orientação para os Outros Grupos

2ª Análise Factorial

Communalities			Rotated Component Matrix ^a				
	Initial	Extraction		Component			
				1	2	3	4
IE1_Afirm	1,000	,480	IE19_Res	,784			
IE4_Exp	1,000	,360	IE15_Res	,758			
IE5_Exp	1,000	,684	IE11_Res	,745			
IE7_OGO	1,000	,665	IE18_Res	,680			
IE8_Exp	1,000	,637	IE23_Afirm	,675			
IE9_Afirm	1,000	,733	IE20_Afirm	,666			
IE11_Res	1,000	,601	IE14_Afirm	,594			,584
IE12_Exp	1,000	,517	IE5_Exp		,808		
IE13_OGO	1,000	,684	IE16_Exp		,806		
IE17_OGO	1,000	,696	IE8_Exp		,730		
IE14_Afirm	1,000	,737	IE22_Exp		,698		
IE15_Res	1,000	,647	IE12_Exp		,660		
IE16_Exp	1,000	,694	IE4_Exp		,546		
IE18_Res	1,000	,619	IE17_OGO			,819	
IE19_Res	1,000	,696	IE7_OGO			,797	
IE20_Afirm	1,000	,711	IE13_OGO			,777	
IE21_OGO	1,000	,614	IE21_OGO			,772	
IE22_Exp	1,000	,565	IE9_Afirm				,839
IE23_Afirm	1,000	,646	IE1_Afirm				,597

Extraction Method: Principal
Component Analysis.

Extraction Method: Principal Component Analysis.
Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.
a. Rotation converged in 6 iterations.

Legenda: Afirm – Afirmação; Res – Resolução; Exp – Exploração; OGO – Orientação para os outros grupos

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	6,779	35,678	35,678	6,779	35,678	35,678	3,896	20,505	20,505
2	2,278	11,991	47,670	2,278	11,991	47,670	3,582	18,855	39,361
3	1,915	10,079	57,749	1,915	10,079	57,749	2,688	14,146	53,507
4	1,012	5,329	63,078	1,012	5,329	63,078	1,818	9,571	63,078
5	,894	4,703	67,780						
6	,756	3,977	71,758						
7	,673	3,542	75,300						
8	,612	3,220	78,520						
9	,532	2,801	81,321						
10	,487	2,566	83,887						
11	,453	2,383	86,270						
12	,417	2,194	88,464						
13	,413	2,174	90,639						
14	,377	1,984	92,623						
15	,346	1,818	94,441						
16	,334	1,758	96,199						
17	,283	1,488	97,687						
18	,241	1,270	98,958						
19	,198	1,042	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Escala de Identidade Étnica e Escala de Orientação para os Outros Grupos

3ª Análise Factorial

Communalities

	Initial	Extraction
IE1_Afirm	1,000	,465
IE4_Exp	1,000	,351
IE5_Exp	1,000	,684
IE7_OGO	1,000	,663
IE11_Res	1,000	,622
IE12_Exp	1,000	,519
IE13_OGO	1,000	,686
IE17_OGO	1,000	,697
IE14_Afirm	1,000	,741
IE15_Res	1,000	,678
IE16_Exp	1,000	,698
IE18_Res	1,000	,603
IE19_Res	1,000	,709
IE20_Afirm	1,000	,707
IE21_OGO	1,000	,615
IE22_Exp	1,000	,566
IE8_Exp	1,000	,636
IE9_Afirm	1,000	,748

Extraction Method: Principal

Component Analysis.

Rotated Component Matrix^a

	Component			
	1	2	3	4
IE16_Exp	,814			
IE5_Exp	,809			
IE8_Exp	,736			
IE22_Exp	,712			
IE12_Exp	,666			
IE4_Exp	,531			
IE19_Res		,781		
IE15_Res		,771		
IE11_Res		,752		
IE18_Res		,657		
IE20_Afirm		,630		,500
IE17_OGO			,821	
IE7_OGO			,796	
IE13_OGO			,780	
IE21_OGO			,772	
IE9_Afirm				,855
IE14_Afirm		,561		,613
IE1_Afirm				,586

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

Legenda: Afirm – Afirmação; Res – Resolução; Exp – Exploração; OGO – Orientação para os outros grupos

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	6,217	34,539	34,539	6,217	34,539	34,539	3,557	19,760	19,760
2	2,275	12,638	47,176	2,275	12,638	47,176	3,299	18,330	38,091
3	1,894	10,523	57,700	1,894	10,523	57,700	2,667	14,814	52,905
4	1,003	5,570	63,270	1,003	5,570	63,270	1,866	10,365	63,270
5	,882	4,902	68,172						
6	,741	4,118	72,290						
7	,665	3,692	75,982						
8	,608	3,380	79,363						
9	,526	2,922	82,285						
10	,487	2,708	84,993						
11	,451	2,508	87,501						
12	,417	2,315	89,816						
13	,388	2,155	91,971						
14	,346	1,920	93,891						
15	,334	1,857	95,748						
16	,315	1,747	97,495						
17	,252	1,402	98,897						
18	,198	1,103	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Cálculo da Consistência Interna

(Alfa de Cronbach)

Dimensões:

- Afirmação

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	380	98,2
Cases Excluded ^a	7	1,8
Total	387	100,0

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,757	4

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
IE1_Afirm	10,04	4,012	,441	,756
IE9_Afirm	9,90	3,332	,466	,767
IE14_Afirm	9,84	3,273	,726	,607
IE20_Afirm	9,95	3,538	,634	,661

-Exploração

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	381	98,4
Cases Excluded ^a	6	1,6
Total	387	100,0

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,844	6

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
IE4_Exp	13,68	13,754	,466	,846
IE5_Exp	14,29	12,052	,671	,809
IE8_Exp	14,14	12,318	,672	,809
IE12_Exp	14,11	12,469	,604	,822
IE16_Exp	14,25	12,006	,714	,800
IE22_Exp	14,25	12,342	,616	,820

- Resolução

Case Processing Summary

	N	%
Valid	384	99,2
Cases Excluded ^a	3	,8
Total	387	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,833	4

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
IE11_Res	9,26	3,854	,631	,803
IE15_Res	9,41	3,897	,670	,787
IE18_Res	9,47	3,681	,648	,797
IE19_Res	9,34	3,725	,704	,771

Identidade Étnica Global

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	366	94,6
	Excluded ^a	21	5,4
	Total	387	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,879	18

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
IE4_Exp	52,53	65,970	,476	,873
IE5_Exp	53,14	63,998	,548	,870
IE8_Exp	52,98	63,095	,647	,866
IE12_Exp	52,98	64,191	,539	,871
IE16_Exp	53,12	63,781	,588	,869
IE22_Exp	53,11	64,200	,532	,871
IE11_Res	52,55	65,667	,557	,870
IE14_Afirm	52,40	64,953	,635	,868
IE15_Res	52,71	65,401	,619	,869
IE18_Res	52,78	64,311	,638	,867
IE19_Res	52,64	64,981	,633	,868
IE20_Afirm	52,50	65,210	,643	,868
IE7_OGO	52,51	68,601	,309	,879
IE13_OGO	52,37	68,180	,391	,876
IE17_OGO	52,44	67,940	,393	,876
IE21_OGO	52,75	67,598	,336	,879
IE9_Afirm	52,45	69,349	,195	,885
IE1_Afirm	52,58	67,548	,440	,874

Orientação para os Outros Grupos

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	378	97,7
	Excluded ^a	9	2,3
	Total	387	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,813	4

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
IE7_OGO	9,84	3,846	,619	,772
IE13_OGO	9,70	4,030	,648	,762
IE17_OGO	9,79	3,791	,677	,745
IE21_OGO	10,07	3,557	,604	,785

Anexo H

Análises Factoriais e Coeficientes de Consistência Interna da Escala de Discriminação Étnica
Percepcionada “*Os Outros face a minha Etnia*”

Escala de Discriminação Étnica Percepçionada “Os Outros face à minha Etnia”

1ª Análise Factorial

Communalities		
	Initial	Extraction
EDP1_Prof	1,000	,682
EDP2_Col	1,000	,515
EDP3_Prof	1,000	,706
EDP4_Col	1,000	,702
EDP5_Prof	1,000	,685
EDP6_Col	1,000	,757
EDP7_Prof	1,000	,681
EDP8_Col	1,000	,644
EDP9_Prof	1,000	,698
EDP10_Col	1,000	,626
EDP11_Prof	1,000	,734
EDP12_Prof	1,000	,711
EDP13_Col	1,000	,773
EDP14_Prof	1,000	,680
EDP15_Col	1,000	,713
EDP16_Prof	1,000	,730
EDP17_Col	1,000	,686
EDP18_Prof	1,000	,704
EDP19_Prof	1,000	,722
EDP20_Col	1,000	,721

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Legenda: EDP_Prof – Discriminação percepçionada perpetrada pelos professores;

EDP_Col – Discriminação percepçionada perpetrada pelos colegas

Rotated Component Matrix^a

	Component	
	1	2
EDP1_Prof	,794	
EDP2_Col		,697
EDP3_Prof	,779	
EDP4_Col		,762
EDP5_Prof	,716	
EDP6_Col		,745
EDP7_Prof	,748	
EDP8_Col	,547	,588
EDP9_Prof	,749	
EDP10_Col		,657
EDP11_Prof	,695	,502
EDP12_Prof	,772	
EDP13_Col		,764
EDP14_Prof	,636	,525
EDP15_Col		,773
EDP16_Prof	,736	
EDP17_Col		,718
EDP18_Prof	,771	
EDP19_Prof	,716	
EDP20_Col		,773

Extraction Method: Principal

Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser

Normalization.

a. Rotation converged in 3 iterations.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	12,561	62,806	62,806	12,561	62,806	62,806	7,447	37,233	37,233
2	1,310	6,549	69,354	1,310	6,549	69,354	6,424	32,122	69,354
3	,727	3,633	72,988						
4	,651	3,257	76,245						
5	,521	2,603	78,848						
6	,494	2,472	81,319						
7	,444	2,220	83,539						
8	,375	1,874	85,413						
9	,356	1,780	87,193						
10	,341	1,704	88,897						
11	,319	1,597	90,494						
12	,288	1,440	91,934						
13	,263	1,317	93,250						
14	,246	1,230	94,480						
15	,234	1,168	95,647						
16	,212	1,060	96,707						
17	,187	,937	97,644						
18	,181	,903	98,547						
19	,159	,796	99,343						
20	,131	,657	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Escala de Discriminação Étnica Percepcionada “*Os Outros face à minha Etnia*”

2ª Análise Factorial

Communalities		
	Initial	Extraction
EDP1_Prof	1,000	,685
EDP2_Col	1,000	,526
EDP3_Prof	1,000	,713
EDP4_Col	1,000	,704
EDP5_Prof	1,000	,680
EDP6_Col	1,000	,751
EDP7_Prof	1,000	,688
EDP9_Prof	1,000	,700
EDP10_Col	1,000	,622
EDP12_Prof	1,000	,711
EDP13_Col	1,000	,771
EDP15_Col	1,000	,712
EDP16_Prof	1,000	,738
EDP17_Col	1,000	,695
EDP18_Prof	1,000	,718
EDP19_Prof	1,000	,721
EDP20_Col	1,000	,732

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Legenda: EDP_Prof – Discriminação percebida perpetrada pelos professores;

EDP_Col – Discriminação percebida perpetrada pelos colegas

Rotated Component Matrix^a

	Component	
	1	2
EDP1_Prof	,795	
EDP2_Col		,705
EDP3_Prof	,782	
EDP4_Col		,767
EDP5_Prof	,709	
EDP6_Col		,741
EDP7_Prof	,752	
EDP9_Prof	,751	
EDP10_Col		,656
EDP12_Prof	,770	
EDP13_Col		,765
EDP15_Col		,772
EDP16_Prof	,740	
EDP17_Col		,719
EDP18_Prof	,776	
EDP19_Prof	,713	
EDP20_Col		,780

Extraction Method: Principal

Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser
Normalization.

a. Rotation converged in 3 iterations.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	10,570	62,177	62,177	10,570	62,177	62,177	6,268	36,873	36,873
2	1,298	7,634	69,811	1,298	7,634	69,811	5,599	32,938	69,811
3	,704	4,143	73,953						
4	,644	3,785	77,739						
5	,491	2,891	80,630						
6	,446	2,626	83,256						
7	,382	2,245	85,500						
8	,344	2,022	87,522						
9	,323	1,898	89,420						
10	,311	1,827	91,247						
11	,279	1,640	92,887						
12	,251	1,477	94,364						
13	,235	1,382	95,746						
14	,222	1,304	97,050						
15	,189	1,111	98,160						
16	,162	,950	99,111						
17	,151	,889	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Cálculo da Consistência Interna

(Alfa de Cronbach)

Discriminação Percepcionada Perpetrada pelos Professores

Case Processing Summary

	N	%
Valid	377	97,4
Cases Excluded ^a	10	2,6
Total	387	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,948	9

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EDP1_Prof	12,28	35,541	,768	,943
EDP3_Prof	12,25	35,119	,790	,942
EDP5_Prof	12,29	35,718	,769	,943
EDP7_Prof	12,35	35,770	,781	,942
EDP9_Prof	12,33	34,837	,790	,942
EDP12_Prof	12,35	35,867	,804	,941
EDP16_Prof	12,33	35,318	,830	,940
EDP18_Prof	12,35	35,436	,800	,941
EDP19_Prof	12,33	35,445	,816	,940

Discriminação Percepcionada Perpetrada pelos Colegas

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	378	97,7
	Excluded ^a	9	2,3
	Total	387	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,934	8

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EDP2_Col	10,72	27,866	,629	,935
EDP4_Col	10,63	25,459	,786	,924
EDP6_Col	10,73	26,224	,822	,922
EDP10_Col	10,68	26,404	,724	,929
EDP13_Col	10,71	26,061	,836	,921
EDP15_Col	10,67	25,764	,787	,924
EDP17_Col	10,71	26,526	,779	,925
EDP20_Col	10,66	25,382	,805	,923

Escala de Discriminação Étnica Global

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	369	95,3
	Excluded ^a	18	4,7
	Total	387	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,963	17

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EDP1_Prof	24,49	125,446	,707	,961
EDP2_Col	24,59	129,031	,594	,963
EDP3_Prof	24,46	124,092	,759	,960
EDP4_Col	24,50	123,669	,756	,960
EDP5_Prof	24,51	124,430	,781	,960
EDP6_Col	24,60	124,850	,810	,960
EDP7_Prof	24,57	125,132	,759	,960
EDP9_Prof	24,54	123,184	,778	,960
EDP10_Col	24,54	124,933	,736	,961
EDP12_Prof	24,57	125,338	,776	,960
EDP13_Col	24,58	124,630	,816	,959
EDP15_Col	24,55	124,905	,737	,961
rof	24,55	124,030	,820	,959
EDP17_Col	24,58	125,652	,768	,960
EDP18_Prof	24,57	124,686	,768	,960
EDP19_Prof	24,55	124,009	,821	,959
EDP20_Col	24,53	124,076	,757	,960

Anexo I

Diferenças Inter-grupais nos Níveis de Identidade Étnica Global – Teste *t-student* para
Amostras Independentes

Group Statistics

	Etnia_Nac_Global	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
IE_GLOBAL	Minorias	129	3,1677	,52008	,04579
	Portugueses	249	3,0454	,52951	,03356

Legenda: Minorias – grupo das etnias minoritárias; Portugueses – grupo da etnia portuguesa

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
IE_GLOBAL	Equal variances assumed	,120	,730	2,141	376	,033	,12223	,05710	,00997	,23450
	Equal variances not assumed			2,153	263,214	,032	,12223	,05677	,01045	,23401

Anexo J

Diferenças Inter-grupais na Identidade Étnica Global – ANOVA e Teste de *Tukey* HSD

Descriptive Statistics

Dependent Variable: IE_GLOBAL

Between-Subjects Factors		
	Value Label	N
Etnia_Nac	1,00	PALOP 41
	2,00	Portuguesa 249
	3,00	Mistos 40
	4,00	Outros 48

Etnia_Nac	Mean	Std. Deviation	N
PALOP	3,2757	,46011	41
Portuguesa	3,0454	,52951	249
Mistos	3,1067	,44132	40
Outros	3,1262	,61622	48
Total	3,0871	,52881	378

Legenda: PALOP – etnias africanas (PALOP); Portuguesa – etnia portuguesa; Mistos – etnias luso-africanas; Outros – outras etnias

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: IE_GLOBAL

F	df1	df2	Sig.
2,475	3	374	,061

Tests the null hypothesis that the error variance of the dependent variable is equal across groups.

a. Design: Intercept + Etnia_Nac

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: IE_GLOBAL

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	1,980 ^a	3	,660	2,386	,069
Intercept	2122,893	1	2122,893	7675,217	,000
Etnia_Nac	1,980	3	,660	2,386	,069
Error	103,445	374	,277		
Total	3707,929	378			
Corrected Total	105,425	377			

a. R Squared = ,019 (Adjusted R Squared = ,011)

Multiple Comparisons

Dependent Variable: IE_GLOBAL

Tukey HSD

(I) Etnia_Nac	(J) Etnia_Nac	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
PALOP	Portuguesa	,2303 [*]	,08864	,048	,0016	,4591
	Mistos	,1691	,11688	,471	-,1325	,4707
	Outros	,1496	,11184	,540	-,1390	,4382
Portuguesa	PALOP	-,2303 [*]	,08864	,048	-,4591	-,0016
	Mistos	-,0612	,08959	,903	-,2924	,1699
	Outros	-,0807	,08290	,764	-,2947	,1332
Mistos	PALOP	-,1691	,11688	,471	-,4707	,1325
	Portuguesa	,0612	,08959	,903	-,1699	,2924
	Outros	-,0195	,11259	,998	-,3100	,2711
Outros	PALOP	-,1496	,11184	,540	-,4382	,1390
	Portuguesa	,0807	,08290	,764	-,1332	,2947
	Mistos	,0195	,11259	,998	-,2711	,3100

Based on observed means.

The error term is Mean Square(Error) = ,277.

*. The mean difference is significant at the ,05 level.

IE_GLOBAL

Tukey HSD

Etnia_Nac	N	Subset
		1
Portuguesa	249	3,0454
Mistos	40	3,1067
Outros	48	3,1262
PALOP	41	3,2757
Sig.		,106

Anexo K

Diferenças Inter-grupais nas Dimensões da Identidade Étnica – MANOVA

e Teste de *Tukey* HSD

Diferenças Inter-grupais nas Dimensões da Identidade Étnica – Grupos Principais

Between-Subjects Factors

		Value Label	N
Etnia_Nac_Global	1,00	Minorias	129
	2,00	Portugueses	249

Legenda: Minorias – grupo das etnias minoritárias; Portugueses – grupo da etnia portuguesa

Descriptive Statistics

	Etnia_Nac_Global	Mean	Std. Deviation	N
IE_AFIRM	Minorias	3,3740	,56703	129
	Portugueses	3,2774	,63144	249
	Total	3,3104	,61119	378
IE_EXP	Minorias	2,9261	,71717	129
	Portugueses	2,7742	,68578	249
	Total	2,8260	,69943	378
IE_RES	Minorias	3,2028	,62142	129
	Portugueses	3,0847	,63066	249
	Total	3,1250	,62920	378

Box's Test of Equality of Covariance Matrices^a

Box's M	4,440
F	,733
df1	6
df2	443948,088
Sig.	,623

Multivariate Tests^a

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
Intercept	Pillai's Trace	,971	4139,696 ^b	3,000	374,000	,000
	Wilks' Lambda	,029	4139,696 ^b	3,000	374,000	,000
	Hotelling's Trace	33,206	4139,696 ^b	3,000	374,000	,000
	Roy's Largest Root	33,206	4139,696 ^b	3,000	374,000	,000
Etnia_Nac_Global	Pillai's Trace	,013	1,604 ^b	3,000	374,000	,188
	Wilks' Lambda	,987	1,604 ^b	3,000	374,000	,188
	Hotelling's Trace	,013	1,604 ^b	3,000	374,000	,188
	Roy's Largest Root	,013	1,604 ^b	3,000	374,000	,188

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	IE_AFIRM	,793 ^a	1	,793	2,129	,145
	IE_EXP	1,962 ^b	1	1,962	4,042	,045
	IE_RES	1,187 ^c	1	1,187	3,013	,083
Intercept	IE_AFIRM	3759,526	1	3759,526	10094,394	,000
	IE_EXP	2761,130	1	2761,130	5689,677	,000
	IE_RES	3359,350	1	3359,350	8530,712	,000
Etnia_Nac_Global	IE_AFIRM	,793	1	,793	2,129	,145
	IE_EXP	1,962	1	1,962	4,042	,045
	IE_RES	1,187	1	1,187	3,013	,083
Error	IE_AFIRM	140,036	376	,372		
	IE_EXP	182,468	376	,485		
	IE_RES	148,067	376	,394		
Total	IE_AFIRM	4283,250	378			
	IE_EXP	3203,272	378			
	IE_RES	3840,660	378			
Corrected Total	IE_AFIRM	140,829	377			
	IE_EXP	184,430	377			
	IE_RES	149,253	377			

a. R Squared = ,006 (Adjusted R Squared = ,003)

b. R Squared = ,011 (Adjusted R Squared = ,008)

c. R Squared = ,008 (Adjusted R Squared = ,005)

Diferenças Inter-grupais nas Dimensões da Identidade Étnica – 4 Grupos

Between-Subjects Factors

	Value Label	N
Etnia_Nac	1,00 PALOP	41
	2,00 Portuguesa	249
	3,00 Mistos	40
	4,00 Outros	48

Legenda: PALOP – etnias africanas (PALOP); Portuguesa – etnia portuguesa; Mistos – etnias luso-africanas; Outros – outras etnias

Descriptive Statistics

	Etnia_Nac	Mean	Std. Deviation	N
IE_AFIRM	PALOP	3,5427	,47767	41
	Portuguesa	3,2774	,63144	249
	Mistos	3,2188	,49739	40
	Outros	3,3594	,65620	48
	Total	3,3104	,61119	378
IE_EXP	PALOP	3,0407	,66121	41
	Portuguesa	2,7742	,68578	249
	Mistos	2,9575	,73080	40
	Outros	2,8021	,74667	48
	Total	2,8260	,69943	378
IE_RES	PALOP	3,2439	,53470	41
	Portuguesa	3,0847	,63066	249
	Mistos	3,1437	,55438	40
	Outros	3,2170	,74073	48
	Total	3,1250	,62920	378

**Box's Test of Equality
of Covariance**

Matrices^a

Box's M	34,498
F	1,865
df1	18
df2	74387,569
Sig.	,014

Multivariate Tests^a

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
Intercept	Pillai's Trace	,956	2686,195 ^b	3,000	372,000	,000
	Wilks' Lambda	,044	2686,195 ^b	3,000	372,000	,000
	Hotelling's Trace	21,663	2686,195 ^b	3,000	372,000	,000
	Roy's Largest Root	21,663	2686,195 ^b	3,000	372,000	,000
Etnia_Nac	Pillai's Trace	,041	1,732	9,000	1122,000	,077
	Wilks' Lambda	,959	1,730	9,000	905,501	,078
	Hotelling's Trace	,042	1,726	9,000	1112,000	,079
	Roy's Largest Root	,026	3,200 ^c	3,000	374,000	,023

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

	F	df1	df2	Sig.
IE_AFIRM	2,582	3	374	,053
IE_EXP	1,194	3	374	,312
IE_RES	1,809	3	374	,145

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	IE_AFIRM	2,934 ^a	3	,978	2,652	,048
	IE_EXP	3,277 ^b	3	1,092	2,255	,082
	IE_RES	1,405 ^c	3	,468	1,185	,315
Intercept	IE_AFIRM	2418,023	1	2418,023	6558,166	,000
	IE_EXP	1804,517	1	1804,517	3725,532	,000
	IE_RES	2168,913	1	2168,913	5486,521	,000
Etnia_Nac	IE_AFIRM	2,934	3	,978	2,652	,048
	IE_EXP	3,277	3	1,092	2,255	,082
	IE_RES	1,405	3	,468	1,185	,315
Error	IE_AFIRM	137,895	374	,369		
	IE_EXP	181,152	374	,484		
	IE_RES	147,848	374	,395		
Total	IE_AFIRM	4283,250	378			
	IE_EXP	3203,272	378			
	IE_RES	3840,660	378			
Corrected Total	IE_AFIRM	140,829	377			
	IE_EXP	184,430	377			
	IE_RES	149,253	377			

Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Etnia_Nac	(J) Etnia_Nac	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
IE_AFIRM	PALOP	Portuguesa	,2652 [*]	,10234	,049	,0011	,5293
		Mistos	,3239	,13495	,079	-,0243	,6722
		Outros	,1833	,12913	,488	-,1499	,5165
	Portuguesa	PALOP	-,2652 [*]	,10234	,049	-,5293	-,0011
		Mistos	,0587	,10343	,942	-,2082	,3256
		Outros	-,0819	,09572	,827	-,3289	,1651
	Mistos	PALOP	-,3239	,13495	,079	-,6722	,0243
		Portuguesa	-,0587	,10343	,942	-,3256	,2082
		Outros	-,1406	,13000	,701	-,4761	,1948
	Outros	PALOP	-,1833	,12913	,488	-,5165	,1499
		Portuguesa	,0819	,09572	,827	-,1651	,3289
		Mistos	,1406	,13000	,701	-,1948	,4761
IE_EXP	PALOP	Portuguesa	,2665	,11730	,107	-,0362	,5692
		Mistos	,0832	,15467	,950	-,3160	,4823
		Outros	,2386	,14800	,373	-,1434	,6205
	Portuguesa	PALOP	-,2665	,11730	,107	-,5692	,0362
		Mistos	-,1833	,11855	,411	-,4893	,1226
		Outros	-,0279	,10971	,994	-,3110	,2552
	Mistos	PALOP	-,0832	,15467	,950	-,4823	,3160
		Portuguesa	,1833	,11855	,411	-,1226	,4893
		Outros	,1554	,14900	,724	-,2291	,5399
	Outros	PALOP	-,2386	,14800	,373	-,6205	,1434
		Portuguesa	,0279	,10971	,994	-,2552	,3110
		Mistos	-,1554	,14900	,724	-,5399	,2291
IE_RES	PALOP	Portuguesa	,1592	,10597	,437	-,1142	,4327
		Mistos	,1002	,13973	,890	-,2604	,4607
		Outros	,0269	,13371	,997	-,3182	,3719
	Portuguesa	PALOP	-,1592	,10597	,437	-,4327	,1142
		Mistos	-,0591	,10710	,946	-,3355	,2173
		Outros	-,1323	,09911	,541	-,3881	,1234
	Mistos	PALOP	-,1002	,13973	,890	-,4607	,2604
		Portuguesa	,0591	,10710	,946	-,2173	,3355
		Outros	-,0733	,13461	,948	-,4206	,2741
	Outros	PALOP	-,0269	,13371	,997	-,3719	,3182
		Portuguesa	,1323	,09911	,541	-,1234	,3881

Mistos	,0733	,13461	,948	-,2741	,4206
--------	-------	--------	------	--------	-------

Based on observed means.

The error term is Mean Square(Error) = ,395.

*. The mean difference is significant at the ,05 level.

Anexo L

Associações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-Estima

Correlações de *Pearson*

Correlações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-estima para a Amostra Total

		AC_AE	IE_GLOBAL	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES
AC_AE	Pearson Correlation	1	,229**	,287**	,108*	,180**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,033	,000
	N	387	387	387	387	387
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,229**	1	,777**	,800**	,875**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000
	N	387	387	387	387	387
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,287**	,777**	1	,355**	,594**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000
	N	387	387	387	387	387
IE_EXP	Pearson Correlation	,108*	,800**	,355**	1	,562**
	Sig. (2-tailed)	,033	,000	,000		,000
	N	387	387	387	387	387
IE_RES	Pearson Correlation	,180**	,875**	,594**	,562**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	
	N	387	387	387	387	387

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-estima para o Grupo das Etnias
Minoritárias

		AC_AE	IE_GLOBAL	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES
AC_AE	Pearson Correlation	1	,293**	,342**	,190*	,203*
	Sig. (2-tailed)		,001	,000	,031	,021
	N	129	129	129	129	129
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,293**	1	,766**	,805**	,883**
	Sig. (2-tailed)	,001		,000	,000	,000
	N	129	129	129	129	129
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,342**	,766**	1	,334**	,625**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000
	N	129	129	129	129	129
IE_EXP	Pearson Correlation	,190*	,805**	,334**	1	,561**
	Sig. (2-tailed)	,031	,000	,000		,000
	N	129	129	129	129	129
IE_RES	Pearson Correlation	,203*	,883**	,625**	,561**	1
	Sig. (2-tailed)	,021	,000	,000	,000	
	N	129	129	129	129	129

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-estima para o Grupo da Etnia Portuguesa

		AC_AE	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES	IE_GLOBAL
AC_AE	Pearson Correlation	1	,256**	,056	,164**	,191**
	Sig. (2-tailed)		,000	,378	,010	,002
	N	249	249	249	249	249
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,256**	1	,355**	,583**	,782**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000
	N	249	249	249	249	249
IE_EXP	Pearson Correlation	,056	,355**	1	,561**	,795**
	Sig. (2-tailed)	,378	,000		,000	,000
	N	249	249	249	249	249
IE_RES	Pearson Correlation	,164**	,583**	,561**	1	,871**
	Sig. (2-tailed)	,010	,000	,000		,000
	N	249	249	249	249	249
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,191**	,782**	,795**	,871**	1
	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,000	,000	
	N	249	249	249	249	249

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-estima para o Grupo das Etnias Africanas (PALOP)

		AC_AE	IE_GLOBAL	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES
AC_AE	Pearson Correlation	1	,356*	,331*	,218	,353*
	Sig. (2-tailed)		,023	,034	,171	,024
	N	41	41	41	41	41
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,356*	1	,802**	,777**	,904**
	Sig. (2-tailed)	,023		,000	,000	,000
	N	41	41	41	41	41
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,331*	,802**	1	,303	,802**
	Sig. (2-tailed)	,034	,000		,054	,000
	N	41	41	41	41	41
IE_EXP	Pearson Correlation	,218	,777**	,303	1	,499**
	Sig. (2-tailed)	,171	,000	,054		,001
	N	41	41	41	41	41
IE_RES	Pearson Correlation	,353*	,904**	,802**	,499**	1
	Sig. (2-tailed)	,024	,000	,000	,001	
	N	41	41	41	41	41

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-estima para o Grupo das Etnias
Luso-Africanas

		AC_AE	IE_GLOBAL	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES
AC_AE	Pearson Correlation	1	,469**	,481**	,221	,397*
	Sig. (2-tailed)		,002	,002	,170	,011
	N	40	40	40	40	40
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,469**	1	,551**	,786**	,858**
	Sig. (2-tailed)	,002		,000	,000	,000
	N	40	40	40	40	40
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,481**	,551**	1	,027	,383*
	Sig. (2-tailed)	,002	,000		,867	,015
	N	40	40	40	40	40
IE_EXP	Pearson Correlation	,221	,786**	,027	1	,534**
	Sig. (2-tailed)	,170	,000	,867		,000
	N	40	40	40	40	40
IE_RES	Pearson Correlation	,397*	,858**	,383*	,534**	1
	Sig. (2-tailed)	,011	,000	,015	,000	
	N	40	40	40	40	40

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Identidade Étnica e a Auto-estima para o Grupo das
Outras Etnias

		AC_AE	IE_GLOBAL	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES
AC_AE	Pearson Correlation	1	,168	,252	,171	,025
	Sig. (2-tailed)		,253	,084	,246	,868
	N	48	48	48	48	48
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,168	1	,841**	,850**	,893**
	Sig. (2-tailed)	,253		,000	,000	,000
	N	48	48	48	48	48
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,252	,841**	1	,543**	,667**
	Sig. (2-tailed)	,084	,000		,000	,000
	N	48	48	48	48	48
IE_EXP	Pearson Correlation	,171	,850**	,543**	1	,633**
	Sig. (2-tailed)	,246	,000	,000		,000
	N	48	48	48	48	48
IE_RES	Pearson Correlation	,025	,893**	,667**	,633**	1
	Sig. (2-tailed)	,868	,000	,000	,000	
	N	48	48	48	48	48

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexos M e N

Diferenças Inter-grupais nas Percepções de Discriminação Étnica Global – MANOVA

Diferenças Inter-grupais nas Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada – MANOVA

Between-Subjects Factors

		Value Label	N
Etnia_Nac_Global	1,00	Minorias	129
	2,00	Portugueses	249

Legenda: Minorias – grupo das etnias minoritárias; Portugueses – grupo da etnia portuguesa

Descriptive Statistics

	Etnia_Nac_Global	Mean	Std. Deviation	N
EDP_GLOBAL	Minorias	1,6721	,76079	129
	Portugueses	1,4639	,65690	249
	Total	1,5350	,70010	378
EDP_Prof	Minorias	1,7105	,82695	129
	Portugueses	1,4593	,69479	249
	Total	1,5450	,75098	378
EDP_Col	Minorias	1,6296	,79322	129
	Portugueses	1,4693	,68809	249
	Total	1,5240	,72861	378

Box's Test of Equality of Covariance Matrices^a

Box's M	44,834
F	7,398
df1	6
df2	443948,088
Sig.	,000

Multivariate Tests^a

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
Intercept	Pillai's Trace	,822	575,623 ^b	3,000	374,000	,000
	Wilks' Lambda	,178	575,623 ^b	3,000	374,000	,000
	Hotelling's Trace	4,617	575,623 ^b	3,000	374,000	,000
	Roy's Largest Root	4,617	575,623 ^b	3,000	374,000	,000
Etnia_Nac_Global	Pillai's Trace	,027	3,467 ^b	3,000	374,000	,016
	Wilks' Lambda	,973	3,467 ^b	3,000	374,000	,016
	Hotelling's Trace	,028	3,467 ^b	3,000	374,000	,016
	Roy's Largest Root	,028	3,467 ^b	3,000	374,000	,016

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

	F	df1	df2	Sig.
EDP_GLOBAL	3,008	1	376	,084
EDP_Prof	6,883	1	376	,009
EDP_Col	,886	1	376	,347

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	EDP_GLOBAL	3,680 ^a	1	3,680	7,641	,006
	EDP_Prof	5,362 ^b	1	5,362	9,728	,002
	EDP_Col	2,183 ^c	1	2,183	4,146	,042
Intercept	EDP_GLOBAL	835,696	1	835,696	1735,052	,000
	EDP_Prof	853,792	1	853,792	1548,964	,000
	EDP_Col	816,028	1	816,028	1549,976	,000
Etnia_Nac_Global	EDP_GLOBAL	3,680	1	3,680	7,641	,006
	EDP_Prof	5,362	1	5,362	9,728	,002
	EDP_Col	2,183	1	2,183	4,146	,042
Error	EDP_GLOBAL	181,102	376	,482		
	EDP_Prof	207,252	376	,551		
	EDP_Col	197,956	376	,526		
Total	EDP_GLOBAL	1075,395	378			
	EDP_Prof	1114,922	378			
	EDP_Col	1078,070	378			
Corrected Total	EDP_GLOBAL	184,782	377			
	EDP_Prof	212,614	377			
	EDP_Col	200,138	377			

a. R Squared = ,020 (Adjusted R Squared = ,017)

b. R Squared = ,025 (Adjusted R Squared = ,023)

c. R Squared = ,011 (Adjusted R Squared = ,008)

Anexo O

Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima

Correlações de *Pearson*

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima para a Amostra Total

		AC_AE	EDP_Col	EDP_Prof	EDP_GLOBAL
AC_AE	Pearson Correlation	1	-,261**	-,195**	-,239**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000
	N	387	387	387	387
EDP_Col	Pearson Correlation	-,261**	1	,786**	,937**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000
	N	387	387	387	387
EDP_Prof	Pearson Correlation	-,195**	,786**	1	,953**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000
	N	387	387	387	387
EDP_GLOBAL	Pearson Correlation	-,239**	,937**	,953**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	
	N	387	387	387	387

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima no Grupo das Etnias Minoritárias

		AC_AE	EDP_GLOBAL	EDP_Prof	EDP_Col
AC_AE	Pearson Correlation	1	-,183*	-,123	-,228**
	Sig. (2-tailed)		,038	,167	,009
	N	129	129	129	129
EDP_GLOBAL	Pearson Correlation	-,183*	1	,948**	,928**
	Sig. (2-tailed)	,038		,000	,000
	N	129	129	129	129
EDP_Prof	Pearson Correlation	-,123	,948**	1	,760**
	Sig. (2-tailed)	,167	,000		,000
	N	129	129	129	129
EDP_Col	Pearson Correlation	-,228**	,928**	,760**	1
	Sig. (2-tailed)	,009	,000	,000	
	N	129	129	129	129

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima no
Grupo da Etnia Portuguesa

		AC_AE	EDP_GLOBAL	EDP_Prof	EDP_Col
AC_AE	Pearson Correlation	1	-,283**	-,249**	-,291**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000
	N	249	249	249	249
EDP_GLOBAL	Pearson Correlation	-,283**	1	,956**	,943**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000
	N	249	249	249	249
EDP_Prof	Pearson Correlation	-,249**	,956**	1	,803**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000
	N	249	249	249	249
EDP_Col	Pearson Correlation	-,291**	,943**	,803**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	
	N	249	249	249	249

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima no
Grupo das Etnias Africanas (PALOP)

		AC_AE	EDP_GLOBAL	EDP_Prof	EDP_Col
AC_AE	Pearson Correlation	1	-,275	-,191	-,350*
	Sig. (2-tailed)		,082	,231	,025
	N	41	41	41	41
EDP_GLOBAL	Pearson Correlation	-,275	1	,969**	,959**
	Sig. (2-tailed)	,082		,000	,000
	N	41	41	41	41
EDP_Prof	Pearson Correlation	-,191	,969**	1	,860**
	Sig. (2-tailed)	,231	,000		,000
	N	41	41	41	41
EDP_Col	Pearson Correlation	-,350*	,959**	,860**	1
	Sig. (2-tailed)	,025	,000	,000	
	N	41	41	41	41

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima no
Grupo das Etnias Luso-Africanas

		AC_AE	EDP_GLOBAL	EDP_Prof	EDP_Col
AC_AE	Pearson Correlation	1	-,134	-,069	-,193
	Sig. (2-tailed)		,409	,673	,232
	N	40	40	40	40
EDP_GLOBAL	Pearson Correlation	-,134	1	,961**	,954**
	Sig. (2-tailed)	,409		,000	,000
	N	40	40	40	40
EDP_Prof	Pearson Correlation	-,069	,961**	1	,833**
	Sig. (2-tailed)	,673	,000		,000
	N	40	40	40	40
EDP_Col	Pearson Correlation	-,193	,954**	,833**	1
	Sig. (2-tailed)	,232	,000	,000	
	N	40	40	40	40

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a Auto-estima no
Grupo das Outras Etnias

		AC_AE	EDP_GLOBAL	EDP_Prof	EDP_Col
AC_AE	Pearson Correlation	1	-,154	-,116	-,172
	Sig. (2-tailed)		,295	,433	,242
	N	48	48	48	48
EDP_GLOBAL	Pearson Correlation	-,154	1	,933**	,896**
	Sig. (2-tailed)	,295		,000	,000
	N	48	48	48	48
EDP_Prof	Pearson Correlation	-,116	,933**	1	,677**
	Sig. (2-tailed)	,433	,000		,000
	N	48	48	48	48
EDP_Col	Pearson Correlation	-,172	,896**	,677**	1
	Sig. (2-tailed)	,242	,000	,000	
	N	48	48	48	48

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo P

Associações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percebida e as Dimensões da
Identidade Étnica

Correlações de *Pearson*

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a as Dimensões da
Identidade Étnica no Grupo das Etnias Minoritárias

		EDP_Col	EDP_Prof	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES	IE_GLOBAL
EDP_Col	Pearson Correlation	1	,760**	-,320**	-,166	-,221*	-,281**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,060	,012	,001
	N	129	129	129	129	129	129
EDP_Prof	Pearson Correlation	,760**	1	-,308**	-,072	-,121	-,193*
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,417	,172	,028
	N	129	129	129	129	129	129
IE_AFIRM	Pearson Correlation	-,320**	-,308**	1	,334**	,625**	,766**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000
	N	129	129	129	129	129	129
IE_EXP	Pearson Correlation	-,166	-,072	,334**	1	,561**	,805**
	Sig. (2-tailed)	,060	,417	,000		,000	,000
	N	129	129	129	129	129	129
IE_RES	Pearson Correlation	-,221*	-,121	,625**	,561**	1	,883**
	Sig. (2-tailed)	,012	,172	,000	,000		,000
	N	129	129	129	129	129	129
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	-,281**	-,193*	,766**	,805**	,883**	1
	Sig. (2-tailed)	,001	,028	,000	,000	,000	
	N	129	129	129	129	129	129

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a as Dimensões da
Identidade Étnica no Grupo da Etnia Portuguesa

		EDP_Col	EDP_Prof	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES	IE_GLOBAL
EDP_Col	Pearson Correlation	1	,803**	-,099	-,048	-,148*	-,119
	Sig. (2-tailed)		,000	,120	,449	,019	,061
	N	249	249	249	249	249	249
EDP_Prof	Pearson Correlation	,803**	1	-,150*	-,090	-,239**	-,193**
	Sig. (2-tailed)	,000		,018	,158	,000	,002
	N	249	249	249	249	249	249
IE_AFIRM	Pearson Correlation	-,099	-,150*	1	,355**	,583**	,782**
	Sig. (2-tailed)	,120	,018		,000	,000	,000
	N	249	249	249	249	249	249
IE_EXP	Pearson Correlation	-,048	-,090	,355**	1	,561**	,795**
	Sig. (2-tailed)	,449	,158	,000		,000	,000
	N	249	249	249	249	249	249
IE_RES	Pearson Correlation	-,148*	-,239**	,583**	,561**	1	,871**
	Sig. (2-tailed)	,019	,000	,000	,000		,000
	N	249	249	249	249	249	249
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	-,119	-,193**	,782**	,795**	,871**	1
	Sig. (2-tailed)	,061	,002	,000	,000	,000	
	N	249	249	249	249	249	249

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepçionada e a as Dimensões da
Identidade Étnica no Grupo das Etnias Afriacanas (PALOP)

		EDP_Col	EDP_Prof	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES	IE_GLOBAL
EDP_Col	Pearson Correlation	1	,860**	-,566**	-,310*	-,443**	-,516**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,048	,004	,001
	N	41	41	41	41	41	41
EDP_Prof	Pearson Correlation	,860**	1	-,480**	-,193	-,326*	-,385*
	Sig. (2-tailed)	,000		,001	,228	,037	,013
	N	41	41	41	41	41	41
IE_AFIRM	Pearson Correlation	-,566**	-,480**	1	,303	,802**	,802**
	Sig. (2-tailed)	,000	,001		,054	,000	,000
	N	41	41	41	41	41	41
IE_EXP	Pearson Correlation	-,310*	-,193	,303	1	,499**	,777**
	Sig. (2-tailed)	,048	,228	,054		,001	,000
	N	41	41	41	41	41	41
IE_RES	Pearson Correlation	-,443**	-,326*	,802**	,499**	1	,904**
	Sig. (2-tailed)	,004	,037	,000	,001		,000
	N	41	41	41	41	41	41
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	-,516**	-,385*	,802**	,777**	,904**	1
	Sig. (2-tailed)	,001	,013	,000	,000	,000	
	N	41	41	41	41	41	41

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a as Dimensões da
Identidade Étnica no Grupo das Etnias Luso-Africanas

		EDP_Col	EDP_Prof	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES	IE_GLOBAL
EDP_Col	Pearson Correlation	1	,833**	-,325*	,054	-,134	-,149
	Sig. (2-tailed)		,000	,040	,739	,408	,360
	N	40	40	40	40	40	40
EDP_Prof	Pearson Correlation	,833**	1	-,411**	,159	-,132	-,122
	Sig. (2-tailed)	,000		,008	,328	,418	,453
	N	40	40	40	40	40	40
IE_AFIRM	Pearson Correlation	-,325*	-,411**	1	,027	,383*	,551**
	Sig. (2-tailed)	,040	,008		,867	,015	,000
	N	40	40	40	40	40	40
IE_EXP	Pearson Correlation	,054	,159	,027	1	,534**	,786**
	Sig. (2-tailed)	,739	,328	,867		,000	,000
	N	40	40	40	40	40	40
IE_RES	Pearson Correlation	-,134	-,132	,383*	,534**	1	,858**
	Sig. (2-tailed)	,408	,418	,015	,000		,000
	N	40	40	40	40	40	40
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	-,149	-,122	,551**	,786**	,858**	1
	Sig. (2-tailed)	,360	,453	,000	,000	,000	
	N	40	40	40	40	40	40

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações entre as Dimensões da Discriminação Étnica Percepcionada e a as Dimensões da
Identidade Étnica no Grupo das Etnias Luso-Africanas

		EDP_Col	EDP_Prof	IE_AFIRM	IE_EXP	IE_RES	IE_GLOBAL
EDP_Col	Pearson Correlation	1	,677**	-,185	-,229	-,147	-,217
	Sig. (2-tailed)		,000	,207	,117	,318	,138
	N	48	48	48	48	48	48
EDP_Prof	Pearson Correlation	,677**	1	-,194	-,138	-,020	-,133
	Sig. (2-tailed)	,000		,187	,348	,891	,368
	N	48	48	48	48	48	48
IE_AFIRM	Pearson Correlation	-,185	-,194	1	,543**	,667**	,841**
	Sig. (2-tailed)	,207	,187		,000	,000	,000
	N	48	48	48	48	48	48
IE_EXP	Pearson Correlation	-,229	-,138	,543**	1	,633**	,850**
	Sig. (2-tailed)	,117	,348	,000		,000	,000
	N	48	48	48	48	48	48
IE_RES	Pearson Correlation	-,147	-,020	,667**	,633**	1	,893**
	Sig. (2-tailed)	,318	,891	,000	,000		,000
	N	48	48	48	48	48	48
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	-,217	-,133	,841**	,850**	,893**	1
	Sig. (2-tailed)	,138	,368	,000	,000	,000	
	N	48	48	48	48	48	48

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo Q

Diferenças Inter-Grupais na Orientação para os Outros Grupos – ANOVA

Between-Subjects Factors

		Value Label	N
Etnia_Nac_Global	1,00	Minorias	129
	2,00	Portugueses	249

Legenda: Minorias – grupo das etnias minoritárias; Portugueses – grupo da etnia portuguesa

Descriptive Statistics

Dependent Variable: OGO

Etnia_Nac_Global	Mean	Std. Deviation	N
Minorias	3,3721	,62708	129
Portugueses	3,2256	,63943	249
Total	3,2756	,63821	378

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: OGO

F	df1	df2	Sig.
,011	1	376	,917

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: OGO

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	1,824 ^a	1	1,824	4,521	,034
Intercept	3698,941	1	3698,941	9166,054	,000
Etnia_Nac_Global	1,824	1	1,824	4,521	,034
Error	151,734	376	,404		
Total	4209,264	378			
Corrected Total	153,558	377			

a. R Squared = ,012 (Adjusted R Squared = ,009)

Anexo R

Diferenças na Orientação para os Outros Grupos em função da Escola – ANOVA

Between-Subjects Factors

	Value Label	N
Escola 1	MG	180
Escola 2	PO	207

Legenda: MG – Escola 1; PO – Escola 2

Descriptive Statistics

Dependent Variable: OGO

Escola	Mean	Std. Deviation	N
MG	3,2028	,66551	180
PO	3,3390	,60659	207
Total	3,2756	,63748	387

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: OGO

F	df1	df2	Sig.
1,166	1	385	,281

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: OGO

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	1,786 ^a	1	1,786	4,433	,036
Intercept	4120,210	1	4120,210	10228,914	,000
Escola	1,786	1	1,786	4,433	,036
Error	155,078	385	,403		
Total	4309,264	387			
Corrected Total	156,864	386			

a. R Squared = ,011 (Adjusted R Squared = ,009)

Anexo S

Associações entre a Orientação para os Outros Grupos e as Dimensões da Identidade Étnica

Correlações de Pearson

Correlações entre a Orientação para os Out-groups e as Dimensões da Identidade Étnica no
Grupo das Etnias Minoritárias

		OGO	IE_AFIRM	IE_RES	IE_EXP	IE_GLOBAL
OGO	Pearson Correlation	1	,305**	,410**	,334**	,428**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000
	N	129	129	129	129	129
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,305**	1	,625**	,334**	,766**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000
	N	129	129	129	129	129
IE_RES	Pearson Correlation	,410**	,625**	1	,561**	,883**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000
	N	129	129	129	129	129
IE_EXP	Pearson Correlation	,334**	,334**	,561**	1	,805**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000
	N	129	129	129	129	129
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,428**	,766**	,883**	,805**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	
	N	129	129	129	129	129

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações entre a Orientação para os Out-groups e as Dimensões da Identidade Étnica no
Grupo da Etnia Portuguesa

		OGO	IE_AFIRM	IE_RES	IE_EXP	IE_GLOBAL
OGO	Pearson Correlation	1	,123	,169**	,195**	,200**
	Sig. (2-tailed)		,052	,008	,002	,001
	N	249	249	249	249	249
IE_AFIRM	Pearson Correlation	,123	1	,583**	,355**	,782**
	Sig. (2-tailed)	,052		,000	,000	,000
	N	249	249	249	249	249
IE_RES	Pearson Correlation	,169**	,583**	1	,561**	,871**
	Sig. (2-tailed)	,008	,000		,000	,000
	N	249	249	249	249	249
IE_EXP	Pearson Correlation	,195**	,355**	,561**	1	,795**
	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,000		,000
	N	249	249	249	249	249
IE_GLOBAL	Pearson Correlation	,200**	,782**	,871**	,795**	1
	Sig. (2-tailed)	,001	,000	,000	,000	
	N	249	249	249	249	249

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).